

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

**ARDUÍNO BOLIVAR: A TRAJETÓRIA DE UM INTELECTUAL
TRADICIONAL NA CIDADE DE BELO HORIZONTE**

Fabíola Fabiana Braga de Castro

Belo Horizonte
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Fabíola Fabiana Braga de Castro

**ARDUÍNO BOLIVAR: A TRAJETÓRIA DE UM INTELECTUAL
TRADICIONAL NA CIDADE DE BELO HORIZONTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciana Teixeira de Andrade

Belo Horizonte
2007

*À minha mãe,
que me ensinou a acreditar*

AGRADECIMENTOS

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Minas, pelo constante apoio.

À minha orientadora, Prof. Dr^a. Luciana Teixeira de Andrade, pela liberdade de escolha, pela total disponibilidade e rapidez e pelas ótimas idéias que me deu.

À minha mãe, pela torcida, pelas orações e por não me deixar desanimar.

À minha irmã Aline, que nas madrugadas ficava feliz ao escutar o barulhinho do teclado em meu quarto.

Aos meus queridos colegas de mestrado pela troca de idéias e pela descontração dos nossos encontros, poucos, mas preciosos.

Aos funcionários do Centro de Memória da PUC-Minas pela disponibilidade em me atender nas minhas pesquisas.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pela bolsa concedida nos 24 meses de meus estudos.

Aos meus gentis entrevistados, que tanto enriqueceram meu trabalho. À Lila, filha de Arduíno Bolívar, que me recebeu com tanto carinho, agradeço pela agradável conversa e pela brilhante idéia da família de doar os documentos de seu pai à PUC-Minas. A Francisco Carlos, sobrinho-neto de Bolívar e grande artista. A Manoel Hygino, escritor primoroso. A José Bento, também escritor, pela agradabilíssima manhã de conversa e pelos livros. A ele devo a epígrafe deste trabalho. A Adauto Rebouças, pelo seu belíssimo depoimento.

Ao Rodrigo, que soube entender meus momentos difíceis, de necessária reclusão, e pelo apoio que sempre me deu.

O papel e a tinta

Certo dia, uma folha de papel que estava em cima de uma mesa, junto com outras folhas exatamente iguais a ela, viu-se coberta de sinais. Uma pena, molhada de tinta preta, havia escrito uma porção de palavras em toda a folha.

- Será que você não podia ter me poupado esta humilhação? disse, furiosa, a folha de papel para a tinta.

- Espere! respondeu a tinta. – Eu não estraguei você. Eu cobri você de palavras. Agora você não é mais apenas uma folha de papel, mas sim uma mensagem. Você é a guardiã do pensamento humano. Você se transformou num documento precioso.

E, realmente, pouco depois, alguém foi arrumar a mesa e apanhou as folhas de papel para jogá-las na lareira. Mas subitamente reparou na folha escrita com tinta, e então jogou fora todas as outras, guardando apenas a que continha uma mensagem escrita.

Leonardo da Vinci

RESUMO

Arduíno Bolívar, intelectual, professor, tradutor e burocrata, foi importante figura na cidade de Belo Horizonte na primeira metade do século XX. Através do perfil biográfico de Bolívar, podem ser identificados muitos momentos da vida da cidade e seus habitantes. A convivência de Bolívar com os modernistas mineiros e sua participação na elite belorizontina revelam aspectos das relações de poder existentes na cidade àquela época. O principal objetivo desta dissertação é construir este perfil biográfico de Bolívar situado no contexto político e cultural da cidade de Belo Horizonte. Além disso, busca-se discutir a oposição entre o moderno e o tradicional na conjuntura da cidade e seus habitantes. A tensão entre a esfera pública e a esfera privada na sociedade brasileira é outra questão levantada. Para a realização deste trabalho foram pesquisados os documentos do Fundo Arduíno Bolívar, pertencente ao Centro de Memória da PUC-Minas e documentos da Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro, onde está localizado o acervo de Carlos Drummond de Andrade. Além da documentação textual, foram utilizadas entrevistas orais com contemporâneos de Bolívar e pesquisa bibliográfica. A partir daí foi construído o perfil biográfico de Arduíno Bolívar, tendo como pano de fundo a cidade de Belo Horizonte e seu cenário político-cultural.

Palavras-chave: Arduíno Bolívar, Belo Horizonte, tradição, modernidade, público, privado.

ABSTRACT

Arduíno Bolívar, intellectual, professor, translator and bureaucrat, was an important character in the city of Belo Horizonte in the first half of the 20th century. Through the bibliographic profile of Bolívar, many moments of life in this city and its inhabitants can be identified. The coexistence of Bolívar with the modernists of Minas Gerais and his participation in the elite of Belo Horizonte reveal aspects of power relations existents in the city at that time. The main objective of this dissertation is to do this biographic profile of Bolívar within the political and cultural context of the city of Belo Horizonte. Besides, it tries to discuss the opposition between modern and traditional in the state of affairs of the city and its inhabitants. The tension between the public and the private environment in brazilian society is another point discussed. To carry out this assignment, the following documents were researched: Arduíno Bolívar Fund, which belongs to the Memory Center of PUC-Minas, and Casa de Rui Barbosa Foundation, situated in Rio de Janeiro, where it also remains the collection of Carlos Drummond de Andrade besides the textual documentation, oral interviews with the contemporaries of Bolívar and bibliographic research were used. From this documents, the bibliographic profile of Arduíno Bolívar was done, with the city of Belo Horizonte and its political-cultural scenery serving as a wall paper.

Key-words: Arduíno Bolívar, Belo Horizonte, tradition, modernity, public, private.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	08
2 – ARDUÍNO BOLIVAR: UM BREVE PERFIL BIOGRÁFICO	16
2.1 – A Formação	17
2.2 – O Magistrado	23
2.3 – O Burocrata	23
2.4 – O Professor	31
2.5 – O Tradutor / Escritor	36
3 - BELO HORIZONTE: A MODERNIDADE POSSÍVEL	40
3.1 – Os Modernistas Mineiros e as Representações de Belo Horizonte	42
3.2 – Modernistas e Tradicionalistas Convivem na Capital Mineira	45
3.3 – A Tradição na República Velha	50
4 – ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO	56
4.1 – Encontros e Saraus	58
4.2 – O familismo e a ordem privada no Brasil	63
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
FONTES	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS	85

1 – INTRODUÇÃO

A história de vida de Arduíno Bolivar confunde-se com uma parte da história da cidade de Belo Horizonte. As casas de Bolivar, situadas à Rua Paraíba 1.053, endereço que hoje não existe mais, e posteriormente à Avenida Augusto de Lima 523, onde hoje está o Edifício Ouro Verde, foram palco de calorosas discussões políticas e locais de encontro de inúmeros artistas e escritores. Entre os freqüentadores desses ambientes, destacava-se a presença de Carlos Drummond de Andrade, aluno de latim de Bolivar dos tempos do Colégio Arnaldo. Posteriormente, freqüentaram tais reuniões os escritores que formavam o grupo conhecido como os cavaleiros do apocalipse: Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Rezende e Hélio Pellegrino. Os artistas que vinham se apresentar em Belo Horizonte, principalmente os músicos, após suas apresentações nos teatros seguiam para a casa de Bolivar, sempre aberta a concertos e saraus.

Nascido em 1873, na cidade de Viçosa, Arduíno Bolivar estudou no tradicional Colégio do Caraça. Chegou a cursar o primeiro ano da Escola de Farmácia de Ouro Preto, mas em 1902 tornou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na cidade de São Paulo. De volta a Minas Gerais exerceu cargos jurídicos como promotor e juiz. Além de lecionar em diversos colégios do interior e da capital, Bolivar foi professor da Faculdade de Filosofia, da Faculdade de Ciências Econômicas, da Faculdade de Direito da UFMG e da Escola de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, mais tarde incorporada à Universidade Católica de Minas Gerais. O professor foi também burocrata, ocupou cargos na administração pública de Minas Gerais.

A amizade de Arduíno Bolivar, Carlos Drummond de Andrade e outras personalidades da vanguarda mineira traduz bem o momento pelo qual passava Minas Gerais e o Brasil nas décadas de 1920 e 1930, um momento de transformação no qual o velho e o novo se deparam, confrontam e complementam. Bolivar é representante de uma geração tradicional, sua educação é clássica, enquanto os jovens artistas e escritores da época representam o pensamento moderno, livre das amarras do classicismo. Embora pertencentes a gerações diferentes, Bolivar e Drummond discutem bastante acerca da produção deste último, os dois ficavam horas trancados no escritório de Bolivar. A morte do mestre em 1952 deixou em Drummond muita saudade, ele escreveu diversas homenagens ao amigo, e a amizade com a família perduraria até a morte do poeta.

A relação entre a tradição e a modernidade marcou profundamente a Belo Horizonte de Bolívar e dos modernistas, a convivência entre as duas gerações produziu peculiaridades importantes para a história da cidade. Mas, apesar dessa convivência, Bolívar manteve as características tradicionais de sua formação, ele não se deixou influenciar pelo modernismo. Bolívar representa uma geração de intelectuais tradicionais que marcaram a trajetória do pensamento mineiro.

Arduíno Bolívar, típico filho de uma família mineira de classe média estudou no Colégio do Caraça, onde iniciou sua longa trajetória intelectual, que seria interrompida apenas em 1952, quando veio a falecer.

A discussão acerca da história intelectual em Minas Gerais, mais especificamente em Belo Horizonte, passa, obrigatoriamente, pela formação dos grupos intelectuais que se formaram e conviveram na cidade. A perspectiva de se analisar o aspecto cultural da elite mineira, no campo da literatura e da política, pode ser representada pelo que Falcon chama de uma história intelectual, inserida na História da Idéias, uma vez que trata da divulgação de idéias e opiniões de um grupo de pensadores. Segundo o mesmo autor, pode-se observar “a tendência da história intelectual de romper os limites disciplinares estabelecidos já que visa a inserir o estudo das idéias e atitudes no conjunto das práticas sociais.” (FALCON, 1997, p. 94).

A construção de biografias intelectuais vem se tornando tema recorrente nas Ciências Sociais, no Brasil e no mundo. Norbert Elias (1994) escreveu a biografia de Mozart, em seu texto ele trata as relações de Mozart com a sociedade em que vivia. Ao mesmo tempo em que retrata a trajetória do artista, recupera as formas de socialização da época em que ele viveu. “Tal estudo não é uma narrativa histórica, mas a elaboração de um modelo teórico verificável da configuração que uma pessoa – neste caso um artista do século XVIII – formava, em sua interdependência com outras figuras sociais da época.” (ELIAS, 1994, p. 18/19). Na mesma tradição de pesquisa, Hannah Arendt (1987) escreveu a biografia de judeus que lutaram contra o anti-semitismo alemão em tempos de guerra. Em “Homens em Tempos Sombrios” Arendt reconstituiu a trajetória de importantes figuras judias, como Rosa Luxemburgo e Walter Benjamin, e as relacionou com um contexto maior de toda uma geração.

No Brasil, Fernanda Peixoto (1998) também se utilizou de uma biografia como tema de sua tese de doutorado. A obra do francês Roger Bastide e seus diálogos com intelectuais brasileiros são analisados à luz do contexto intelectual brasileiro de 1938/1954, período em que Bastide viveu no Brasil. “[...] o diálogo como forma reflexiva e expositiva tem como vantagem adicional permitir uma articulação fina entre texto e contexto, na medida em que

insere o autor e seu pensamento no tempo e no espaço, conectando homens e idéias [...].” (PEIXOTO, 2000, p.21).

Ângela Alonso (2005) utilizou a biografia de Joaquim Nabuco para retratar as tensões do final do Império brasileiro, época em que ele viveu. Através da análise do estilo de vida de Nabuco, de sua militância política e da sua forma de pensar, a autora reconstrói a sua trajetória e a partir dela lança questões sobre a realidade brasileira do período retratado: “[...] a análise em profundidade da trajetória de Joaquim Nabuco visa evidenciar as tensões e impasses coletivos vividos por sua geração na transição da sociedade tradicional para a moderna no Brasil.” (ALONSO, 2005, p.5).

A história de vida de Bolívar se torna relevante nesse contexto, uma vez que possibilita retratar o pensamento social de uma época da cidade de Belo Horizonte. A partir de sua trajetória e suas experiências, podem-se apreender as relações sociais e intelectuais da cidade que abriga as ambigüidades do moderno.

A chegada de Arduíno Bolívar a Belo Horizonte se deu em 1914. Por esse motivo será priorizado o período 1914-1952 (ano de sua morte), em que ele desenvolveu sua carreira de burocrata e professor na capital mineira.

Sérgio Miceli analisa as relações entre intelectuais e classes dirigentes no Brasil. Ele mostra de que forma o serviço público acolheu intelectuais, escritores e artistas entre 1920 e 1945. Os intelectuais burocratas assumiam cargos de cúpula no poder executivo.

O valor social conferido à colaboração dessa elite transparece sobretudo nas recompensas com que foram brindados, sendo que as retribuições abertamente pecuniárias parecem desprezíveis se comparadas àquelas cujos lucros materiais e simbólicos derivam das eleições para a Academia Brasileira de Letras, para o Instituto Histórico e Geográfico, das designações para o desempenho de representações oficiais no Exterior ou para a participação de colegiados internacionais, dos conciliábulos para a indicação do presidente da Ordem dos Advogados e outras associações corporativas, das comendas e outros sinais de deferência. No mais, se incumbiam do trivial em que consiste a faina cotidiana de juristas de renome que eles todos eram: pareceres, assessoria a grupos econômicos, colaboração nos principais órgãos da imprensa. (MICELI, 1979, p. 148-149).

Os intelectuais tradicionais ingressavam no magistério superior, nas carreiras judiciárias ou no corpo diplomático. A criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras abriu novos cargos para o magistério superior através de disciplinas como Sociologia, Antropologia, Etnografia, Geografia Humana, Economia Política, Ciência Política. Bolívar se enquadra entre estes intelectuais que se apoiaram de alguma forma na burocracia do Estado.

Bolivar lecionou no magistério superior (1931-51), foi oficial de gabinete (1914-22), diretor do Arquivo Público Mineiro (1936-38), membro da Academia Mineira de Letras (1909-1952) e membro da Comissão Nacional do Livro Didático (1944), subcomissão da Língua Portuguesa e Línguas Antigas do Ministério da Educação e Saúde, sendo ministro o mineiro Gustavo Capanema, na presidência de Getúlio Vargas.

Arduíno Bolivar manteve seu perfil tradicional, embora tenha convivido e interagido com os modernistas. Ele pode ser visto como o que Heloísa Pontes (1998) chama de contraponto à geração modernista. Enquanto os modernistas estavam preocupados em inovar, Bolivar se mantinha ligado à cultura clássica. Poeta parnasiano não se deixou influenciar pela poesia modernista. Os caminhos de Bolivar e dos modernistas se cruzaram, mas cada um seguiu por um lado. “Latinista conspícuo, suas amizades cresciam muita vez entre escritores do modernismo, que não participavam de suas inclinações, mas se davam admiravelmente bem com o tradutor de Vergílio.” (ANDRADE, 1952).

Um dos aspectos mais interessantes da biografia de Bolivar é o contraponto: Bolivar entre os modernistas e Bolivar distante dos modernistas. Dessa forma, podemos pensar o movimento modernista mineiro e as convergências / divergências entre Bolivar e a geração modernista, assim como a dialética tradição / modernidade que marcou o pensamento mineiro.

O movimento modernista mineiro não foi concomitante ao paulista e ao carioca, como evidencia Affonso Ávila, contudo seu reflexo logo ficou evidente, e um ano depois da Semana de Arte Moderna Oswald de Andrade já fazia referência a Carlos Drummond de Andrade:

Os primeiros sinais de uma revolução literária de sentido modernista em Minas Gerais não devem ser sumariamente entendidos como uma consequência imediata da Semana de Arte Moderna de 1922. [...] Houvesse ou não intercâmbio já efetivo entre um e outro dos agrupamentos, o certo é que, apenas um ano depois da Semana, o paulista Oswald mencionava o mineiro Drummond [...]. (1972, p. 29).

Em 1924, após a visita da caravana modernista a Belo Horizonte, integrada por Oswald e Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e outros, o grupo mineiro composto por Drummond, Emílio Moura, João Alphonsus, Pedro Nava e outros, funda o importante periódico *A Revista*, que bem representará o peculiar modernismo mineiro. Ao mesmo tempo em que representa o pensamento vanguardista dos jovens mineiros, *A Revista* deixa clara a tradição mineira – também existente no campo intelectual – ao conciliar as novas idéias

surgidas no calor da Semana de 1922 às velhas idéias conservadoras e resistentes observadas em Minas Gerais.

Luciana Teixeira de Andrade percebe a visita da caravana modernista a Minas Gerais como a entrada da tradição no movimento modernista. “Não foi a única, mas uma das principais fontes da tradição em que o modernismo buscou as raízes da brasilidade.” (2004, p. 102). As transformações introduzidas pelo movimento modernista podem ser vistas como um processo de evolução no qual o passado é retomado, não havendo, pois, rupturas nesse sentido. A tradição a que se refere várias vezes o grupo mineiro, e que por ele é recuperada, diz respeito à identidade nacional, ou seja, busca no passado elementos que reforcem a cultura brasileira.

Os modernistas belo-horizontinos, como os paulistas, viviam o dilema de ter que desencadear um delicado processo de seleção do passado e da tradição. Se, por um lado, precisavam romper com o passado para se afirmarem como modernistas, por outro, ao se lançarem na tarefa de construção da nacionalidade, tiveram que beber em algumas fontes do passado. (ANDRADE, 2004, p.106).

Vemos, pois, que o modernismo em Belo Horizonte possui características próprias, se difere do modernismo paulista, ao mesmo tempo em que herda desse último o fervor e a vontade de divulgar as mudanças ocorridas na intelectualidade brasileira, tanto na literatura quanto na política. O primeiro exemplar do periódico mineiro, *A Revista*, traduz o estado de ânimo de Drummond e seus companheiros, eles pretendem politizar seus leitores e superar a velha tradição, não desprezá-la, nem tomá-la como princípio fundamental, mas utilizá-la como ponto de partida para novas idéias:

Somos pela renovação intelectual do Brasil, renovação que se tornou um imperativo categórico. Pugnamos pelo saneamento da tradição, que não pode continuar a ser o túmulo de nossas idéias, mas antes a fonte generosa de que elas dimanem. Somos finalmente um órgão político. [...] Será preciso dizer que temos um ideal? Ele se apóia no mais franco e decidido nacionalismo. (*A REVISTA apud ÁVILA*, 1972, p.31).¹

A presença de Arduíno Bolívar em meio aos intelectuais modernistas mineiros representa esse elo de ligação entre os tradicionais e os modernos, embora Bolívar não tenha sido influenciado pelos modernistas a ponto de se descaracterizar como professor e burocrata

¹ O texto de apresentação do primeiro número de *A Revista*, “Para os scepticos”, embora não tenha sido assinado, foi atribuído a Carlos Drummond de Andrade. O primeiro número de *A Revista* foi publicado em Belo Horizonte em julho de 1925.

tradicional. O acervo documental de Bolívar, doado pela família ao Centro de Memória da PUC Minas, possui correspondências que demonstram a convivência de Bolívar com os modernistas (especialmente Drummond) e outros intelectuais seus contemporâneos. Possui ainda documentos pessoais de Bolívar, além de diários de classe, planos de aula, relação de livros de sua biblioteca particular e diversos documentos avulsos². Na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, há dezessete cartas de Arduíno Bolívar para Carlos Drummond integrando o acervo do poeta modernista.

Fernando Correia Dias, estudioso do movimento intelectual dos jovens modernistas mineiros, retoma ainda a discussão sobre a imbricada relação entre o novo e o velho no modernismo mineiro. Para ele, “A consciência da importância da tradição autêntica e das vantagens da continuidade da vida intelectual mineira de nenhum modo inibiu o ímpeto inovador dos modernistas mineiros” (1975, p.172.). O autor discute ainda o excesso de prudência que os mineiros apresentam em alguns momentos, como consequência podemos perceber o atraso do grupo mineiro em publicar suas obras.

A relação entre a tradição e a modernidade é uma constante no que diz respeito à produção intelectual mineira. Nesse contexto de transformações e permanências está inserida a figura de Arduíno Bolívar. Embora tenha uma formação clássica e se destaque por suas traduções do grego e do latim, Bolívar interage com os modernistas, seja no campo literário, seja no político. As longas conversas e a variada correspondência com Drummond, além da amizade com Abgar Renault, Belmiro Braga, Alceu Amoroso Lima, Arthur Bernardes, entre outros, confirmam a influência desse grande intelectual mineiro no pensamento de seu tempo.

Bolívar pode ser pensado como um intelectual tradicional que interagiu com a geração modernista, muito embora carregasse fortes traços da cultura que se pretendia superar. Mas, como foi dito, o modernismo bebeu nas fontes da tradição, ele não a desprezou, a partir dela criou novas formas de pensamento e estética, amalgamando o novo e o velho na construção do que se considera modernismo mineiro.

A importância pública que Bolívar atingiu pode ser representada pelo fato de que seu nome se transformou em nome de rua. A Rua Arduíno Bolívar está situada em Belo Horizonte, no bairro Santo Antônio. De alguma forma Bolívar deixou impressa a marca de seu trabalho e foi reconhecido por isso.

² Tive a oportunidade de conhecer detalhadamente o acervo documental de Bolívar quando fui estagiária do Centro de Memória da PUC Minas. Reorganizei o Fundo Arduíno Bolívar e participei do projeto de digitalização desse acervo, patrocinado pela FAPEMIG através da Faculdade de Letras da PUC Minas.

Para que se possa construir o perfil biográfico de Arduíno Bolivar, além da documentação textual pertencente ao Centro de Memória da PUC Minas, a história oral se apresenta como um importante recurso metodológico. Os familiares de Bolivar, Amaryllis Bolivar Drumond, sua única filha viva, e Francisco Carlos Ferreira da Silva, seu sobrinho – neto, assim como os ex-alunos, José Bento Teixeira de Salles e Adauto Rebouças e o jornalista Manoel Hygino, contemporâneo de Bolivar e amigo da família, concederam entrevistas bastante reveladoras quanto à vida familiar e intelectual de Bolivar e sua atuação e convivência na sociedade belorizontina. As características da história oral são bem colocadas por Lucília de Almeida Neves:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas sim o registro de depoimentos sobre essa história vivida. Move-se em terreno pluridisciplinar, pois utiliza muitas vezes Música, Literatura, lembranças, fontes iconográficas, documentação escrita, entre outras, para estimular a memória (2003, p. 28).

Nesse sentido a história oral se apresenta como um recurso riquíssimo para a realização da pesquisa proposta, pois possibilita o surgimento de novas questões e a captação de diferentes olhares sobre a biografia de Bolivar e a Belo Horizonte em que ele viveu.

Para um melhor entendimento deste trabalho, ele será dividido em três capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo será apresentada uma breve biografia de Bolivar, destacando-se os principais acontecimentos de sua vida, passando por sua formação e consolidação da carreira profissional. As correspondências de Bolivar terão grande destaque neste capítulo, pois apresentam traços reveladores de sua personalidade, assim como deixem entrever os acontecimentos sociais de sua época.

A formação das elites e as suas relações com a burocracia e o Estado brasileiro serão tema de discussão neste capítulo, assim como a atuação de Bolivar neste sistema que apresentava o Estado como grande cooptador de mão-de-obra intelectual qualificada para formar grupos de apoio na construção da ideologia estatal. Os estudos de Sérgio Miceli (1979) e Fritz Ringer (2000) serão referências para a análise da relação entre intelectuais e Estado. Embora Ringer faça um estudo do contexto alemão, através da interlocução entre os dois autores podem ser pensadas algumas situações vivenciadas por Bolivar.

No segundo capítulo será feito um panorama da história social da cidade de Belo Horizonte, começando por sua construção e os interesses envolvidos neste momento. A vida social e intelectual da cidade será foco privilegiado, com destaque para a atuação de Bolívar em meio aos grupos da elite intelectual belorizontina. As relações entre as gerações que conviviam na cidade, assim como seus principais feitos serão destacados. A dialética tradicional / moderno também será analisada, pois a cidade de Belo Horizonte, assim como os seus intelectuais, principalmente na primeira metade do século XX, passavam por transformações que aparentemente introduziam o modo de vida moderno na cidade, mas na realidade havia ainda muitas contradições nesta sociedade. Estas contradições provocaram situações bastante peculiares, nas quais os belorizontinos se viram envolvidos. A interação entre Bolívar e o grupo modernista mineiro reforça a ambivalência da cidade.

No terceiro capítulo a discussão terá como foco a oposição público/privado. A relação entre o homem público e o homem privado será analisada, uma vez que Bolívar se mostra dividido entre estas duas esferas. Para tal análise Hannah Arendt (1995) traz contribuições essenciais, pois difere o homem público do privado e mostra as ligações de cada uma dessas esferas com a realidade social. Através das análises de Sérgio Buarque de Holanda (2000), Nestor Duarte (1966) e Roberto da Matta (1997), serão discutidas as questões da influência portuguesa no processo de formação da sociedade brasileira e suas consequências no que tange a constituição da esfera pública em oposição à esfera privada.

Nas considerações finais serão feitas algumas reflexões para se pensar a atuação de Arduíno Bolívar na Belo Horizonte da primeira metade do século XX e suas vivências e convivências na jovem capital mineira. Serão ponderadas ainda questões relativas às tensões moderno / tradicional e público / privado, experimentadas por Bolívar e seus contemporâneos.

2 – ARDUÍNO BOLIVAR: UM BREVE PERFIL BIOGRÁFICO

Foi, sobretudo, um boêmio suave, escondido sob a carapuça de pequeno burguês respeitável. [...] Há uma lembrança amena do mestre de Belo Horizonte, despreocupado de aparecer, incapaz de enriquecer, contente de conviver. O melhor papo. O escritor menos interessado em escrever. O homem mais espontaneamente aberto a perder tempo, sabendo que o ganhava não disputando fama, prestígio e poder. [...] (ANDRADE *apud* CUNHA, 1997).³

A pesquisa documental sobre Arduíno Bolívar, embora tenha se mostrado bastante rica, não permite a construção de uma biografia completa, detalhada, permite muito mais que seja traçado um breve perfil e alguns eixos norteadores sobre uma trajetória de vida. Enquanto há grande quantidade de informações sobre alguns períodos de sua vida, sobre outros não há registros, o que torna algumas lacunas inevitáveis. É impossível a recriação de sua infância e adolescência, assim como também não se podem conhecer todos os momentos de sua carreira profissional. As informações contidas nos documentos formam uma colcha de retalhos, cada informação representa um pedacinho de retalho, que em conjunto permitem conhecer alguns aspectos do modo de ser e das realizações de Arduíno Bolívar.

Conhecer a trajetória de Arduíno Bolívar permite que se conheçam também os modos de vida da época em que viveu. A importância de se familiarizar com esse personagem que viveu na Belo Horizonte da primeira metade do século XX está principalmente na oportunidade que proporciona de se entender também uma geração, ou gerações, que viviam e se relacionavam numa sociedade marcada por características próprias de sua época e de suas intrincadas relações sociais. A trajetória de Bolívar não teria a mesma relevância se fosse tomada de forma isolada, sem interconexões com a cidade e seus habitantes. Através de um homem e suas relações, a sociedade belorizontina se mostra em muitos de seus principais aspectos. O grande volume de documentos deixados por Bolívar tornam possível a tarefa de resgatar sua história e (com o apoio de documentos da época e estudos bibliográficos) da Belo Horizonte de seu tempo.

Dentre os diversos documentos deixados por Bolívar, as correspondências formam a parte mais subjetiva, deixam transparecer o homem Arduíno Bolívar, o homem além do magistrado, do burocrata, do professor, do tradutor. Nas cartas particulares os sentimentos são revelados sem que a postura profissional interfira. O conteúdo das cartas pode reforçar ou

³ Em reportagem no Caderno Cultura, escrita pelo jornalista Alécio Cunha, o Jornal Hoje Em Dia republicou o poema de Carlos Drummond de Andrade intitulado “O Suave Humanista”, composto em 1973 em homenagem aos cem anos do nascimento de Bolívar.

negar aspectos ‘conhecidos’ da personalidade pública de quem as escreve. O volume de correspondências que compõe a documentação de Bolívar demonstra alguns fatos importantes sobre sua personalidade.

Nos estudos de Simmel (1927) sobre a comunicação escrita e sua relação com o segredo, a carta é um fenômeno sociológico. O autor de uma carta se diferencia do escritor, pois, na carta ele deixa transparecer sua personalidade através da subjetividade que imprime enquanto escreve a um indivíduo concreto. O escritor nem sempre quer deixar transparecer sua subjetividade e seus escritos não são endereçados a um indivíduo específico, mas a qualquer um que se proponha a lê-los. A carta é uma forma de comunicação que permite ao mesmo tempo a revelação ou a ocultação de segredos, uma vez que a distância entre os interlocutores não permite que os gestos ou os sentimentos do momento revelem mais do que aquilo que se quer dizer. “La ventaja y el inconveniente de la carta consiste, en principio, en no dar mas que la pura substancia de nuestras representaciones momentáneas y en callar lo que no podemos o no queremos decir.” (SIMMEL, 1927, p. 372). As cartas permitem diferentes interpretações aos destinatários, já que a dúvida sobre alguns aspectos gera uma infinidade de possibilidades interpretativas. As cartas que Bolívar recebeu e enviou, ao mesmo tempo em que revelam, escondem alguns segredos. O conteúdo das cartas será revelado ao longo do texto, ele serve não só para ilustrar como também para confrontar os diversos dados colhidos sobre Bolívar.

Para uma melhor compreensão e contextualização deste trabalho, a trajetória de Bolívar está dividida em alguns itens que representam as áreas de sua vida escolhidas para serem abordadas.

2.1 – A Formação

Arduíno Bolívar nasceu em Viçosa, Minas Gerais, no ano de 1873, era filho de Cândido Antônio Malaquias Bolívar e Maria Teresa Gonçalves Fontes.

O pai de Arduíno Bolívar faleceu em 1884. Um ano após a morte do pai, quando Bolívar tinha doze anos, seu tio materno e padrinho, Luiz Gonçalves Fontes, o levou para Ubá, onde concluiu o primário. Toda a família se mudou para a cidade. Em outubro de 1887 Bolívar foi matriculado no Colégio do Caraça, concluindo seus estudos em 1893. O Caraça marcou definitivamente a personalidade de Bolívar, durante toda sua vida ele foi reconhecido como grande humanista e homem das letras, um representante da tradição e disciplina da

formação deste colégio. Segundo depoimentos de contemporâneos de Bolívar ele foi aluno aplicado, deixou no Colégio fama de estudioso e disciplinado. Um boletim do primeiro trimestre de 1891-92 comprova o fato: em Aritmética e História tirou seis, a nota máxima, e em Filosofia tirou cinco. Em Procedimento nas Aulas mereceu nota seis, assim como em Aplicação no Salão.

Joaquim de Salles (1879-1962), político e jornalista mineiro, foi aluno do Colégio do Caraça. Em seu livro de memórias Salles relembra os costumes do colégio. As normas rígidas e a tradição do ensino caracense são descritas pelo autor. Salles ingressou no Caraça em 1892, na turma dos apostólicos, o que significa que era bolsista e deveria estudar para ser padre.

As normas do colégio não permitiam que alunos de séries diferentes pudessem conversar, como observa Salles em um trecho de suas memórias: “*Quebrar a comunicação*, isto é, dirigir-se o aluno de uma divisão ao de outro salão, seja por palavra falada ou escrita ou ainda por um simples aceno, constituía uma das faltas cuja penalidade podia ser até expulsão do delinqüente.” (SALLES, 1993, p. 331).

Mesmo às refeições havia ensinamentos no Caraça, durante o almoço, o jantar e a ceia um aluno era escolhido entre os mais adiantados para ler para os outros. No almoço eram lidas obras portuguesas dos séculos XVI e XVII, no jantar e na ceia obras francesas ou em vernáculo que instruísem os alunos. Quando em francês, o leitor deveria traduzir o texto durante a leitura. Os ouvintes deveriam escutar totalmente em silêncio. Nas palavras de Salles “o Caraça era o estudo, a disciplina. Era a conduta exemplar. O único remédio contra aquela pesada solidão, contra o majestoso silêncio daquelas soberbas montanhas era o estudo. Para não morrer de tédio, eu teria de estudar.” (SALLES, 1993, p. 368).

O dia no colégio do Caraça começava às quatro e quarenta da manhã, quando os alunos se levantavam. Às cinco horas eram feitas as primeiras orações do dia, o almoço era servido ainda na parte da manhã e ao meio-dia era servido o jantar. Havia estudos na parte da manhã e da tarde. A disciplina era indispensável e havia castigos físicos, principalmente com a palmatória. Um dos depoimentos de Salles demonstra como estava introjetado nos alunos o rigor da disciplina: “O pequeno que não estudava por si mesmo se punia, porque os companheiros evitavam brincar com ele, admiti-lo em seus grupos, de medo de se contaminarem com a sua falta de brio. No Caraça a crença geral era de que só não estudava o aluno sem-vergonha”. (SALLES, 1993, p.406). Aos alunos considerados preguiçosos havia também, além de prováveis castigos físicos, castigos morais. Um dos professores de latim levou para a sala de aula um punhado de capim e pôs em frente a carteira de um aluno que não respondia corretamente as lições quando argüido. A humilhação não durou mais alguns

dias porque os outros alunos intervieram a favor do colega de classe. O sistema de entrega de notas promovia a exaltação dos melhores alunos e a desonra daqueles que se saíssem mal nos exames. Após as provas finais todos os alunos eram reunidos no salão para ouvirem as notas de um por um.

O colégio do Caraça foi um centro formador de elites, numa época em que não existiam muitos colégios e apenas os filhos das elites tinham a oportunidade de ingressar nessas instituições.

Uma das vertentes mais expressivas da educação e do pensamento mineiros tem raízes no tipo de ensino ministrado pelos antigos colégios. Minas, no século passado, incrustada entre montanhas e matas ainda não devassadas, tinha algo de uma colônia latina pela afluência e prestígio dispensados a alguns dos seus colégios, de cunho fortemente humanístico, considerados modelos. Entre eles, o do Caraça, dirigido pelos padres da Congregação lazarista, que representou aquela tradição. (ANDRADE, 2000, p.71).

No Caraça as elites eram preparadas para ingressarem na Academia. Neste colégio os alunos estudavam as humanidades, o que era muito tradicional no século XIX. O latim era uma das matérias principais do ensino, Arduíno Bolívar se tornou um reconhecido professor e tradutor de poemas do latim. Estudava-se também no Caraça Português, Francês, Inglês, Geografia, Aritmética, Álgebra, Geometria Plana e Espacial, Trigonometria, Cosmografia, Astronomia, Física, Química, História Natural, Geral e do Brasil, Literatura, Retórica e Filosofia. Grego e Hebraico também eram ensinados como estudos facultativos.

Schwartzman, Bomeny e Costa observam o papel da educação na formação das elites intelectuais, inclusive a mineira. Segundo os autores:

Elites tendem a gerar seus intelectuais, e Minas Gerais não seria exceção. São as elites que têm recursos para mandar seus filhos às melhores escolas, dar-lhes familiaridade com diversas línguas, abrir-lhes o mundo dos livros e das idéias. Ao mesmo tempo, os homens de elite tendem a viver muito, a manter suas posições de poder até a velhice, desta forma, costumam a passar para os mais jovens as suas posições (2000, p.41).

Foi este o caso de alguns nomes da geração de Carlos Drummond de Andrade, Gustavo Capanema, Emílio Moura, entre outros, e também de Arduíno Bolívar. Estes intelectuais assumiram cargos públicos aos quais se dedicaram por toda a vida, até mesmo em idades avançadas. Bolívar faleceu em 1952, aos 78 anos, estando ainda em atividade profissional intelectual.

Continuando sua formação, em 1894 Bolivar foi para Ouro Preto, onde cursou o primeiro ano da Escola de Farmácia. Em carta enviada à mãe em cinco de outubro de 1895, Bolivar fala sobre seu trabalho e seus estudos em Ouro Preto:

Eu prestei há uns 5 dias exame de Geometria e por estes 10 espero entrar nos exames das matérias da primeira série de Farmácia. Se for feliz, eu me transferirei para a Academia de Direito, conforme desejava. Passo bem de saúde e trabalho quase sem tréguas como professor, lecionando no colégio e explicando particularmente para ver se consigo formar-me e ser útil a você e a nossa família. (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar).

Nesta declaração de Bolivar podemos constatar sua preocupação em se tornar um profissional bem sucedido para ajudar os familiares. Ele revela ainda seu desejo de estudar Direito em São Paulo, o que se realizou pouco tempo depois.

Sua vida na cidade de Ouro Preto não era das melhores. Em 1895 parte para o Rio de Janeiro, e em seguida para São Paulo. Em carta enviada ao irmão Joãozinho em 16 de dezembro de 1895 ele diz:

Eu parti de Ouro Preto no dia 4 do corrente e vim diretamente para esta capital; aqui estive uns dias, [...] Saí de Ouro Preto sem dinheiro meu [...] já eu aqui obtive do dr. Juscelino Barbosa (meu amigo de Ouro Preto) secretário do Ministro da Indústria, obtive, repito, passe gratuito para São Paulo que é a Canaan prometida dos meus sonhos [...] Era-me impossível continuar em Ouro Preto, onde o meu trabalho era infecundo e onde eu não enxergava uma luzinha sequer promissora de melhoramento da minha ingrata situação. [...] Amanhã parto para São Paulo. (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar).

Em São Paulo Bolivar se empregou no jornal “Comércio de São Paulo”, um órgão monarquista do Estado de São Paulo. Ele havia escrito um soneto dedicado a Dom Pedro II por ocasião do fim da monarquia:

A Dom Pedro II (Caraça, 1892)

Pedro Segundo! Extraordinário vulto!
Permite que um cantor humilde e rude
Venha, pulsando as cordas do alaúde,
Render-te de saudade imensa o culto.

Se teu corpo sem vida jaz sepulto,
Selado embora em brônzeo ataúde,
No peito da brasileira juventude,
Vives, tal qual num relicário, o culto.

Quão estranho e sacrílego o abandono
A que o Brasil imémoro e mesquinho,
Te relegou!... Teu derradeiro sono.

Deves dormi-lo, entre frouxéis de arminho,
Na Pátria, onde tiveste o berço e o trono,
E que foi teu enlevo e teu carinho.
(BOLIVAR *apud* CASASSANTA, 1952, P. 293).

As cartas e o poema revelam o lado monarquista de Bolívar. Em quinze de janeiro de 1896 ele escreve à mãe para dar notícias de sua vida em São Paulo e de seu trabalho no jornal “Comércio de São Paulo”. Ele pede à mãe que faça um pedido a Joãosinho (seu irmão):

que se esforce a ver se angaria algumas assinaturas para o ‘Comércio de São Paulo’, hoje um dos primeiros jornais brasileiros. É órgão do Partido Monarquista, redigido pelo dr. Eduardo Prado, um jornalista primoroso e audaz e tem a colaboração dos nossos mais insignes escritores, políticos e literatos [...] e, além disso, crônica semanal, tudo, em fim, o que constitui um jornal de primeira ordem [...] É um jornal magnífico e raro [...]. (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar).

Em fevereiro de 1896 escreveu à mãe dizendo que vivia bem em São Paulo, apesar de trabalhar muito (das 7 às 11, meia-noite, uma da manhã). Ele menciona intenção de fazer os exames preparatórios e se matricular no curso de Direito. Mas, menciona também o desejo de cursar Medicina, uma vez que tinha cursado o primeiro ano de Farmácia, o que lhe proporcionaria a dispensa de algumas disciplinas. Contudo, a faculdade de Medicina ainda não havia sido instalada. Em 1897 Bolívar ingressou no curso de Direito. Em 1898 o irmão de Bolívar, Carlos, foi morar com ele em São Paulo. Bolívar continuou a trabalhar no “Comércio de São Paulo” e passou a dar aulas, e apesar de pagar os estudos do irmão vivia com algum conforto.

Carlito, nome pelo qual Bolívar chama seu irmão Carlos, após seguir para São Paulo, também se empregou no “Comércio de São Paulo”. Ele parecia concordar com as idéias monarquistas de Bolívar. Em trinta de agosto de 1903 ele escreve de São Paulo ao irmão para dizer que “[...] nada tenho a contar-te, porque, aqui como aí, as cousas continuam em retrocesso [...] precipitando-se para o abismo negro da fome, por efeito da Republica ainda de pé.” (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar).

Além de demonstrar sua opção pela monarquia, Carlito deixa claro que a República estaria de pé ‘ainda’, ou seja, não tardaria a cair e a monarquia retornaria. A opção de Bolívar e seu irmão pela monarquia era fato comum em finais do século XIX e início do XX, já que a República foi proclamada em 1889. Muitas pessoas da época não aceitavam a mudança,

achavam que a República traria desordem e atraso, pensamento compartilhado pelos irmãos Bolívar.

Em duas correspondências de 1898, uma para Carlos e outra para a mãe, Bolívar mostra uma certa aversão ao povo de Ubá. Ao chamar Carlos para morar com ele em São Paulo, ele se refere aos moradores de Ubá como ‘imbecis’ e ‘maledicentes’, e diz ainda: “O ideal seria que todos de nossa família se retirassem dessa terra, onde (salvo honrosíssimas exceções) toda população é uma choldra de viciosos ou parasitas desprezíveis⁴.” (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar). Em carta à mãe ele pede: “Mande-me notícias minuciosas de tudo e de todos: para esse fim você pode consultar alguma das moças de Ubá (qualquer delas), pois, francamente, eu nunca vi gente mais curiosa e alviçareira...”. (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar). Há uma contradição na fala de Bolívar, pois ao mesmo tempo em que ele critica a cidade e seus habitantes, pede notícias “de tudo e de todos”. O interesse por estas notícias revela que, de alguma forma, ele não consegue se desligar da cidade.

Nas cartas enviadas à família, Bolívar se mostra preocupado com a manutenção material de seus parentes mais próximos. A educação do irmão Carlito é tema de algumas de suas correspondências. Como foi dito, assim que possível ele o levou para São Paulo e arcou com os custos de seus estudos. Em outras cartas ele dá notícias de pares de botinas ou utensílios domésticos que comprou a pedido da mãe ou dos irmãos.

Em carta enviada à mãe em dezoito de outubro de 1905 Bolívar retoma sua preocupação em zelar pela família: “[...] estou me preparando para no fim do ano ir de uma vez para junto de você, como é meu imperioso dever e meu sincero desejo. Estou imaginando quanta despesa terei de fazer agora no fim deste ano com a minha transferência!” (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar).

Nesta época Bolívar morava em Carangola, e a família em Ubá. De casamento marcado com Angelina Mürer, Bolívar demonstra se preocupar com a família da mesma forma. Na mesma carta ele pede a opinião da mãe sobre seu casamento e pede a ela que pergunte ao seu compadre se ele aprova o seu plano de se casar e partir imediatamente para Ubá, demonstrando respeito à opinião dos parentes e amigos próximos sobre sua vida.

Bolívar bacharelou-se em direito no ano de 1902.

⁴ Dentre as honrosas exceções que Bolívar cita, provavelmente está Raul Soares, amigo que Bolívar fez na cidade. A amizade dos dois se estendeu vida a fora. Eles chegaram a morar juntos em Ouro Preto e São Paulo.

2.2 – O Magistrado

Este período da vida de Bolívar é o menos retratado na documentação pesquisada, principalmente por dois motivos: a magistratura foi exercida por um período relativamente curto de sua vida e aconteceu no interior de Minas, o que dificulta bastante a pesquisa documental.

Em 1903 Bolívar foi nomeado promotor de justiça de Carangola, Minas Gerais, onde permaneceu até 1906. A nomeação foi feita pelo presidente do Estado Francisco Salles. Nesta cidade foi redator da folha local “O Progressista”. Foi nesta cidade também que conheceu Angelina Mürer Fontes, com quem se casou em 02 de setembro de 1906. Em 16 de abril de 1905 Afrânio de Mello Franco escreveu a Bolívar perguntando se ele queria se transferir para Ubá, pois já havia conversado com o Dr. Salles⁵. Salientava que a carta era reservada. Em 07 de maio de 1905 confirma a transferência de Bolívar para Ubá, bastava esperar a intervenção oficial do procurador geral.

Em 1906 a transferência de Bolívar se realizou, ele foi nomeado Juiz Municipal da Comarca de Ubá e permaneceu no cargo até 1914. Na cidade contribuiu com os jornais locais “O Movimento e “O Profeta”, foi também professor e diretor do Ginásio São José.

Embora tenha exercido a magistratura por mais de dez anos, essa não foi a carreira predileta de Bolívar, é o período de sua vida do qual há menos informações e depoimentos de seus conhecidos. Enquanto exerceu cargos jurídicos foi também jornalista, professor e tradutor, sendo esta última sua atividade favorita. Camponizzi Filho falou sobre o jurista Bolívar: “Condenou alguém por furto. Mandou para a cadeia autores de pequenas lesões. Mas jamais deixou de ter uma palavra de consolo para com o réu e de conforto para com sua família, humanizando a toga e honrando a cátedra que ocupou.” (1973, p.9).

2.3 – O Burocrata

Em 1914 Bolívar se transferiu para Belo Horizonte, dando início à sua carreira na burocracia do Estado, como tantos outros intelectuais à sua época. Sua primeira nomeação foi

⁵ Francisco Antônio de Salles, presidente do Estado de 1902 a 1906.

para Oficial de Gabinete do Secretário da Agricultura Raul Soares e logo após, de Clodomiro Oliveira. Quando Arthur Bernardes se elegeu presidente do Estado, em 1918, Bolivar se tornou oficial de gabinete da Presidência do Estado. Em 1922, enquanto Arthur Bernardes se elegia presidente da República, Raul Soares se elegia para Presidente do Estado em Minas. Novamente Bolivar seria o oficial de Gabinete.

Sobre a transferência de Bolivar para Belo Horizonte, é bem provável que Arthur Bernardes e Raul Soares tenham interferido, pois em carta (papel timbrado do Gabinete do Secretário das Finanças de Minas Gerais) de 09 de outubro de 1912, Bernardes diz a Bolivar:

Relativamente a tua saída de Ubá, para outro meio, desejaria muito que pudéssemos falar pessoalmente. Tanta coisa teríamos a conversar, que não me seria possível dizê-la toda numa carta, como esta, escrita às pressas. Se pudesses e te não fosse sacrifício, ou, antes, si te fosse agradável um passeio a Belo Horizonte, embora rápido, mataríamos dois coelhos de uma só cajadada: teríamos ocasião, com teu passeio, de nos vermos e abraçarmos e conversarmos sobre ti mais longamente. Se a isto te resolveres, eu te proporcionarei a passagem de vinda e volta, bastando então que me comuniqués quando queres vir, por onde e se pelo rápido ou noturno da central. Por tua pretensão relativa à escola normal, farei o que puder. (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar. Grifo do autor).

A pretensão de Bolivar de lecionar na Escola Normal (hoje Instituto de Educação do Estado de Minas Gerais) já havia sido indicada na carta de Mello Franco de 07 de maio de 1905: “Se a Escola Normal for avante e eu valer alguma coisa nesse tempo, hei – de fazer tudo pelo teu aproveitamento como professor”. (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar). Bolivar se tornou professor da Escola Normal de Belo Horizonte em 1922, não se sabe se por interferência de Mello Franco ou de Arthur Bernardes.

Em carta de Belmiro Braga, datada de 17 de setembro de 1914, ele felicita Bolivar pela nomeação a oficial de gabinete de Raul Soares e diz que a idéia deste em nomeá-lo foi “magistral”.

Arduíno Bolivar e Arthur Bernardes eram amigos de infância de Viçosa, a amizade dos dois perdurou e Bolivar se tornou o redator exclusivo de Bernardes em suas mensagens à Assembléia. Bolivar foi um precursor neste aspecto, pois não era costume da época que os políticos tivessem alguém para escrever as mensagens e discursos por eles. Quando foi eleito Presidente da República, Arthur Bernardes convidou Bolivar a acompanhá-lo ao Rio, mas Bolivar se recusou a sair de Belo Horizonte. Manoel Hygino comenta porque Arduíno não aceitou o convite do presidente:

[...]porque ele achava que o Rio de Janeiro tinha tantos intelectuais, tantos homens que escreviam bem, que a ida dele, a transferência dele para o Rio de Janeiro, capital então da República, não ia acrescentar nada para o governo. Mas, mesmo assim, acabou ele elaborando as mensagens do presidente da república que foram realmente verdadeiras obras primas de redação, de contextualização, de síntese [...].⁶

Jorge Azevedo também fala sobre o episódio, ele recria o diálogo em que Arthur Bernardes teria convidado Bolívar para ir para o Rio:

“- Arduíno, Você vai comigo para o Rio?

Mestre Arduíno olhou-o manso, acariciando o queixo com os dedos gordos:

- Bernardes, o convite é honroso, muito honroso mesmo, mas... deixar Minas?!

A resposta, contendo queixosa pergunta, era delicada negativa.

Artur Bernardes sorriu:

- Já sei: você está incrustado, como um diamante, nas montanhas mineiras. Mas, e quando chegar a hora do presidente da República enviar a mensagem ao Congresso?

Mestre Arduíno tornou a acariciar o papo:

- Há, no Rio, grandes escritores, presidente!

Bernardes ripostou:

- Mas o meu escritor é Arduíno Bolívar!

- Bem, se o presidente determinar... Irei! É só chamar!

E chamou mesmo.” (1966, p. 87)

Numa das idas de Bolívar ao Rio de Janeiro, a chamado do presidente, Azevedo (1966) conta ainda que ele viajou o dia todo de ônibus e chegou ao Rio cansado da viagem. Modesto, entrou no primeiro hotel simples que achou, decidido a ir para o Palácio do Catete apenas no dia seguinte. O gerente disse que não havia vaga, mas diante da insistência do hóspede declarou que se quisesse ele poderia dormir numa cama debaixo da escada. Bolívar aceitou a oferta, ao confirmar que o local estava bem protegido da chuva. Pediu um favor ao gerente, queria fazer um telefonema antes de se deitar. Com má vontade, o gerente pegou o telefone e perguntou qual o número a ser discado. Bolívar disse que seria para o Catete, que ele queria falar com Arthur. O gerente fazendo troça discou e falou em nome de Arduíno Bolívar, ele teve o maior espanto quando o presidente respondeu ao telefone. Quando Bolívar

⁶ Entrevista com Manoel Hygino, jornalista e escritor, realizada em 12/06/2006.

lhe disse que estava no Rio, Bernardes não aceitou desculpas e disse que o buscaria no mesmo instante. Bolivar, vendo o assombro do gerente se dirigiu a ele:

“ – O senhor vai me desculpar, mas não posso ficar. Muito obrigado pela sua magnífica hospedagem... Mas é que o Artur faz questão de vir ele mesmo agora me buscar... Esses mineiros!” (AZEVEDO, 1966, p.89). Bolivar nunca morou no Rio de Janeiro, ele ia e voltava quando Bernardes o chamava⁷.

Fernando Correia Dias (1971), em seu estudo sobre Minas recorre a estudos sobre a influência geográfica e suas relações com os mineiros. O mineiro, cercado pelas montanhas, foi logo rotulado de “municipal”. “Mas retenha-se, com as reservas imprescindíveis, a idéia da influência geográfica sobre o homem de Minas, tomando como ponto de referência o famoso isolamento a que a natureza relegou o mineiro.” (DIAS, 1971, p.21). Bolivar seria, neste caso, um representante dos mineiros, pois, num momento em que a maioria dos políticos e intelectuais vai para o Rio de Janeiro, ele prefere se manter em Minas.

Mas, voltando à carreira burocrática de Bolivar, temos sua nomeação à diretoria do Arquivo Público Mineiro em 1936. Ele foi nomeado pelo então governador de Minas Gerais Benedito Valadares. Bolivar ficou no cargo até 1938, ano em que se aposentou. Na direção do Arquivo, Bolivar retomou a edição da Revista do Arquivo Público Mineiro. Em julho de 1937 ficou pronta a revista, sendo publicada em 1938. Nesta edição Bolivar escreve um texto introdutório agradecendo ao Governador Valadares a sua nomeação. Nesse texto ele também fala da sua formação:

Educado na velha escola e à velha moda, a nossa mentalidade se plasmou nos moldes arcáicos, hoje tão menosprezados e até escarnecidos, da chamada cultura clássica. Isso explica, em grande parte, o motivo de sermos apologista convicto e entusiasta da restauração integral e onímoda do passado brasileiro. (p. II)

As correspondências de Bolivar mostram que ele recebeu muitas cartas com pedidos de favores, intervenções para a obtenção de cargos, pedidos de remessas de livros, ou mesmo pedidos simples como certidões. Ao mesmo tempo, recebeu cartas que lhe informavam sobre os seus pedidos quanto a transferências e cargos. Em uma carta de Carlos Drummond de Andrade, também seu amigo, ele informa que conseguiu junto ao Capanema, ministro da Educação e Saúde, de quem era chefe de gabinete, uma colocação para o Arduininho, filho de

⁷ Embora seja contada de forma romanceada, esta pequena história sobre a ida de Bolivar ao Rio de Janeiro é muito conhecida pelas pessoas que conviveram com ele. Em depoimentos sobre Bolivar prestados a mim, quase todos os depoentes relataram este episódio.

Arduíno Bolivar, mas este não aceitou por achar o cargo pouco atrativo. Em um telegrama, alguns anos depois, Drummond comunica que Capanema mandou providenciar nomeação de Arduíno, embora este não a desejasse muito. Na maioria das cartas de Bolivar para Drummond há pedidos de favores. Em muitas das cartas que Bolivar recebeu também há pedidos, principalmente de seus conhecidos do interior de Minas Gerais. Na burocracia havia intensa troca de favores.

Ao estudar a relação entre os intelectuais e a burocracia brasileira, o sociólogo Sérgio Miceli (1979) analisa a formação e o mercado de trabalho intelectual no Brasil de 1920 a 1945. Segundo o autor, os intelectuais cooptados pelo Estado brasileiro nesta época dependiam não só de boas relações sociais, como também de uma boa formação. Estes requisitos eram necessários porque a concorrência no meio intelectual se tornava cada vez maior. Arduíno Bolivar possuía tanto a formação quanto a rede de relações sociais. Se formar em Direito, principalmente até o início da década de 30, representava um grande passo rumo aos cargos dirigentes. Miceli explica a importância que a Faculdade de Direito possuía na época:

[...] a Faculdade de Direito era a instância suprema no campo da produção ideológica, concentrando inúmeras funções políticas e culturais. [...] fazia as vezes de celeiro que supria a demanda por elementos treinados e aptos a assumir os postos parlamentares e os cargos de cúpula dos órgãos administrativos, além de contribuir com o pessoal especializado para as demais burocracias, o magistério superior e a magistratura. (1979, p. 35).

O curso de Direito e a rede de relações da qual fazia parte proporcionaram a Bolivar ingressar nas carreiras apontadas por Miceli: a burocracia, o magistério superior e a magistratura. Muitos dos contemporâneos e amigos de Bolivar seguiram o mesmo caminho. Carlos Drummond de Andrade, embora tenha se formado em Farmácia, seguiu também uma longa carreira burocrática. Drummond foi responsável por muitos favores prestados a Bolivar, ele sempre interveio a favor do amigo durante a gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde Pública, cargo que o mineiro assumiu em 1934, no governo de Getúlio Vargas. “[...] Drummond foi seu chefe de gabinete, o intermediário eficiente, discreto e silencioso entre o político Capanema e tantos que dele dependiam o a ele se dirigiam.” (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 2000, p. 42).

Bolivar foi nomeado para a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) graças à intervenção de Drummond junto ao Ministro. Em carta de outubro de 1942 Bolivar pergunta a Drummond: “E a CNLD? E as traduções? O ano está a findar e precisamos agir!

Conto com a sua nunca desmentida benevolência.” A nomeação de Bolivar para a CNLD, subcomissão de Língua Portuguesa e Línguas Antigas, data de 28/03/1944 e foi assinada por Capanema e pelo presidente Getúlio Vargas. Mas, em carta de Março de 1944 alguns dias antes da nomeação, Bolivar pede a Drummond que intervenha por ele junto a Capanema no intuito de conseguir sua recondução à Comissão, uma vez que ela seria restabelecida. Ao que parece Bolivar já havia trabalhado na Comissão e não havia ficado satisfeito com a remuneração: “Como não fui condignamente remunerado, durante o tempo da minha penosa atividade, porque não tive passe e nem ajuda para as diárias de hotel, lembrei-me de pedir a você, amigo fiel e muito querido, que pleiteie perante o Capanema a minha recondução como membro da seção de latim.” Em carta de 03 de abril de 1944 Bolivar agradece a Drummond por sua recondução à Comissão.

A penosa atividade a que Bolivar se refere na carta ao amigo consistia na elaboração de pareceres sobre os livros didáticos que seriam adotados nas escolas brasileiras. Bolivar deveria ler os livros de latim, português e redação, descrever seu conteúdo e apontar os erros que encontrasse. Ao final ele daria o parecer, que poderia ser: 1) autorizado, 2) negado, 3) autorizado só depois de feitas as correções, 4) autorizado devendo o autor, em futuras edições, fazer correções. O processo 806/52 se refere a um livro de português, Bolivar diz que a autora “cita ‘paspalhos’, forma não registrada em nenhum dicionário.” Mais a frente encontra uma palavra escrita incorretamente, ‘tresadar’ ao invés de ‘tresandar’, além de “uma vírgula inadmissível” em determinada página e a falta de dois acentos agudos.

Por suas atividades profissionais, Bolivar pode ser pensado como um intelectual tradicional, pois não saiu de Minas Gerais, exerceu cargos apenas de poder local, e mesmo quando assessorou Arthur Bernardes ou participou da CNLD o fez de Minas, não se mudou para o Rio de Janeiro. Sua principal carreira foi o magistério superior, cargo que permitia aos intelectuais acumularem outras funções remuneradas. Bolivar não se enquadra no perfil dos funcionários – escritores, não deixou obras publicadas, apenas traduções. As atuações de Bolivar na vida política e intelectual foram sempre nos bastidores, seu nome não está nos créditos das realizações das quais participou.

Quanto à CNLD, podemos pensá-la como uma ação bem estruturada que permitiu ao Governo Vargas exercer um grande controle sobre o ensino no Brasil, pois o governo seguia bem de perto o que estava sendo ensinado nas salas de aula. Sabendo do controle pelo qual teriam de passar, os autores dos livros didáticos deveriam adequar seus livros aos contornos estabelecidos pelo governo. Esta foi uma das medidas encontradas pelo governo central para

reforçar o controle ideológico que pretendia exercer na educação e no país. Desde o início do Governo Vargas,

os componentes ideológicos passam a ter uma presença cada vez mais forte na vida política, e a educação seria a arena principal em que o combate ideológico se daria. Muitas das idéias então em voga vinham sendo gestadas desde décadas anteriores, e encontraram sua expressão mais acabada no início da década de 1940, antes que a guerra redefinisse todo o clima político e ideológico do país. (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 2000, p. 69).

Toda a atuação do Ministério da Educação foi desenvolvida no intuito de construir e legitimar a nacionalidade, que seria ufanista, católica e de língua portuguesa. Fica claro que o governo procurava formar uma consciência patriótica que inibisse o desenvolvimento de culturas imigrantes dentro do Brasil. O amor à pátria, o culto católico em detrimento de todos os outros e a fluência do Português poderiam transformar em legítimos filhos da terra os estrangeiros.

Em 1942 o governo brasileiro rompeu relações com a Alemanha, a Itália e o Japão. “O rompimento de relações com o Eixo completaria o ciclo que levou o país, do namoro explícito com as experiências fascistas européias, a um realinhamento não só estratégico e militar, mas também político e ideológico.” (Schwartzman, Bomeny, Costa, 2000, p. 271). O apoio de Getúlio Vargas aos Estados Unidos e seus aliados foi declarado, o Partido Comunista, ainda clandestino, declarou seu apoio à atitude do governo, e desta forma, o presidente conseguiu passar de ditador a presidente democrático. Essa transição para a democracia foi feita sem grandes mudanças na estrutura do governo, passou-se do fascismo à democracia sem maiores dificuldades.

Fritz Ringer (2000), ao analisar a intensa relação existente entre os intelectuais e o Estado alemão entre 1890 e 1933, propôs um tipo ideal de burocrata: o mandarim. A palavra faz menção aos funcionários letrados chineses que compõem a elite tradicional do país. Ringer explica o significado do termo no contexto que analisa:

Para o cenário europeu, eu definiria ‘os mandarins’ simplesmente como a elite social e cultural que deve seu *status* muito mais às qualificações educacionais do que à riqueza ou aos direitos hereditários. O grupo constitui-se de médicos, advogados, clérigos, funcionários do governo, professores de escolas secundárias e professores universitários, todos eles com diploma de curso superior [...]. Os ‘intelectuais mandarins’, principalmente os professores universitários, preocupam-se com a dieta educacional da elite. Preservam os padrões de qualificação que permitem a afiliação ao grupo e agem como seus porta-vozes em questões culturais. (2000, p.22).

Para que os mandarins possam existir como grupo e deter uma parcela do poder na sociedade da qual fazem parte, é necessário que haja uma situação favorável a isto. Segundo Ringer, isto acontece principalmente quando o país está se desenvolvendo materialmente. “Florescem entre o nível fundamentalmente agrário da organização econômica e a plena industrialização.” (2000, p.23). Se pensarmos o contexto brasileiro, consideradas as devidas proporções, notamos que a burocracia intelectual da qual Bolívar e Drummond (em condições e em papéis diferentes) fazem parte, floresce na fase em que o país passa por uma transição. O fim da República Velha proporciona aos intelectuais a oportunidade de ascenderem a postos antes dominados pela velha oligarquia cafeeira. O diploma passa a ter valor no momento em que se dá a perda de poder desta oligarquia. Durante o governo de Getúlio Vargas diversos intelectuais são abrigados nos braços do Estado, eles passam a compor importantes núcleos de cultura e educação do país. É importante lembrar que muitas vezes estes intelectuais precisavam se colocar a favor das ideologias do governo, e não se deve esquecer que o governo Vargas passou por um longo período de ditadura. Havia, por outro lado, intelectuais funcionários que conseguiam se manter à margem desta ideologia. “Nesse sentido, a gestão Capanema erigiu uma espécie de território livre infenso às salvaguardas ideológicas do regime, valendo enquanto paradigma de um círculo de intelectuais subsidiados para a produção de uma cultura oficial.” (MICELI, 1979, p.161). A cultura oficial produzida pelos intelectuais brasileiros, assim como os “intelectuais mandarins”, proporcionou ao governo um certo controle sobre a formação escolar e acadêmica do país.

Pelo estudo de Ringer percebe-se que o caso alemão e o brasileiro têm outra coincidência: “Quase todos os primeiros mandarins estão vinculados de uma forma ou de outra à administração pública. [...] Grande parte da história da elite é, portanto, a história da burocracia.” (2000, p. 24). Ringer e Miceli levantam a questão dos intelectuais burocratas, ou seja, um grupo de funcionários do governo que criam para seu país uma cultura considerada oficial, ao mesmo tempo em que permitem a este governo exercer o controle sobre o ensino. No Brasil, muitos dos intelectuais funcionários se mantiveram no Estado enquanto exerceram outras atividades, mais agradáveis a eles. Nos casos de Carlos Drummond e Cyro dos Anjos, por exemplo, o salário do serviço público propiciava o sustento para que pudessem escrever, embora não com a assiduidade que desejavam. O amanuense retratado por Cyro dos Anjos representa bem a situação desses funcionários – escritores, eles se realizam quando escrevem.

Quem quiser fale mal da literatura! Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico. [...] Em verdade vos digo: o que escreve neste caderno não é o homem fraco que há pouco

entrou no escritório. É um homem poderoso, que espia para dentro, sorri e diz: ‘ora bolas’.” (ANJOS, 2001, p.198).

Bolivar, como os outros, precisava do serviço público para manter sua numerosa família, mas o que gostava mesmo de fazer eram suas traduções: as aulas e os cansativos relatórios que precisava fazer para a CNLD, por exemplo, o fatigavam. Em uma carta a Drummond em maio de 1941, sobre uma proposta para publicar alguns trabalhos ele diz: “você sabe que estou velho e fatigado. O tempo para mim tem um valor inestimável.” (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar).

2.4 – O Professor

Desde que se formou no Caraça Arduíno Bolivar passou a lecionar. O magistério o acompanhou durante toda a vida. Enquanto foi magistrado e burocrata exerceu o cargo de professor. No interior deu aulas particulares e lecionou em colégios e em São Paulo também deu aulas particulares. Em Belo Horizonte começou a lecionar no Colégio Arnaldo em 1918, permanecendo até 1933. Foi numa dessas turmas de português, latim e francês que conheceu Carlos Drummond de Andrade, seu aluno e amigo por toda a vida. Entre personalidades que passaram por suas aulas, no colégio ou no curso superior, estão Milton Campos, Gustavo Capanema, Afonso Arinos, José Maria de Alkimin, Diogo de Vasconcellos, Francisco Mendes Pimentel e José Dias Correia.

Em 1922 Bolivar passou a ocupar o tão sonhado cargo na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte, a interferência dos amigos surtiu efeito. Em 1926 foi nomeado diretor do estabelecimento. De 1938 a 1940 Bolivar lecionou português e latim no Colégio Afonso Arinos.

Em 1925, no governo estadual de Fernando de Mello Viana, foi pedido a Arduíno Bolivar e Branca Vasconcellos (professores da Escola Normal Modelo) a elaboração do Cancioneiro Escolar. Era uma espécie de livro didático composto por músicas que os professores deveriam ensinar aos alunos. Foi solicitado também o Hinário Escolar, em 1926. No mesmo estilo didático, continha hinos oficiais à pátria, aos heróis, ao mesmo tempo em que exaltava os estudos, Deus e a família.

Em meio aos documentos de Bolivar há um rascunho de um texto em que os dois autores agradecem por terem sido chamados a elaborar o Cancioneiro Escolar, Bolivar e Branca Vasconcellos recomendam aos professores que não deixem os alunos gritarem na hora de cantar, pois a ordem deveria sempre ser mantida. Segundo os autores do Cancioneiro:

Horripila e consterna ver e ouvir cantar esses hinos numa sala escolar, onde algumas dezenas de bocas infantis se arregaçam e se repuxam em hiatos e trismos hediondos; e lindos olhos, habitualmente tranqüilos e meigos, se esbugalham, se estrabizam e se injetam aflitivamente; e tenros e débeis pescocinhos se esgargalam, com as cordoveias túrgidas e latejantes, no supremo esforço de berregar esganiçadamente e indignamente as coisas mais suaves e sagradas [...]. A classe assume o aspecto granguinholesco de um pátio de manicômio onde uma turba-multa de dementados precoces tresvaria e se desmandibula e se esbofa vociferando no mais barbaresco e exasperante jazz vocal! (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar).

Nas duas obras encomendadas a Bolivar e Branca Vasconcellos podemos perceber o desejo do governo de Minas de criar um sentimento nacionalista nas crianças, de amor ao Brasil e culto aos seus heróis. Francisco Campos, primeiro-ministro da Educação e Saúde do governo Vargas, promoveu, na década de 1920, reformas educacionais em Minas Gerais. Estas reformas comprovam a gestação anterior dos ideais amplamente implementados no governo pós-1930. Outra fala do texto de agradecimento de Bolivar e Branca Vasconcellos comprovam estas intenções: “O estrangeiro, entoando as nossas canções, vai simultaneamente aumentando o seu vocabulário, melhorando a sua pronúncia e, compreendendo e cantando as melodias brasileiras, amará mais o nosso país [...]” (PUC - Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar).

As reformas de Francisco Campos em Minas incluíram a convocação de um Congresso Pedagógico Nacional em Belo Horizonte. Fundou ainda um curso para aperfeiçoar os conhecimentos dos professores primários, tanto a teoria quanto as práticas didáticas. Da Europa vieram alguns mestres em educação, entre eles a professora Helena Antipoff. Quando Helena Antipoff chegou ao Brasil, Arduíno Bolivar se encarregou de recebê-la e apresentá-la ao país e à língua portuguesa. A princípio os dois conversavam em francês, até que Antipoff aprendesse o português.

Mestre e amigo, vizinho, professor e tradutor, eis o que foi para mim, recém-chegada ao Brasil, o caríssimo Arduíno Bolivar. [...] Ao reler meus primeiros trabalhos daqui, feitos e publicados no Brasil, sinto gratidão ao tradutor. A forma que lhes dava, muito mais literária, era mais do que eu conseguiria, mesmo sabendo bem o português; era mais clara na expressão e mais concisa na elegância, vi

melhor a diferença em minhas publicações posteriores, não mais assistidas por esse erudito, com seu talento e saber. (ANTIPOFF, 1973, p. 8).

Em 1931 Bolívar ingressou no magistério superior. Começou a lecionar latim na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais. A partir de 1936 passou a lecionar no Curso Pré-jurídico, em função de Reformas havidas no Ensino Superior.

Em 1942 foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da UMG, onde era catedrático de Literatura Latina. Ficou no cargo até 1951. Sérgio Miceli contextualiza a abertura dos cursos de Filosofia à época de Getúlio Vargas:

[...] o projeto do poder central em assumir a formação escolar e ideológica das novas frações intelectuais levou à criação das faculdades de filosofia, ciências e letras, dando ensejo à introdução de novas disciplinas (sociologia, antropologia e etnografia, geografia humana, economia política, ciência política, etc.) e ao recrutamento de especialistas brasileiros e estrangeiros que dispunham de remuneração equivalente àquela auferida pelos docentes dos ramos tradicionais. (MICELI, 1979, p. 156-157).

Bolívar foi ainda um dos fundadores da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Minas Gerais. Deu aula no curso de 1944 a 1951. Em 1945 se tornou catedrático por concurso da disciplina Princípios de Sociologia Aplicados à Economia. Em meio à sua documentação há uma folha em que ele anotou os Pontos de Sociologia que ensinava:

1º ponto

- a) Sociologia: conceito e definição
- b) Esboço histórico da Sociologia como ciência
- c) Classificação das Escolas Sociológicas

2º ponto

- a) A Sociologia no quadro geral dos conhecimentos humanos
- b) Noção de método
- c) Escola Positivista: Augusto Comte

3º ponto

- a) Regra de Descartes
- b) Escola Evolucionista
- c) Varias classificações das Ciências

4º ponto

- a) Fato social: conceituação e definição
- b) Métodos aplicáveis no estudo do fenômeno social
- c) Spencer

5º ponto

- a) Classificação dos fatos sociais
- b) Escola sociológica de Durkheim
- c) Estática Social

6º ponto

- a) Família: Conceito
- b) O casamento como base da família
- c) Patriarcado

7º ponto

- a) O monogenismo e poligenismo
- b) Dinâmica social
- c) Ciência: definição

8º ponto

- a) Vantagens da monogamia sobre a poligamia
- b) Matriarcado
- c) A família entre os hebreus

9º ponto

- a) Direito: noção
- b) A família entre os gregos
- c) A propriedade: Definição

10º ponto

- a) Modos de adquirir a propriedade
- b) Família Romana
- c) Lei dos 3 Estados

(PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar).

Os pontos que Bolívar ensinava representam bem o seu modo de ser e pensar, e é claro que atendem também aos requisitos da época. Este programa está datado de 02 de junho de 1946. Fica clara a importância dada à família e à propriedade e a tentativa de provar que estes são os alicerces de uma vida regrada e tranqüila. Para esclarecer sobre as vantagens da família monogâmica Bolívar se baseou em Roman, sociólogo norte-americano, ao preparar uma aula. As principais vantagens que ele viu neste tipo de formação familiar foram:

[...] A monogamia assegura aos filhos melhor proteção sob dois aspectos pelo menos: diminui a mortalidade infantil, porque neste regime o pai e a mãe podem conjugar os seus cuidados; por outra parte, a monogamia assegura melhor educação e, por conseguinte melhor socialização do filho. [...] não só a monogamia favorece a conservação da vida dos filhos, mas ainda a dos pais. Só neste regime é que vemos os filhos cuidarem dos pais velhos. Na família poligâmica a mulher idosa é deixada em troca de uma jovem e sua vida termina amargamente. De outra parte é raro que os filhos cuidem do pai porque a poligamia jamais favoreceu sentimentos profundos entre pais e filhos. (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar).

Bolívar se utiliza ainda de Le Play para mostrar as vantagens da monogamia, pois para Le Play, “a família só desempenha papel econômico e moral grupando-se em torno de uma propriedade que ela cultiva. [...] a família tronco (souche) é superior tanto à ‘família comunista’ como à ‘família instável’.” (PUC- Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar).

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria (FFCLSM), mais tarde incorporada à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Bolívar foi um dos fundadores e lecionou como catedrático de Língua e Literatura Italiana no curso de Letras Neo-Latinas de 1943 a 1951. A escritora mineira Henriqueta Lisboa foi sua colega, era titular da cadeira de Literatura Hispano-americana.

Em Ata do Conselho Técnico Administrativo da FFCLSM de 07 de março de 1951, pode-se perceber que Bolívar começava a dar sinais de cansaço e problemas de saúde aos setenta e sete anos:

O prof. Arduíno Bolívar já não está podendo assumir as aulas todas de Língua e Literatura Italiana do curso de Neo-Latinas e por isso o CTA resolveu propor ao professor um assistente para a cadeira de Língua. Consultado pessoalmente pelo diretor, em presença dos membros conselheiros, o prof. Arduíno afirmou que essa idéia vinha de encontro as suas idéias, uma vez que seu estado de saúde andava um pouco alterado. (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar).

A ata do CTA de 29 de abril de 1952 mostra que Bolívar pediu licença da Faculdade, tendo sido indicado para o seu lugar V. Spinelli. Em 15 de agosto Bolívar faleceu, vítima de aneurisma.

De acordo com depoimento de Helena Antipoff sobre Bolívar, ele não tinha muita paciência para dar aulas às crianças, principalmente porque elas não gostavam de suas lições de latim, achavam a aula monótona.

Não sei se gostava muito de ensinar ‘oficialmente’, o dr. Arduíno. Muitas vezes o encontrava de cara fechada, aborrecido consigo e com os alunos. Recitava a lição com voz monótona, em aula sempre erudita, acima do interesse dos ouvintes, [...] era chamado ‘enciclopédia ambulante’, apelido justificado pelo fato de responder a mil perguntas, clareando uma informação literária, uma frase ou palavra, em latim ou francês, em português de Portugal ou do Brasil. (1973, p.8).

Os depoimentos de Adauto Rebouças e José Bento Teixeira de Salles, seus ex-alunos, coincidem com a fala de Helena Antipoff, pois, segundo eles, as aulas eram muito bagunçadas, os alunos não se interessavam pelo latim e o professor estava preocupado muito mais com suas traduções e seus estudos do que com aqueles alunos rebeldes.

Era professor erudito, culto, mas estava lecionando pra crianças, equivaliam a crianças quando aprendiam latim. Então as aulas dele eram num nível muito competente demais, pra alunos muito incompetentes demais. Eu aproveitava, que eu tinha tido um primeiro ano de latim excepcional. [...] Bom, ele escrevia muito,

as poesias dele eram excelentes, eruditas, extraordinárias, mas no meio escolar, uma sabedoria desperdiçada.⁸

Inteiramente displicente, ele era inteiramente displicente, ele dava aula, era uma bagunça a aula... [...] Era uma bagunça desgraçada! E era uma estupidez da gente, né, coisa de mocidade, era um negócio, hoje não é tanto porque hoje eu acho que nivelou por baixo! E a bagunça é total, mas naquele tempo tinha uns que eram respeitáveis, figuras respeitáveis, e ele já era velho, já, foi na década de quarenta, ele já não era menino. Mas era uma bagunça, mas era muito engraçado, porque ele não queria nada com aquilo, ele queria estudar, queria ler, queria ver, ler, queria nada de ensinar menino analfabeto.⁹

2.5 – O Tradutor / Escritor

De todas as atividades de Bolivar a que ele mais se dedicou foi a tradução. Esta foi a que ele exerceu com maior prazer, como ele mesmo diz em carta a Drummond de dezembro de 1941. Segundo Bolivar, o ideal para ele é dar aulas em colégios próximos para “poder desobrigar-me das aulas e voltar a casa para me dedicar a outras atividades (as traduções, por exemplo).” (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, Fundo Carlos Drummond de Andrade). Em outra carta, datada de maio de 1944, ele diz: “Não deixe de promover, com o seu valimento perante as casas editoras, obtenção de algumas traduções, trabalho mais adequado à minha idade e ao meu gosto.” (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, Fundo Carlos Drummond de Andrade). Bolivar traduziu poemas do latim, grego, italiano, francês, inglês, alemão, espanhol e hebraico. Depois de sua morte Carlos Drummond de Andrade tentou organizar suas traduções para publicá-las, mas a tarefa seria deveras árdua, pois em qualquer pedaço de papel Bolivar fazia traduções. São cadernos, diários de classe, notas fiscais, ou seja, todo papel que chegasse às suas mãos saía com um trecho de poema traduzido. Do inventário feito por Drummond constam poetas como Goethe, Dante, Boccaccio, Horácio, Homero, Virgílio, Petrarca, Stecchetti, Carducci, Calígula, Delille, Victor Hugo, entre muitos outros. Bolivar foi um tradutor reconhecido e consagrado.

O defeito de Arduíno – se isso é defeito – é que ele faz as suas traduções como o que de fato é: como um professor e como um erudito. Resulta algo, muita vez, frio demais, demais impregnado de um bafio antigo e triste. Eu gosto, entretanto, de muitas de suas traduções, em algumas das quais encontro a mesma graciosidade e a mesma finura dos originais. (LEÃO, 1973).

⁸ Entrevista com Aduino Rebouças realizada em 20/06/2006.

⁹ Entrevista com José Bento Teixeira de Salles realizada em 14/06/2006.

Bolivar quase não publicava. Se as traduções não foram publicadas, os poemas e crônicas escritos por ele também não o foram. Quando contribuía para jornais usava pseudônimos para que não lhe fosse atribuída a autoria.

Em carta de Arthur Bernardes de 28 de janeiro de 1918 ele diz: “Recebi sua última carta e os bonitos versos que lhe inspirou a festa de 5, em nossa cara terra. Felicito-o por eles, prometendo não publicá-los, como exige.” (PUC – MINAS, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar). Neste trecho fica clara a intenção de Bolivar de não permitir a publicação de suas poesias.

Em 28 de maio de 1918 insiste Miguel Mello, do Rio de Janeiro: “Porque não me mandas alguma coisa que te publique aqui no Rio?” (PUC – MINAS, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar).

Em correspondência mais antiga, enviada ao Sr. Chiquito, datada de 19 de dezembro de 1894, Bolivar envia uma crônica para ser publicada, mas exige que seja sob pseudônimo e demonstra sua modéstia ao desmerecer o escrito:

Inclusa nesta remeto-lhe a primeira carta-crônica que lhe prometi pelo Firmino, como irá ver, ela está algum tanto longa e cacete mesmo [...] Confesso que ela está sobretudo mal urdida, ‘chapuda’, inçada de francesismos [...] Rogo-lhe mandar publicá-la na seção onde costumavam aparecer as crônicas do Mario Pederneiras e do Afrânio, se puder ser [...] Não diga a ninguém ser eu o autor dessas crônicas. Subscrevo-as com o pseudônimo de Boccacio. (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar).

Seu amigo Belmiro Braga, em 16 de julho de 1918, lhe envia uma carta onde pede que Bolivar faça correções em suas poesias, antes de serem publicadas:

Disse-me o João Machado que deixou contigo o calhamaço dos meus versos e eu estimei saber disso. Peço-te, antes de os devolver a mim ou ao Machado, passar por eles os olhos com atenção e anotar os ____ que lá estão, que é para ver se os conserto. [...] Tenho aqui a lista dos amigos que serão contemplados com dedicatórias e o teu nome é o segundo da lista, isto é, em seguida ao de Hermes Fontes e antes do Raul Pederneiras. (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar).

José Oswaldo de Araújo apresentou Bolivar a Jorge Azevedo num encontro casual. Como Azevedo ainda não o conhecia, Araújo o apresentou como grande humanista e jornalista que com ele construiu o jornal *Diário de Minas*. Neste encontro Araújo conta que perguntou a Bolivar porque não reunia seus trabalhos de traduções e criações próprias em volumes para serem publicados, ao que este lhe respondeu: “Ora, Oswaldo, eu nada acrescentaria a tanta coisa de valor que anda por aí sem leitores. Quanto ao meu nome, no

futuro, só quero que aquele que se lembrar de mim, não se esqueça de rezar uma *Ave-Maria* pela minha alma.” (AZEVEDO, 1983, p.40).

Mesmo não tendo publicado livros, pois apenas publicou alguns trabalhos em jornais, Bolívar foi um dos sócios fundadores da Academia Mineira de Letras. A AML foi criada em Juiz de Fora no ano de 1909. Participaram de sua fundação doze importantes nomes das letras mineiras¹⁰. Esses doze fundadores escolheram mais dezoito acadêmicos necessários para completar o numero de trinta assentos na Academia¹¹.

¹⁰ Os doze fundadores foram: Eduardo de Menezes, Machado Sobrinho, Heitor Guimarães, Brant Horta, Amanajós de Araújo, José Rangel, Lindolfo Gomes, Belmiro Braga, Albino Esteves, Francisco Lins, Luiz de Oliveira e Dilermando Cruz.

¹¹ Além de Arduíno Bolívar foram convidados para a AML Estevam de Oliveira, Bento Ernesto Júnior, Mário de Lima, Franklim de Magalhães, Mendes de Oliveira, Aldo Delphino, Diogo de Vasconcellos, Francisco Mendes Pimentel, Nelson de Senna, Alphonsus de Guimarães, Joaquim de Costa Senna, Carlindo Lellis, Carlos Góes, Mário de Magalhães, José Paixão, Augusto Massena e João Lúcio.



Figura – 1: Professores e alunos da turma de Arduíno Bolívar no Colégio do Caraça (final séc. XIX). Bolívar é o segundo da esquerda para a direita de pé.
Fonte: PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar.



Figura 2: Arduíno Bolívar aos 29 anos
Fonte: PUC – Minas
Centro de Memória
Fundo Arduíno Bolívar



Figura 3: Oswaldo Borges da Costa, Arthur Bernardes, Arduíno Bolívar, Cristiano Machado, Mello Viana e outros.
Fonte: PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolívar.



Figura 4: Arduíno Bolívar aos 45 anos
Fonte: PUC – Minas
Centro de Memória
Fundo Arduíno Bolívar

3 – BELO HORIZONTE: A MODERNIDADE POSSÍVEL

A modernidade, para a sociologia, tem como principal espaço a cidade moderna. É neste local que podem ser desenvolvidos os principais elementos da modernidade, como a racionalidade e por outro lado a ambigüidade. A racionalização introduzida pela modernidade perpassa as diversas áreas da vida social. As relações econômicas, religiosas e todas as relações de poder são transformadas. A burocracia se instala e aos poucos vai substituindo as trocas de favores. As pessoas se tornam cada vez mais individualistas e têm a oportunidade de se esconderem em meio à massa urbana, ao mesmo tempo em que buscam se destacar sobre ela por meio de seus feitos. A modernidade nasce carregada pelas contradições, mesmo onde ela se desenvolve mais inteiramente, carrega resquícios da tradição.

Na cidade de Belo Horizonte a modernidade não se desenvolveu de forma plena, embora ela tivesse sido concebida como uma cidade moderna. Na realidade houve muitos empecilhos à formação de um modo moderno de pensar e agir na capital mineira, pois existiam relações dialéticas entre a tradição e a modernidade desde o nascimento da capital. Contudo, desde a sua inauguração em 1897, Belo Horizonte era considerada a imagem da modernidade e da urbanidade. Em oposição a antiga capital Ouro Preto, a cidade planejada representava os ideais republicanos e modernos, enquanto Ouro Preto ficaria para a história como a fonte da tradição mineira.

[...] com a fundação de uma nova capital em Minas Gerais, a república criava a um só tempo duplo movimento. Um ao futuro, Belo Horizonte (a capital do século, diz a propaganda da prefeitura, cem anos depois) e outro que, ao reconhecer Ouro Preto como o solo sagrado da pátria, criava o panteão da pátria. Afinal, não existem filhos sem pais. (MELLO, 1996, p. 37).

A imagem que se queria passar da cidade era de uma cidade moderna que servia bem aos ideais republicanos, com muitas oportunidades de emprego e carreiras promissoras. João Pinheiro, candidato ao governo do Estado, no encerramento do Congresso da Lavoura, do Comércio e da Indústria promovido na nova capital, se referia à cidade como Noiva do Trabalho.¹²

Os moradores da capital, em sua maioria, vinham de Ouro Preto e de outras cidades do interior do estado. Os costumes dos habitantes não condiziam com a apregoada modernidade

¹² O Congresso da Lavoura, Comércio e da Indústria foi realizado em 1903 em Belo Horizonte, a intenção do evento era a apresentação da nova cidade ao Estado e ao resto do país.

da cidade, uma vez que eles provinham de cidades pequenas e tradicionais. Comparada ao Rio de Janeiro e a São Paulo, a nova capital respirava ares interioranos, mas a cidade incorporou também hábitos modernos, símbolos da modernidade. “Sem deixar de ser provinciana e tradicional, Belo Horizonte cede aos poucos ao espírito moderno e aos valores urbanos e cosmopolitas do início do século no Brasil.” (ANDRADE, 1997, p. 71). Havia na cidade diversas salas de cinema, restaurantes, livrarias, bares, que imprimiam à cidade um clima mais moderno.

Nesse contexto em que tradição e modernidade convivem e se complementam, os grupos intelectuais que então se formam também interagem na cidade, sem necessariamente compartilharem das mesmas trajetórias e ideais.

Pensando na coexistência entre diferentes gerações que vivem um mesmo espaço, nesse caso a cidade de Belo Horizonte, podemos perceber que é impossível que haja um modo de vida homogêneo, pois cada grupo tende a se diferenciar do outro, ao mesmo tempo em que seus costumes se misturam e geram comportamentos ambivalentes. Para Guy Bellavance (1999) não há purismos, não há o moderno puro ou o tradicional puro, os dois convivem e geram novas formas de sociabilidade. “De um lado, temos o contágio dos modos de vida tradicionais pelos modos de vida modernos. Do outro, fala-se, já há algum tempo, de uma tradição do novo. Em ambos os casos, eis o que vemos: impurezas, indiferenciação, contaminação.” (p. 70).

Nas primeiras décadas da capital mineira, conviviam na cidade um grupo de intelectuais tradicionais e um grupo de intelectuais modernistas, e embora fossem provenientes de famílias tradicionais do interior, os seus modos de viver e experimentar a capital eram diferentes. A vida social e cultural da nova capital desponta a partir das relações que são estabelecidas entre seus habitantes, tradicionais ou modernos.

Ao criar a imagem de Belo Horizonte como capital para a República ou Noiva do Trabalho, os grupos políticos belorizontinos usam a lógica da auto-representação, ou seja, vendem uma imagem da cidade às pessoas de fora dela, e estas pessoas, num primeiro momento tendem a aceitá-la. A propaganda da nova capital se fez ouvir principalmente no interior de Minas Gerais, de onde saíram jovens estudantes esperançosos de conseguirem concluir seus estudos e ingressarem em boas carreiras profissionais, ou ainda profissionais interessados em consolidar suas carreiras já iniciadas no interior.

3.1 – Os Modernistas Mineiros e as Representações de Belo Horizonte

A cidade moderna é um tema de estudo recorrente, seja na sociologia, na história ou na literatura. As representações que os diversos grupos criam em torno das cidades mostram de forma clara os modos de vida desses grupos. Através dessas representações podem ser percebidos os diferentes olhares dos grupos que habitam uma mesma cidade, pois, embora vivam, e muitas vezes, convivam em um mesmo espaço, cada grupo tende a perceber este espaço através de suas percepções intelectuais e culturais. A representação é seletiva, é um recorte imaginário que se faz da cidade, mas mesmo nascendo do imaginário tem o poder de interferir na realidade ao criar imagens que são reproduzidas e passam a influenciar outros setores da sociedade. Segundo Maria Alice Rezende de Carvalho estas imagens podem trazer muitas informações sobre as diferentes percepções acerca dos modos de vida das cidades:

[...] as imagens mais difundidas das principais cidades brasileiras podem ser reveladoras de um repertório de concepções sobre a vida social em circulação desde o final do século XIX, quando as nossas cidades e a nossa imaginação política renderam-se ao imperativo do progresso e da integração do Brasil a um Ocidente transformado pelo fenômeno do industrialismo e pela emergência das sociedades de massa. (1994, p. 15-16).

As representações sobre a cidade de Belo Horizonte revelam os diferentes olhares que diferentes grupos têm sobre ela. Variando de acordo com a época e a trajetória dos atores, essas representações fazem parte da história da cidade.

Na Belo Horizonte da década de 1920 se formou o grupo modernista mineiro, sendo seu principal expoente o poeta Carlos Drummond de Andrade. Entre outros, foram integrantes do grupo: Abgar Renault, Alberto Campos, Austen Amaro, Cyro dos Anjos, Emílio Moura, João Alphonsus, Mário Casassanta, Martins de Almeida e Pedro Nava.

Embora fossem quase todos do interior, os modernistas se diferenciavam no modo de pensar dos outros moradores da cidade que também vieram do interior. Nos anos de 1920 Belo Horizonte possuía um lado moderno dos escritores modernistas e outro tradicional dos funcionários públicos vindos do interior.

O modernismo em Belo Horizonte não aconteceu simultaneamente à Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo. A maior influência para os belorizontinos foi a Caravana Paulista de 1924, da qual participaram Oswald de Andrade e Nonê, seu filho, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Olívia Guedes Penteadó, Godofredo Silva Telles e o francês

Blaise Cendrars. A Caravana propunha uma redescoberta do Brasil, viajou pelas cidades históricas mineiras e visitou Belo Horizonte. A partir desse momento o grupo de Belo Horizonte passou a se corresponder com o grupo paulista, do qual recebeu muitas influências.

Fernando Correia Dias (1968) destaca a importância da atividade intelectual em Belo Horizonte para a formação do seu grupo modernista. Desde a fundação da cidade passaram a existir jornais, grêmios literários, livros começaram a ser editados, houve realmente um “surto intelectual.” Os moradores da capital que vinham de Ouro Preto possuíam, em muitos casos, um bom nível de estudo, o que lhes tornava público em potencial para as produções literárias. Mas, ressalta o autor, há que se considerar os limites deste ambiente:

Estão presentes, assim, na vida social belorizontina, aquelas condições básicas para a atividade literária. Tudo, entretanto, em dimensões muito limitadas e modestas. A produção é escassa, a edição é episódica, a repercussão sobre o público esgota-se em horizontes estreitos. Os críticos do ambiente intelectual sempre assinalarão, nas primeiras décadas da vida de Belo Horizonte, essas limitações. (DIAS, 1968, p. 8).

Belo Horizonte está, desde sua fundação, carregada de traços ambíguos: de um lado agrega características modernas e se destaca no país como cidade moderna e republicana, de outro se mostra tradicional e resistente às mudanças impulsionadas por esta mesma modernidade. Contudo, a renovação cultural e intelectual do mundo pós Primeira Guerra pode ser sentida na cidade. Belo Horizonte, aos poucos, deixa de ser apenas o centro administrativo de Minas Gerais e passa a ser também um centro comercial e intelectual.

Para Dias (1968), um dos principais fatores que propiciaram a formação do grupo modernista em Belo Horizonte foi a idade, seus principais expoentes pertenciam à mesma geração¹³. Grande parte dos futuros modernistas se transferiu para a capital na década de 1920. Na cidade grande, embora não muito grande se comparada a capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, o grupo passa a ter uma intensa convivência. Os amigos passam a compor um grupo em 1923 e em 1924 se firmam ao entrarem em contato com a Caravana Paulista. Em julho de 1925 publicam o primeiro número do periódico *A Revista*. Segundo Dias “é o momento em que o grupo afronta o público, (o mundo). Deixa de ser virtual para atualizar-se num instrumento ostensivo: *A Revista*. Dessa publicação, saíram três números, datados de julho, agosto e setembro de 1925 (este último, todavia, só circulou em 1926).” (1968, p.18). Este periódico foi o representante das idéias dos modernistas belorizontinos, em

¹³ Aníbal Machado 1895; Mário Casassanta 1898; Rodrigo Mello Franco Andrade 1898; Gustavo Capanema e Milton Campos 1900; Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, João Pinheiro Filho, João Dornas Filho e Abgar Renault 1902; Pedro Nava 1903; Gregoriano Canedo 1904; Aquiles Vivacqua 1905; Ciro dos Anjos 1906; Ascânio Lopes 1907, Guilhermino César e Euryalo Canabrava 1908; Guimarães Alves 1910.

suas páginas, assim como no dia-a-dia dos modernistas e da cidade de Belo Horizonte, há um misto de moderno e tradicional, de passado e futuro:

Na perspectiva atual, seria difícil julgar esses números da modesta revista (58 páginas de texto, em cada número). Ao gosto de hoje, parecerá um tanto eclética. A escolha dos colaboradores é conciliatória. No terceiro número é que se nota um grau mais razoável de homogeneidade, dentro do espírito modernista. Ao lado de textos mais ou menos convencionais, a matéria assinado pelos escritores engajados no modernismo parece bem mais ousada e original. (DIAS, 1968, p. 20).

Os modernistas sabiam que para terem aceita sua revista precisavam medir as palavras e a intensidade do modernismo nelas impressa. A tradição das famílias belorizontinas não aceitaria uma revista revolucionária. Por este motivo se fez necessária certa dose de precaução, que pode ser interpretada como uma forma de conciliação entre as correntes modernas e as tradicionais da cidade.

A capital mineira, não obstante se tornasse, cada vez mais, um centro econômico e intelectual, nas décadas de 1920 e 1930 ainda possuía fortes características de uma cidade político-administrativa. “Fazem-se na capital todas as tomadas de posição política. Sede da mais poderosa, da mais arraigada, da mais eminente oligarquia regional do Brasil, Belo Horizonte cresce ao influxo desse fato – quase apenas por isso.” (DIAS, 1968, p.49). Uma parte importante dos moradores da capital compunha o grupo burocrático que formava a máquina-administrativa da cidade. Esses funcionários vinham de diversas regiões do Estado para fazer carreira na capital. Nesse contexto, os intelectuais modernistas encontraram resistência às suas idéias, pois a prioridade da cidade não era o campo intelectual. Mas, ao mesmo tempo, pode-se perceber a atuação de alguns escritores como funcionários públicos. Também em Minas o governo exerceu uma espécie de mecenato em relação aos intelectuais. O modernismo belorizontino não saiu incólume deste processo, assimilou as contradições inerentes à cidade que foi seu berço.

Desta forma, o que se pode averiguar é que o grupo modernista da capital mineira percebe a cidade de Belo Horizonte de uma maneira ambivalente. Embora tenham vindo do interior, eles não consideram a capital mineira um centro urbano moderno. Ao estudar as obras dos modernistas, Andrade percebe as principais representações que eles fazem da cidade:

Entre as representações mais recorrentes está a de Belo Horizonte como um ambiente provinciano, o que eles relacionavam ao baixo número de habitantes, à vida social restrita, à pouca diversidade do meio, à condição de periferia e ao tradicionalismo e conservadorismo de sua população. [...] Outra representação

recorrente é a de Belo Horizonte como uma cidade conservadora e elitista, o que eles relacionavam à Tradicional Família Mineira, principalmente devido ao tratamento que destinava às suas filhas, mantendo-as na mais estrita vigilância. [...] Belo Horizonte foi representada também como uma cidade estratificada e hierarquizada. (2001, p. 33-34).

As críticas dos modernistas à elite demonstram, de certa forma, que eles se sentiam excluídos dos círculos sociais dessa classe, pois, muitas vezes eles desejavam ser aceitos por ela. Vindos do interior eles sentiam falta em alguns momentos do prestígio que suas famílias possuíam em suas terras natais.

3.2 – Modernistas e Tradicionalistas Convivem na Capital Mineira

Alguns locais da cidade de Belo Horizonte freqüentados pelos modernistas davam à cidade ares modernos. Era o caso da Rua da Bahia com seus bares, restaurantes, confeitaria, charutaria, *bonbonnière*, casas de moda, a Livraria Francisco Alves e outros locais de encontro e cultura. O Bar do Ponto e o Café Estrela, também na Rua da Bahia, eram locais onde aconteciam muitos encontros, onde a vida cultural da cidade efervescia. O Café Estrela era o reduto do grupo modernista e o Bar do Ponto o local onde os populares discutiam principalmente política.

Embora os modernistas e os grupos tradicionais da cidade nem sempre freqüentassem os mesmos locais, a convivência entre eles se fazia presente no mundo intelectual. É necessário considerar também o pequeno número de locais de encontro e lazer na cidade, o que fazia com que a elite belorizontina, em alguns momentos, acabasse se dirigindo aos mesmos lugares. No setor profissional, tanto uns quanto os outros fizeram carreira em órgãos burocráticos. No *Diário de Minas*, órgão do conservador Partido Republicano Mineiro (PRM), os modernistas puderam trabalhar e fazer do jornal um espaço para o desenvolvimento do modernismo. Bolívar trabalhou no jornal ao lado de Noraldino de Lima e José Oswaldo de Araújo. Embora não haja datas precisas sobre sua participação no jornal, há alguns números de 1918 que trazem reportagens assinadas por ele. Há também algumas cartas de agradecimento por favores prestados através do jornal durante a década de 1920. Apesar desta convivência, Bolívar mantinha seu tradicionalismo, como bem evidencia Manoel Hygino ao falar sobre as características intelectuais de Bolívar e suas relações no *Diário de Minas*:

Mas de qualquer modo a gente verifica que Arduíno era um homem dessa época, era um homem do século passado, das velhas idéias literárias vivendo num período de revolução. Ele antecedeu, portanto, a Malfati, os Andrades, o Carlos Drummond inclusive, estes todos daquelas épocas. Embora o Arduíno fosse trabalhar já no *Diário de Minas*, ele foi até diretor do *Diário de Minas*, num período já mais florescente quando já começava se acreditar que o movimento modernista não era exatamente uma escola, mas um movimento e que ele viera pra ficar, que as velhas idéias, as rimas e outras coisas estavam, não vou dizer sepultadas definitivamente, mas também relegadas a plano secundário. Então essa é a imagem que a gente tem do Arduíno, o professor brilhante, professor de latim, de português, essa coisa toda, com idéias que vinham do século passado, ele era de 1873, mas que trouxe aquele movimento de ebulição a partir de 1920. [...] E isso é interessante, essa convivência dele com as idéias novas, sem precisar aderir a elas, né? E com quem que ele convivia no *Diário de Minas*? O *Diário de Minas*, que era do PRM, foi um jornal do João Alphonsus, que era colega dele, em que trabalhou Pedro Nava, em que o próprio Drummond escrevia, foi redator chefe, alguma coisa assim. Ele sabia, ele se isolava daquilo, ele convivia com os homens, mas não convivia com as idéias, não adería às idéias.¹⁴

Segundo Humberto Werneck (1992), o *Diário de Minas* foi fundado em janeiro 1899 e fazia oposição ao então presidente do Estado Silviano Brandão. Em novembro do mesmo ano o jornal foi comprado pelo PRM, “do qual passou a ser o órgão oficial. Como o PRM se eternizava no poder, o jornal se tornou, também, um órgão oficioso do Palácio da Liberdade – que, discretamente, lhe estendia algum dinheiro.” (WERNECK, 1992, p. 19).

Até meados da década de 1920 o *Diário de Minas* acolhia principalmente escritores parnasianos. Carlos Drummond de Andrade começou a escrever para o jornal em 1921. A Semana de Arte Moderna de fevereiro de 1922 não foi noticiada de imediato, pois, como foi dito, o modernismo mineiro não foi concomitante ao paulista. Contudo, em setembro do mesmo ano Drummond escreveu no jornal sobre *Os Condenados*, livro de Oswald de Andrade. A Caravana Modernista de 1924 e a contratação de Drummond em 1926 como funcionário e não mais colaborador do jornal, foram fatores que propiciaram aos modernistas uma acolhida significativa dentro do Diário.

A contradição existente no fato de ser modernista e trabalhar no jornal de um partido de tradição conservadora é percebida e destacada por quem também a viveu. É o que relata Cyro dos Anjos em suas memórias:

Como anteriormente procederam os futuristas de São Paulo, ocupando o *Correio Paulistano*, órgão do conservantismo perrepista, também os de Belo Horizonte vieram a estabelecer o seu Quartel-General no *Diário*, porta-voz do PRM. Mas, sorrateiro, o grupo montanhês se absteria de proclamações solenes, um pouco por

¹⁴ Entrevista com Manoel Hygino, jornalista e escritor, realizada em 12/06/2006.

temperamento e um pouco, talvez, por cautela, para não assustar Bernardes, Venceslau e outros conspícuos membros da Comissão Executiva do Partido. (1979, p.355).

Fernando Correia Dias (1968) também retrata a contradição entre o modernismo e o *Diário de Minas*. O jornal representava o conformismo político, e o modernismo o inconformismo literário. Contudo, embora contribuíssem inevitavelmente com a oligarquia mineira, representada pelo PRM, os modernistas lançavam debates que fermentavam o meio intelectual. Os jovens modernistas se contrapunham ao autoritarismo de Arthur Bernardes.

Enquanto os modernistas tentavam, de uma forma sutil, implantar o modernismo em Minas através do *Diário*, Bolívar, no mesmo órgão estava ligado a políticos perremistas como Arthur Bernardes.

A convivência de Bolívar com os modernistas pode ser explicada também pelo fato de que os modernistas mineiros não romperam totalmente com a tradição, possuíam um lado tradicional que os colocava em contato com as elites tradicionais que criticavam.

Os modernistas belo-horizontinos não manifestaram um compromisso impreterível com o novo, nem eram entusiastas da modernidade, ao contrário, olharam-na com certa desconfiança, às vezes orientados por valores retrógrados e tradicionalistas, quando lamentam a perda de certos privilégios e das formas de reconhecimento tradicionais, outras vezes expressando os dilemas próprios da vida moderna, que, na concepção weberiana, implicaram a simultânea conquista e perda da liberdade e individualidade. (ANDRADE, 2001, p. 38).

Os jovens modernistas tinham uma relação amistosa com as gerações mais velhas, ainda que os mais velhos não se identificassem totalmente com o modernismo. Bolívar conviveu com os modernistas, era amigo de Drummond, mas nem por isso aderiu ao pensamento modernista. “O grupo de escritores não se isolava, contudo. Estava em relacionamento com outros grupos. [...] Interpenetravam-se os jovens intelectuais com os altos funcionários, os jovens bem nascidos, os jovens políticos e administradores.” (DIAS, 1968, p. 75). Mário Casassanta também foi amigo de Bolívar, o jovem modernista descreve seus encontros e sua amizade com Bolívar após terem sido apresentados por Mário de Lima, amigo em comum dos dois: “[...] sempre nos vimos, querendo aos mesmos amigos, concorrendo aos mesmos pontos, ouvindo os mesmos conferencistas, lendo os mesmos livros, compartilhando das alegrias e tristezas do mesmo pequeno núcleo humano que recenseamos em Belo Horizonte.” (CASASSANTA, 1952, p. 288).

Outro exemplo da convivência entre gerações e da mistura entre o tradicional e o moderno, é o namoro de Hélio Pellegrino e Amaryllis Bolívar, filha de Arduíno Bolívar.

Pertencente à geração de 1945, o jovem literato nascido em 1924 se afastou da literatura, atraído pela psicanálise e pela política. Pellegrino e seus amigos, também jovens escritores, Fernando Sabino, Otto Lara Rezende e Paulo Mendes Campos ficaram conhecidos em Belo Horizonte como os quatro cavaleiros do apocalipse¹⁵. Os quatro freqüentaram as reuniões promovidas por Bolivar em sua casa, onde se reuniam intelectuais e artistas¹⁶. Nestes encontros Pellegrino conheceu Amaryllis, a filha mais nova de Bolivar, e os dois começaram a namorar.

Hélio Pellegrino, marxista, participou da luta contra o fascismo em Belo Horizonte, foi dirigente do Partido Socialista em Minas Gerais e se candidatou a deputado pela UDN em 1945, mas não se elegeu. Na ditadura militar lutou novamente contra a violência imposta pelo governo. Após a fundação do Partido dos Trabalhadores, no início da década de 1980, se tornou militante deste partido. O perfil de Pellegrino em nada coincide com o de Bolivar, mas apesar disso, os dois se relacionavam de forma cordial, Pellegrino foi acolhido não só nos saraus de Bolivar, como também o namoro dele com sua filha foi aceito com naturalidade. Sobre a opinião de Bolivar quanto ao namoro de Amaryllis, conhecida como Lila, José Bento Teixeira de Salles comenta:

[...]ele [Bolivar] era liberal pra danar, a Lila namorou Hélio Pellegrino. E o Hélio era um louco desvairado, e ia pra casa dele, e ele aceitava. Ele era meio alienado: - *quem será esse louco aqui em casa?* Era um homem aberto, tanto era aberto que não apenas acolhia, mas convivia bem com esse povo de vanguarda. Aliás, é um pouco de Minas isso, Minas é contraditória. Minas é conservadora, pra não dizer reacionária, a tradição histórica de Minas é o conservadorismo, mas ao mesmo tempo, Minas é libertária, ela vem de Tiradentes.¹⁷

Na fala de Salles fica clara a forma com que Bolivar acolhe em sua casa e em sua família o jovem literato Hélio Pellegrino. Salles chega a dizer que Bolivar era um homem aberto, exatamente pelo fato de possuir um perfil notadamente tradicional e se relacionar com os jovens de vanguarda. Embora fosse tradicional na literatura, Bolivar não o era em suas relações pessoais.

Enquanto Bolivar transitava pelo mundo tradicional e pelo moderno, as contradições estavam presentes em vários aspectos da sociedade da jovem capital mineira. Belo Horizonte

¹⁵ Em homenagem ao grupo, há estátuas de bronze dos quatro literatos na Praça da Liberdade em Belo Horizonte. O monumento “Encontro Marcado” foi inaugurado pelo governador Aécio Neves em 11/10/2005.

¹⁶ Estas reuniões serão tratadas no próximo capítulo.

¹⁷ Entrevista com José Bento Teixeira de Salles realizada em 14/06/2006.

possuía características que a retratavam em alguns aspectos como cidade moderna e em outros como cidade provinciana. Humberto Werneck destaca algumas destas imagens de Belo Horizonte: “Com seus vinte anos, que coincidiam com os vinte do século, a capital de Minas encarnava ao mesmo tempo a modernidade e a tradição. O atraso e a vanguarda. Emaranhava-se em contradições, em paradoxos.” (1992, p.33). Segundo o autor, era costume da época tomar cachaça em xícaras de café para não escandalizar os transeuntes que passassem próximos ao Bar do Ponto, ao mesmo tempo em que era possível comprar drogas nas farmácias com facilidade ou assistir aos desfiles automobilísticos dos donos de bordéis com suas novas funcionárias.

Mais moderno e atraente para os jovens intelectuais do início do século XX, o Rio de Janeiro despertou em muitos mineiros a vontade de deixar para trás a provinciana Belo Horizonte e se arriscar nos mares cariocas. Alguns intelectuais modernistas como Carlos Drummond de Andrade e Cyro dos Anjos foram morar no Rio de Janeiro, pois em Belo Horizonte não encontraram meios suficientes para continuarem suas carreiras de escritores. Na então capital federal eles tinham a chance de continuar trabalhando na burocracia enquanto escreviam e publicavam suas obras. Pedro Nava também foi para o Rio de Janeiro, mas dedicou-se ao exercício da medicina e ao ensino superior até 1972, quando começou a publicar suas memórias¹⁸.

Para Humberto Werneck, até a década de 1960 o Rio de Janeiro foi o principal destino dos mineiros, só então São Paulo, com salários maiores, passou a atraí-los.

[...] qualquer que seja o passaporte, os escritores mineiros, em sua imensa maioria, mais dia menos dia batem asas, e raramente voltam. Por falta de empregos que permitam conciliar a criação e a subsistência, dizem uns. Ou porque os horizontes, embora belos, sejam estreitos para quem queira vivências mais amplas. Ou, ainda, pela repetida constatação de que, se santo de casa não faz milagre, em casa mineira o santo é particularmente inoperante. (1992, p.185).

Ao contrário dos modernistas, Arduíno Bolívar continuou em Belo Horizonte. Mas, é importante destacar que em algumas cartas enviadas a Drummond, Bolívar fala em ir morar no Rio de Janeiro, mesmo achando a cidade muito turbulenta. Em 02 de janeiro de 1936 Bolívar escreveu a Drummond dizendo: “Se o meu tempo de serviço público aqui pudesse ser computado para aposentadoria federal eu aceitaria um lugar aí, pois estou no fim da vida [...]. Estude o caso e submeta-o ao Capanema que, sei, tem boa vontade.” (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, Fundo Carlos Drummond de Andrade). Em dezembro de 1941 outra

¹⁸ Baú de ossos – 1972, Balão Cativo – 1973, Chão de Ferro – 1976, Beira-Mar – 1978, Galo das Trevas – 1981 e O Círio Perfeito – 1983.

carta para Drummond revela sua intenção de ir para o Rio, e apesar dos defeitos que enxerga na cidade, pede aos amigos, Abgar Renault e Drummond que o ajudem em sua possível mudança. A ida dos filhos para a cidade é um incentivo para que Bolivar pense em ir para lá.

O Abgar e você são os meus capangas na minha possível investida contra esse gigantesco, turbulento e perigoso Rio de Janeiro... Quero que você auxilie ao Abgar no exame da situação. Preciso fixar-me algum tempo aí. Esse foi sempre um grande desejo meu, aumentado agora com a insistência do Arduíno Filho e, sobretudo, da Terezinha, que preferem isso aí, com todos os incômodos e fadigas, a isto por aqui. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, Fundo Carlos Drummond de Andrade).

Em abril de 1944 Bolivar volta a falar com Drummond sobre a possibilidade da mudança, mesmo que não seja o ideal para ele:

Quero que você pondere cuidadosamente a hipótese de minha transferência para aí. [...] Já tenho aí dois filhos, como você sabe. A Terezinha está bem colocada na Rubber Corporation e provavelmente obterá remoção para aí. Ainda assim o ideal seria permanecermos aqui na nossa velha e amada Minas, ancoradouro seguro e tranqüilo nestes tempos incertos e ameaçadores em que vivemos. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, Fundo Carlos Drummond de Andrade. Grifo do autor).

A contradição está presente nas falas de Bolivar, pois ao mesmo tempo em que ele considera o Rio de Janeiro um lugar menos agradável que Minas Gerais, se sente atraído a experimentar a vida na cidade. Há também a possibilidade de Bolivar se sentir pressionado pela família a se mudar para o Rio. De qualquer forma, seus planos nunca se concretizaram, Bolivar morou em Belo Horizonte até 1952, ano de sua morte.

3.3 – A Tradição na República Velha

As contradições vividas por Bolivar e pelas gerações do final do século XIX e início do século XX, têm como contexto as mudanças que se processavam na época, ocorridas nas estruturas de poder, economia e política. A República Velha, período que compreende os anos de 1889 a 1930, imprimiu à sociedade brasileira traços significativos e marcantes da tradição dos coronéis. Neste contexto, a chegada da modernidade foi um processo marcado pela contradição entre valores e idéias que se chocaram nas primeiras décadas do século XX. A revolução de 1930 marcou a mudança de uma sociedade agrária e tradicional para outra

industrializada e moderna. Porém, as mudanças não ocorreram de forma rápida e homogênea, por muito tempo o velho e o novo conviveram numa sociedade notadamente heterogênea e muitas vezes incoerente.

Segundo Boris Fausto (2002), a Proclamação da República em 1889 não contou com a participação popular, os diversos grupos que disputavam o poder não tinham interesse em alarmar o povo para a passagem da monarquia à república. Mesmo a elite intelectual da época não participou do processo, salvo aqueles intelectuais ligados diretamente aos grupos de poder. O espanto com que foi recebida a notícia fez com que muitas pessoas não aceitassem a república e defendessem a volta da monarquia a todo custo. Bolívar, como foi dito no primeiro capítulo, não aceitava a república, assim como seu irmão Carlito que lhe escreveu em 1903, quatorze anos após a Proclamação da República, e culpou a monarquia pela difícil situação do país. Os dois trabalharam no *Comércio de São Paulo*, órgão monarquista, ou seja, havia organizações a favor da volta da monarquia.

Havia muitas disputas de poder, entre monarquistas e republicanos e entre diversos grupos que queriam participar diretamente das decisões. O paulista Campos Sales, presidente do Brasil de 1898 a 1902, idealizou a Política dos Governadores. Esta política pretendia diminuir as disputas entre os grupos de poder nos Estados, harmonizar as relações entre a União e os Estados e entre o executivo e o legislativo. “O governo central sustentaria assim os grupos dominantes nos Estados, enquanto estes, em troca, apoiariam a política do presidente da República.” (FAUSTO, 2002, p. 259). O que se pretendia era o revezamento no poder entre Minas e São Paulo. Minas Gerais teve grande peso político na República Velha, e Bolívar, embora monarquista, esteve ligado direta ou indiretamente aos grupos de poder de sua época. Francisco Salles, presidente de Minas Gerais de 1902 a 1906 foi quem o nomeou promotor de justiça em Carangola em 1903 e depois o transferiu para Ubá em 1906, por intervenção de Afrânio de Mello Franco.

A República Velha foi também conhecida como República oligárquica, pois em cada Estado havia um pequeno núcleo político que detinha o poder de fato. Os partidos da época possuíam caráter regional, cada Estado criava seu partido republicano, como foram o PRP – Partido Republicano Paulista – em São Paulo e o PRM – Partido Republicano Mineiro – em Minas Gerais. O PRP estava ligado aos interesses do café e, mais tarde, da indústria. De forma eficiente os políticos paulistas lidavam com as diversas classes sem deixar de lado os interesses das classes dominantes. O PRM “constituiu uma máquina de políticos profissionais que, em grande medida, tinha nela própria a fonte do poder, nomeando funcionários,

legalizando a posse de terras, decidindo sobre investimentos em educação, transporte etc. etc.” (FAUSTO, 2002,0 p. 262).

Em Minas Gerais era preciso estar ligado ao PRM para estar no poder ou conseguir cargos importantes. Bolívar esteve ligado ao PRM, pois seus amigos políticos, como Raul Soares e Arthur Bernardes, pertenciam ao partido e através deles Bolívar conseguiu algumas nomeações. Mas não só Bolívar esteve ligado ao PRM, os modernistas mineiros, embora na vanguarda intelectual e literária se abrigaram sob a tutela do partido para garantirem postos que lhes dessem um emprego na burocracia. Como foi dito acima, o *Diário de Minas*, órgão do PRM foi o reduto do modernismo mineiro.

Nos anos de 1920 algumas mudanças começaram a ocorrer no processo político, conquanto ainda estivesse em curso a política do café-com-leite, que foi o revezamento de Minas e São Paulo no poder, a eleição do candidato mineiro à presidência da república Arthur Bernardes causou grande insatisfação ao Rio Grande do Sul, descontente com o domínio político de Minas e São Paulo e temeroso de que Bernardes realizasse reformas que diminuíssem a autonomia dos Estados, como realmente aconteceu em 1926. Ao lado do Rio Grande do Sul estavam a Bahia, Pernambuco e o Rio de Janeiro, Estados fortes que eram prejudicados pelo domínio Minas – São Paulo. Também os militares estavam contra Bernardes, acusado de ser anti-militar. “O mineiro Artur Bernardes (1922-1926) governou em meio a uma situação difícil, recorrendo a seguidas decretações de estado de sítio. Extremamente impopular nas áreas urbanas, especialmente no Rio de Janeiro, lançou-se a uma dura repressão para os padrões da época.” (FAUSTO, 2002, p. 315).

Bernardes ficou conhecido como um presidente duro, a imagem que se tem de seu governo é de um período repressivo. Bolívar, seu amigo de infância, estava ligado a ele não só por esta amizade, como também pelas relações profissionais. A assessoria de Bolívar a Bernardes aconteceu durante todo o período de seu governo. O depoimento de Manoel Hygino retrata o período difícil do governo de Bernardes e a identificação existente entre ele e Bolívar:

E por outro lado, ele se ligara [...] ao Arthur Bernardes, eles dois se davam bem, eram duas expressões típicas do Colégio do Caraça. A gente sabe, por exemplo, no caso do Arthur Bernardes que ele governou o Brasil durante todos os quatro anos em regime de exceção, ou seja, em estado de sítio. De modo que foi um momento muito grave da vida brasileira: revoluções, o início da Coluna Prestes. Isso tudo criou uma imagem bastante clara de quem era um e de quem era o outro. [...] porque o próprio Bernardes era um homem muito íntegro, mas também muito

sumário em suas decisões, daí algumas incompreensões que ele sofre até os nossos dias.¹⁹

Como declara Manoel Hygino, a Coluna Prestes teve início no governo de Bernardes. Liderada pelo capitão Luís Carlos Prestes, entre 1925 e 1927 a coluna percorreu 24 mil quilômetros passando por vários estados brasileiros. A Coluna pretendia por fim às oligarquias e conclamar o povo a se unir aos revoltosos a favor de uma revolução. Durante o percurso da Coluna muitas pessoas aderiram a ela, o número de participantes oscilava em virtude das adesões e das deserções, variando em torno de mil e quinhentos militantes. Luís Carlos Prestes ficou conhecido como o *Cavaleiro da Esperança*, mas enquanto para alguns ele representava a esperança em um mundo melhor, para outros ele era uma ameaça a ordem. Uma carta de Ritinha (irmã de Arduíno), para Angelina (esposa de Arduíno), datada de 12 de dezembro de 1936, revela a falta de apreço por Luís Carlos Prestes em uma brincadeira. “Já devem saber, a Cora tem mais um menino, que se chama Luiz Carlos, só, e não Luiz Carlos Prestes. Deus o livre.” (PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar).

Apesar de todos os problemas enfrentados pelo governo Bernardes desde a sua candidatura, a sucessão presidencial ocorreu sem maiores problemas, respeitando a política do café-com-leite. O vitorioso foi o candidato indicado por São Paulo Washington Luís. Os problemas começaram no final do seu governo, quando o presidente indicou outro paulista para sucedê-lo, Júlio Prestes. Foi o momento propício para o Rio Grande do Sul entrar em cena. Aliado a Minas Gerais, que não aceitava a decisão do presidente paulista, o estado da região sul lançou a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas e para vice o presidente da Paraíba João Pessoa. Apesar de forte oposição, em março de 1930 Júlio Prestes venceu as eleições. Mas um acontecimento mudaria os rumos do poder, o assassinato de João Pessoa.

A 26 de julho, João Pessoa era assassinado em uma confeitaria de Recife por João Dantas, um de seus adversários políticos. O crime combinava razões privadas e públicas, mas, na época, só se deu destaque às últimas, pois as primeiras arranhariam a figura de João Pessoa como mártir da revolução. (FAUSTO, 2002, p.323).

Para os oposicionistas, a morte de João Pessoa permitiu que fossem retomados os planos da revolução. Em outubro de 1930 a revolução se iniciou em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul e no Nordeste. Após alguns combates Getúlio Vargas tomou posse em 3 de novembro de 1930. A Revolução de 1930 representou o fim da República Velha ou Primeira

¹⁹ Entrevista com Manoel Hygino, jornalista e escritor, realizada em 12/06/2006.

República, mas, apesar disso, não representou uma estrutura de poder realmente nova e diferente da anterior.

A revolução de 1930 não foi feita por representantes de uma suposta nova classe social: a classe média ou a burguesia industrial. A classe média deu lastro à Aliança Liberal, mas era por demais heterogênea e dependente das forças agrárias para que, no plano político, se formulasse um programa em seu nome. (FAUSTO, 2002, p. 325).

Embora tenha mudado a elite no poder em 1930, não houve grandes rupturas. A maioria dos participantes da Revolução se formou com bases sólidas na República Velha, inclusive o próprio Vargas. A troca de favores, prática dominante até então não foi extinta, a diferença estaria na centralização do poder, os Estados não teriam a mesma autonomia, portanto, os favores partiriam do governo central para os Estados. Minas Gerais se adaptou ao novo governo para continuar no poder.

Depois de 1930, Minas continuou a sua tradicional política de governismo, apoiando o Presidente Vargas. Habilíssimos no jogo dos legisladores de transigências e manobras, os mineiros dirigiram o Congresso durante quase todo esse período. [...] Sempre estiveram representados no ministério. A coesão doméstica era a chave dessa influência nacional. [...] Depois de 1930, a tradicional capacidade dos mineiros de se unirem em torno do governador voltou a assegurar-lhes uma influência nacional, mas em condições que fizeram de Minas um cliente político de Vargas. (WIRTH, 1975, p. 77).

A Revolução de 1930 não extinguiu as práticas da República Velha, em Minas Gerais o patriarcalismo continuou sendo exercido, as principais famílias mineiras continuaram fazendo política como antes, os sucessores renovavam os laços de clientelismo que uniam os políticos e a sociedade. Nesse contexto se torna difícil uma introdução da modernidade de forma a abalar as bases paternalistas e familísticas tradicionais em Minas Gerais.

A hibridez das instituições em Minas Gerais, e no Brasil de uma forma geral, propiciam a inversão de valores entre as esferas pública e privada, pois as duas se confundem e as relações familiares e de amizade se sobrepõe aos interesses públicos. Desta forma, faz-se necessária uma análise mais aprofundada desta relação entre público e privado, buscando entender suas origens e suas influências na sociedade.



Figura 5: Arduíno Bolivar, Angelina Bolivar, Maria Tereza Bolivar, Arduíno Bolivar Filho, Aluisio Bolivar, Tereza Cristina Bolivar e casal de amigos.
Fonte: PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar.



Figura 6: Arduíno Bolivar com João Franzem de Lima, Alceu Amoroso Lima, Mário Casassanta e outros.
Fonte: PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar.

4 – ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

Bolívar passou para seus contemporâneos a imagem de um homem reservado, homem que preferia não aparecer, nem mesmo publicações deixou para a posteridade. Preferia fazer reuniões de amigos em sua casa à participar de festividades ou encontros fora dela. Mas, se por um lado Bolívar foi este homem doméstico e reservado, por outro deixou transparecer algumas atitudes ou vontades que, se não contradizem, pelo menos colocam em questão esta sua imagem tão reafirmada.

Em algumas cartas surgem outros dois pontos a serem levantados, a questão de não publicar e a despreocupação com dinheiro. Ponto comum entre os que conheceram Bolívar é que ele não queria publicar suas obras (próprias ou traduções) e também não fazia questão de receber por seus trabalhos como tradutor, mas nestas cartas podemos observar que as necessidades reais falaram mais alto em alguns momentos e ele recorreu a Drummond para tentar conseguir alguns trabalhos extras.

Estas questões levantadas são apenas alguns exemplos das tensões que os homens experimentam durante suas vidas. A oposição público/privado se mostra bastante relevante na vida de Bolívar, pois ao mesmo tempo em que exerceu cargos públicos e se relacionou com figuras públicas de sua época, tentou preservar sua intimidade, passando às vezes a impressão de ser homem sisudo. A fala de seu contemporâneo Manoel Hygino, demonstra esse seu caráter:

Bom, dentro do contexto de Arduíno Bolívar em Belo Horizonte, é bom ressaltar que ele não era um homem popular. O que nós verificamos na época em que ele viveu em Belo Horizonte, ele era um homem bastante retraído, gostava de ir dar as suas aulas, conversar com seus amigos, ir à biblioteca ou às livrarias comprar as últimas publicações [...] não era um homem eminentemente de participar de festividades, de vida social, de modo que o que restou da imagem dele era de um homem sisudo, sério, e embora muito convivente, se dava muito bem com a família, não se envolvia em outros problemas, de modo que é uma figura assim bastante singular dentro do panorama de Belo Horizonte.²⁰

Hannah Arendt (1985) ao dissertar sobre a condição humana, fala de um aspecto importante que caracteriza o homem: a ação. A ação desenvolvida pelos homens é o que permite que eles sejam lembrados posteriormente, que entrem para a história. Por se saber mortal, o homem tende a construir obras que durem após sua partida deste mundo, este é um

²⁰ Entrevista com Manoel Hygino, jornalista e escritor, realizada em 12/06/2006.

modo dele se tornar imortal. “Por sua capacidade de feitos imortais, por poderem deixar atrás de si vestígios imorredouros, os homens, a despeito de sua mortalidade individual, atingem o seu próprio tipo de imortalidade e demonstram sua natureza ‘divina’.” (ARENDT, 1985, p. 28).

A publicação de suas obras poderia garantir ao homem o reconhecimento, em vida e após a morte. Muitos dos escritores amigos de Bolívar publicaram livros que lhes garantiram reconhecimento. Se em princípio não queria publicar, Bolívar foi levado a tentar fazê-lo com suas traduções, talvez por suas dificuldades financeiras. Em carta de 24 de maio de 1944, Bolívar escreve a Drummond:

Eu estou em apuros. Vendi a casa da Paraíba para pagar a previdência (onde estava hipotecada) e o resto foi para os bancos, de que ainda não me desvencilhei de todo. Devo ainda cerca de 15 mil cruzeiros. Faço a você esta confidência que de certo você não incluirá nas “Confissões de Minas”... [...] Não deixe de promover, com o seu valimento perante as casas editoras, obtenção de algumas traduções, trabalho mais adequado à minha idade e ao meu gosto. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, Fundo Carlos Drummond de Andrade).

Em outra carta para Drummond, datada de 18 de novembro de 1947, Bolívar fala sobre tentativa de publicar algumas de suas traduções, mas imbuído de modéstia faz comentários sobre a qualidade de seus textos e ironiza o valor comercial que eles possam ter ao chamá-los “produtos mercantis”.

Disseram-me [...] que o “Correio” e outros jornais costumam remunerar os colaboradores dos suplementos dominicais. Se assim é (e como ando sempre “oberado”) autorizo você a ajustar aí as condições para a publicação de vários calhaus que me abarrotam as gavetas e que lhe pareçam dignos de vir a lume sem desdouro para as vítimas das minhas sacrílegas peritrações. [...] Se você concordar, queira avisar-me para eu ir “confeccionando” e “embalando” outros produtos mercantis... (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, Fundo Carlos Drummond de Andrade).

Podemos perceber nas falas de Bolívar que ele passava por apertos financeiros, e por isso recorria ao amigo para tentar se valer do seu prestígio e conseguir algum meio de publicar seus trabalhos. A modéstia, característica associada a Bolívar, ou mesmo a falta de oportunidade, não permitiram que ele publicasse um número grande de obras.

Bolívar privilegiava a vida privada, sua vida familiar era intensa, passava a maior parte do tempo disponível em casa, na sua biblioteca ou ouvindo e tocando música. Os seus atos públicos foram discretos, e embora estivesse ligado, por relações pessoais, a nomes da política e da intelectualidade, geralmente seu nome não aparecia. Hannah Arendt fala sobre a

relação entre a excelência e a esfera pública, apenas nesta esfera poderia haver a realização completa do homem:

A excelência em si [...] sempre foi reservada à esfera pública, onde uma pessoa podia sobressair-se e distinguir-se das demais. Toda atividade realizada em público pode atingir uma excelência jamais igualada na intimidade; para a excelência, por definição, há sempre a necessidade da presença de outros, e essa presença requer um público formal, constituído pelos pares do indivíduo; não pode ser a presença fortuita e familiar de seus iguais ou inferiores (1985, p.58).

Arendt relaciona ainda a admiração pública à recompensa monetária, pois o *status* proporcionado a quem é admirado é o equivalente imaterial à materialidade do dinheiro. Bolívar, por se expor pouco à esfera pública, não foi admirado como seus amigos políticos ou escritores, e por conseguinte, não foi recompensado monetariamente como eles.

A maior herança intelectual deixada por Bolívar são suas traduções. Professores, escritores e literatos reconheceram suas qualidades. Mas, além das traduções, também escreveu poemas e crônicas. Alguns poemas foram publicados em jornais, mas a maioria permanece inédita. Bolívar escreveu suas crônicas, a maior parte das vezes, sob pseudônimos, como “Beduíno em Oásis” e “Boccacio”, por exemplo, e outras vezes não os assinou. Bolívar não quis reunir seus textos e traduções para publicar, talvez por medo de se expor a julgamentos. O fato de não querer se mostrar pode revelar algo além da modéstia, pois ao ser um homem tão reservado Bolívar se resguardou de críticas e avaliações. Ao se manter no ambiente privado Bolívar evitou que sua obra fosse julgada. O intelectual que não se expõe, como Bolívar, evita questionamentos, mas também não deixa que o público conheça inteiramente seu modo de pensar. Essa característica de Bolívar fez com que ele ficasse conhecido como homem modesto, mas revela também o medo da exposição e da crítica.

4.1 – Encontros e Saraus

O livro de memórias de Eunice Vivacqua (1997) recria o ambiente da Belo Horizonte dos anos de 1920, época em que efervescia o movimento modernista na cidade. A casa de sua família, um casarão situado à rua Gonçalves Dias, 1218, foi palco de inúmeros encontros entre os escritores e intelectuais da época. O casarão ficou conhecido como Salão Vivacqua, exatamente por abrigar os encontros e festas desta geração. A família Vivacqua se transferiu

de Cachoeiro do Itapemerim, Espírito Santo, para Belo Horizonte no início dos anos de 1920. A mudança aconteceu porque Achilles Vivacqua, um jovem de vinte anos, foi atacado pela tuberculose e o médico recomendou à família que se mudasse para Belo Horizonte, cidade considerada ideal para o tratamento da doença por causa de seu bom clima. Achilles era poeta e rapidamente passou a fazer parte do grupo intelectual da época.

Em 1928, Achilles Vivacqua, Guilhermino César e João Dornas Filho criaram o *Leite Criôlo*, jornal modernista ligado ao movimento antropofágico de Oswald de Andrade. Foram publicados 16 números, tendo sido publicado o primeiro em maio de 1929. O jornal fazia parte do suplemento literário do *Estado de Minas*. Outros modernistas mineiros como Drummond, Pedro Nava, Abgar Renault, Cyro dos Anjos e outros, apoiaram a publicação, mesmo não fazendo parte do movimento antropofágico.

Os saraus do Salão Vivacqua eram freqüentados principalmente pelos modernistas, o casarão era o lugar em que eles se encontravam longe dos olhares da cidade, na privacidade daqueles encontros eles podiam conversar e se mostrar de maneira mais íntima. Eunice Vivacqua relembra os freqüentadores de sua casa:

Lá estava Carlos Drummond de Andrade com seus olhos quase transparentes, pele muito clara, calado, quase carrancudo, mas tão gentil e excepcionalmente descontraído nos *footings* da Praça da Liberdade. Abgar Renault, alto, magro, elegante; era, creio eu, o *dandy* da turma, um *gentleman* discreto e inabordável, do qual eu guardava respeitosa distância. [...] De Pedro Nava, tenho imagens muito vívidas: sempre alegre, com um jeito singularmente cativante e envolvente, dominando as conversas e circulando de cá para lá, no Salão. Ele sempre ouvia, com renovada emoção, como se fora a primeira (ou derradeira) vez, o *Minueto* de Beethovem ao piano. (VIVACQUA, 1997, p. 30/31).

Também freqüentavam o Salão Milton Campos e João Alphonsus, o cronista Evagrio Rodrigues, o poeta Baptista Santiago e muitos outros. O Salão funcionou como um espaço propício aos encontros entre intelectuais da cidade, o que incentivou sua vida artística e intelectual.

A filha de Baptista Santiago, Rosa Alice Musa de Brito, conta que embora os encontros do Salão Vivacqua tenham chegado ao fim no final da década de 1920, este tipo de reunião não terminou, novos personagens entraram em cena para continuar a tradição dos saraus.

Quando Santiago hospedou mais tarde o professor Mello e Souza, vindo do Rio, nos anos 40, a fim de proferir palestra na Escola de Aperfeiçoamento, o ubaense Arduíno Bolívar convidou-o (e a sua filha do meio) a levar seu hóspede a uma reunião em sua casa à avenida Augusto de Lima, de onde alçaram vôo escritores

como Hélio Pellegrino, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende. (BRITO apud VIVACQUA, 1997, p. 46/47).

Como o Salão Vivacqua, a casa de Bolivar foi palco de muitos encontros, intelectuais e artistas que se apresentavam em Belo Horizonte iam para sua casa depois dos espetáculos. A maior parte dos depoimentos sobre Bolivar fala sobre os saraus e a hospitalidade de sua família. Seus amigos eram sempre convidados a almoçar ou jantar em sua casa, que vivia sempre cheia. Admirador da música e da poesia, Bolivar não se furtava a se reunir com os amigos para apreciá-las. Homem caseiro, Bolivar preferia a vida privada, familiar, por isso optava por trazer os amigos para o seu convívio, ao invés de sair com eles para lugares públicos. A filha de Bolivar fala sobre os encontros em sua casa:

Meu pai, ele era uma pessoa extremamente caseira, não era assim uma pessoa que ficava só em casa, mas ele quando ficava em casa ele gostava de trazer as pessoas exatamente pra ter o convívio familiar com os intelectuais, com pessoas. Tanto que eu tive uma infância muito rica, porque a minha infância era o seguinte, eu chegava na sala, tinham assim uns dez intelectuais, aqueles famosos pianistas [...] quando estiveram em Belo Horizonte. E papai ele sempre recebia, porque papai era uma pessoa assim, como ele era um poliglota, gostava de música, ele entendia muito de música. [...] Mas ele sabia teoria, sabia, entendia muito de música, e tinha uma turma muito grande que eles se freqüentavam, assim fim de semana, que era o doutor Galba Veloso, velho psiquiatra, o Iago Pimentel²¹, vários mesmo que eram médicos, mas intelectuais, eles se reuniam às vezes aos domingos pra ficar uma tarde toda ouvindo música clássica.²²

Além da música, a poesia também fazia parte dos encontros na casa de Bolivar, os escritores iam para as reuniões e Bolivar pedia às suas filhas que treinassem suas poesias para declamá-las perante seus autores. A declamação de poemas era comum nos saraus, no Salão Vivacqua elas também eram freqüentes. Amaryllis Bolivar conta um episódio em que sua irmã Maria Inês foi declamar um poema para Menotti Del Picchia. Arduíno Bolivar pediu à filha que decorasse uma poesia do convidado e a declamasse para ele. Assim fez a menina, mas no meio da poesia ela esqueceu o resto e Bolivar perguntou ao autor como ela terminava, mas Menotti Del Picchia também havia esquecido. Todos riram muito.

O costume de Bolivar demonstra sua preferência pela vida privada, mesmo a convivência com os amigos era levada para dentro de sua casa. O hábito de Bolivar de levar seus conhecidos e amigos para dentro de sua casa e de sua intimidade familiar é um traço de

²¹ Iago Pimentel foi professor de Psicologia e médico em Belo Horizonte. Ele escreveu um artigo sobre psicanálise na edição número dois do periódico modernista *A Revista*, o assunto ainda era novidade em Minas Gerais. No terceiro número publicou uma tradução sua de um texto de Freud.

²² Entrevista com Amaryllis Bolivar Drumond, filha de Arduíno Bolivar, realizada em 09/06/2006.

seu caráter observado por muitos. O escritor mineiro Aníbal Machado, irmão do político mineiro Cristiano Machado, veio a fazer no Rio de Janeiro o que Bolívar fazia em Belo Horizonte, recebia em sua casa artistas e intelectuais. Humberto Werneck descreve estes encontros:

[...] sua casa funcionou como um fervedouro das artes e das idéias, sobretudo nas noites de domingo – as célebres “domingadas” (ou “domingueiras”, como também se dizia) de Aníbal Machado, movidas por mais de três décadas a batida de limão. Ali era possível ver Vinicius de Moraes dançando *boogie-woogie*, Fernando Sabino entreterendo as crianças com uma sessão de mágicas e Tonia Carrero – que todos chamavam de Mariinha – resplandecendo no auge de sua juventude. Por lá passou o que de melhor havia na cultura e nas artes brasileiras [...] (1992, p. 40).

O ex-aluno de Bolívar José Bento Teixeira de Salles²³ se recorda das reuniões na casa de Bolívar e as relaciona às de Aníbal Machado, acrescentando que as de Aníbal eram famosas por serem mais sofisticadas, enquanto as de Bolívar eram feitas de maneira mais simples, mas nem por isso menos concorridas. Outro ex-aluno de Bolívar, Adauto Rebouças, conta como eram as reuniões na casa do professor:

Um outro feitio dele, ele era afeiçoado à música, à música fina, na casa dele tinha um belo piano, na rua Paraíba, e os concertistas, os revivalistas, que vinham a Belo Horizonte, como a Guiomar Novaes, a Madalena Tagliaferro, outros grandes artistas famosos da época, violinistas também, já se sabia, ponto certo de encontro depois dos recitais no Teatro Municipal [...] faziam ponto na casa dele depois dos espetáculos. Então a casa dele da rua Paraíba era o ponto de concentração dos artistas de categoria, de qualidade, não tinha outra, não dava outra, eles se reuniam ali porque ele sabia receber como ninguém o mundo intelectual, o mundo artístico [...] Então na casa dele havia os encontros da música mais fina. Todos os dias, todos os dias o mundo intelectual, o mundo da arte, recorria à casa dele.²⁴

A referência de Adauto Rebouças aos encontros diários deve-se ao fato de que Arduíno Bolívar recebia os amigos em sua casa não só para os saraus, mas também para almoços e jantares. Os conhecidos com quem se encontrasse fora de casa eram quase sempre convidados a ir para sua casa e tomar um lugar à mesa, para surpresa de sua esposa Angelina que não esperava convidados, mas que já estava acostumada a receber visitas inesperadas. Mário Casassanta foi convidado por Bolívar para jantar em sua casa no dia em que se conheceram, apresentados por Mário de Lima. “Conversamos, conversamos, e, como se fizesse tarde e eu estava com medo de perder o jantar da Pensão, Arduíno levou-me para sua casa, na rua Paraíba, onde jantei e passei algumas horas.” (CASASSANTA, 1952, p. 285).

²³ Entrevista com José Bento Teixeira de Salles realizada em 14/06/2006.

²⁴ Entrevista com Adauto Rebouças realizada em 20/06/2006.

Em outra ocasião, com um amigo em comum de ambos, Casassanta foi novamente convidado pra jantar na casa de Bolivar, após uma das inúmeras vezes em que os três percorreram as livrarias de Belo Horizonte. O encontro é relatado por Casassanta:

Acabado o jantar, os dois transportaram-me para um mundo ideal. Arduíno era doido por música e Escobar era não só conhecedor profundo de música, mas notável pianista. Escutei coisas belas, escutadas e tocadas. Depois, fomos para a biblioteca, que ficava no fundo da casa, e ali vivi horas da Renascença, Humanistas ambos, mal tinha eu a coragem de meter aqui e ali uma ou outra palavra, de tal sorte me pareceram notáveis aqueles dois homens num campo que já era meu conhecido, porque outra coisa não havia eu feito em todas as horas dos últimos cinco anos do que ler e reler clássicos portugueses, franceses, castelhanos, italianos. (CASASSANTA, 1952, p. 286).

Os saraus na casa de Bolivar e os inúmeros almoços e jantares em que ele levava os amigos para compartilhar com sua família demonstram o modo de viver de um homem reservado, que preferia lidar com as pessoas no âmbito do privado. Revelam também sua generosidade em acolher as pessoas em sua casa. Outro fato pitoresco, narrado por Mendes Pimentel, vizinho de frente de Bolivar, e contado aqui pelo colunista Wilson Frade, revela esse lado generoso de Bolivar:

O fato mais pitoresco que guardo da sua extrema filosofia: toda empregada que perdia o emprego no bairro, acomodava-se em sua casa. Um dia, ele abriu seu escritório e encontrou, lá, uma, dormindo. De outra feita, foi rever seus livros como o fazia todas as noites, e outra festejava com as amigas, na sua biblioteca, seu aniversário, com docinhos e bolo de velas. (FRADE, 1973, p. 3)

Além de ser generoso, Bolivar recebia bem seus convidados, sua hospitalidade é comprovada por todos quanto conheçam sua história. Se por um lado as amizades proporcionavam o deleite de Bolivar em suas reuniões domésticas, por outro lado, as relações com os políticos proporcionavam a Bolivar que ele conseguisse empregos e favores para ele e para os que estavam a sua volta. As trocas de favores entre os amigos sempre estiveram presentes na vida de Bolivar e de muitos outros de sua época. Ainda hoje podemos observar como a esfera pública e a privada se misturam no Brasil, ou melhor, como a esfera privada se sobrepõe à esfera pública, uma vez que esta última não conseguiu se formar completamente.

4.2 – O familismo e a ordem privada no Brasil

A família é uma instituição muito valorizada no Brasil. A tradição da família pode se sobrepor a instituições públicas governamentais. Alguns autores brasileiros se preocuparam com a questão da família e da ordem privada e com suas conseqüências que culminaram na formação de instituições híbridas no Brasil, onde o público e o privado se confundem. Nestor Duarte, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto DaMatta concordam que no Brasil a ordem privada se sobrepôs à ordem pública desde o início da formação política nacional. O diálogo entre os três autores mostra de que forma a família e os interesses privados influenciaram e influenciam a vida política e social brasileira.

A questão da formação do pensamento brasileiro deve ser analisada em suas origens, ou seja, no pensamento português de antes do descobrimento. A forma como o Brasil foi colonizado pelos portugueses influenciou sobremaneira a trajetória do povo brasileiro. A sociedade brasileira ficou marcada pelos traços de sua colonização, pois a presença portuguesa no Brasil transportou para o novo país os hábitos e costumes daquele povo. As instituições portuguesas foram transplantadas para cá, e embora tenham sido adaptadas à sociedade brasileira, esta se formou de maneira semelhante à sociedade portuguesa. Para Nestor Duarte, alguns fatores são determinantes para a formação de uma sociedade colonizada:

Os elementos sociais e os agentes humanos que a formam, ainda que modificados de logo, determinam e continuam no País que se vai constituir um desdobramento de origem, como imprimem a essa sociedade a índole e a essência da organização donde provêm e se deslocam. [...] O homem social, o que vale dizer o homem, para onde for ou onde quer que o ponham, carrega consigo, na trama de seus hábitos, de sua técnica de adaptação e processos de cultura, como nas fibras mais íntimas de sua personalidade, a sociedade em que até então viveu e que o integrou num passado qualquer. [...] Toda organização social, desde que chegue a denunciar-se por certa forma e tendência, constitui processo persistente e duradouro. Tende a continuar-se. Tocada de morte ou contendo os germes de transformação, perdura e reluta por conservar-se. (DUARTE, 1966, p.1-2).

Portugal conservou no Brasil muitos de seus costumes, como a língua e a organização política. Estes costumes, introjetados na sociedade brasileira desde o início de sua formação, têm seus reflexos ainda hoje no modo de agir e se organizar dos brasileiros. Uma das principais características do povo português é o particularismo. Ainda que Portugal tenha se tornado um Estado nacional precocemente, o povo português conservou a preferência pela

organização privada. Os laços familiares e afetivos dificilmente poderiam ser sobrepostos pelos interesses políticos coletivos.

O municipalismo é outro fator que propicia a fragmentação da sociedade portuguesa. Ao mesmo tempo em que esse tipo de organização, a municipal, apóia o trono português no controle sobre a nobreza, é contrária a ele, pois ao invés de unir, dispersa os súditos. Entretanto, é necessário à realeza aceitar o apoio contra um inimigo maior. O predomínio do municipalismo é a um só tempo o predomínio do privatismo. “Há pelo menos na organização municipal uma indistinção de esferas, quando não seja o predomínio do espírito privado sobre o público.” (DUARTE, 1966, p.11).

A forma de organização portuguesa, municipalista, prioriza a família, uma instituição contrária ao Estado por priorizar interesses particulares. A família é a negação do Estado, as necessidades dos dois são diferentes, a primeira possui caráter privado, o segundo, caráter público. Mas a família exerce maior poder sobre os indivíduos, já que ela está mais próxima deles do que o Estado. Acostumados ao sentimentalismo familiar, dificilmente estes indivíduos aceitarão o tratamento hierárquico e impessoal oferecido pelo Estado. Dificilmente o interesse público se sobreporá ao privado. No sistema português esse antagonismo conviveu e criou formas particulares de organização, formas estas que foram transplantadas para o Brasil.

A família e o Estado tiveram ligações estreitas em Minas Gerais, o poder dos clãs familiares dominou o cenário político em diversas ocasiões. Ao redor destas famílias, os amigos se beneficiaram com cargos e favores. Bolivar conseguiu cargos e nomeações para ele, para seus familiares e para alguns amigos, através da amizade com políticos como Raul Soares, Arthur Bernardes e Gustavo Capanema, neste último caso por meio da amizade com Carlos Drummond de Andrade, chefe de gabinete de Capanema. Bolivar possuía formação profissional, era formado em direito, mas nem sempre os candidatos aos cargos eram escolhidos por sua formação. O caso de Bolivar confirma que os cargos podiam ser conseguidos também por amizade.

A Igreja Católica foi uma instituição que também exerceu importante influência sobre os portugueses. Aliada à família, a religião fez crescer o sentimento do privado. A força moral da religião incutiu no espírito português o desapego aos valores políticos do Estado. O cidadão não conseguiu se sobrepor ao fiel, dessa forma não foi possível constituir um corpo político coeso entre os portugueses. A luta dos cristãos contra os mouros se tornou o aspecto mais importante da sociedade portuguesa, e enquanto outras nações se constituíam embasadas em um pensamento político forte, os portugueses continuavam sua jornada religiosa.

João Antônio de Paula (2000), ao analisar a questão da modernidade em Minas Gerais, aponta para a precoce formação do Estado Nacional português. A luta religiosa empreendida pelos ibéricos não permitiu que eles se preparassem para enfrentar a modernidade tal qual era desenvolvida nos outros países europeus. A modernidade em Minas Gerais, assim como na Península Ibérica, será “precoce, incompleta e bloqueada. Também aqui se assistirá à atrofia do impulso moderno, que não resultará, como nos países centrais, em democratização de direitos políticos, universalização de direitos sociais, em desenvolvimento material autônomo.” (PAULA, 200, p. 19).

O Estado português que se transplanta para o Brasil se torna ainda mais fraco quando adaptado às condições da colônia. O latifúndio, inaugurado pelas Capitanias Hereditárias, e o modelo familiar patriarcal brasileiro foram fatores que contribuíram para a formação do modelo de sociedade luso-brasileira. As capitanias hereditárias foram propriedades privadas das quais os donatários puderam se apropriar com a permissão do poder real, ou seja, imensas porções de terra que serviriam a uma grande fatia da população, ao interesse público, passaram a pertencer a apenas um dono. Para João Antonio de Paula, estes fatores influenciam, ainda hoje, o cenário político brasileiro:

A mais marcante característica do Estado no Brasil, desde sempre, é a sua permanente impermeabilidade para a democracia. Privatizado, explicitamente, no período das capitanias hereditárias, foi “oligarquizado” durante o restante do período colonial. Não foi diferente o quadro no período imperial. E se, na República, não dominam mais os interesses dos cafeicultores e seus aliados, dominam outras oligarquias, as bancárias e financeiras, os grandes grupos estrangeiros, como o comprova, cotidianamente, a atual política de Estado no Brasil e suas privatizações e sua explícita submissão à ordem internacional excludente. (2000, p.98).

O Estado se mostrou sem domínio e controle sobre o território e a população desde o início no Brasil. Este problema fez com que a iniciativa privada começasse a se impor desde esta época. A ineficácia estatal propiciou às famílias, instituições privadas, tomarem o controle do poder em muitos âmbitos da organização social. As grandes famílias patriarcais brasileiras, por estarem mais próximas da população que o Estado, puderam desempenhar o papel que caberia ao poder público. O assistencialismo em troca de apoio e voto marcou a sociedade brasileira em vários momentos de sua história.

Um dos problemas pelos quais a esfera pública não se formou devidamente no Brasil foi a dificuldade dos portugueses em controlar a extensa colônia. A convivência entre os homens foi pautada pelas regras estabelecidas entre eles, a força disciplinadora do Estado

esteve distante da realidade colonial. Nesse contexto a esfera privada se desenvolveu em detrimento da esfera pública, quase inexistente no país.

A descoberta do ouro e pedras preciosas na colônia fez com que o Estado português redobrasse sua atenção na região mineradora. Vigia constante e cobrança de impostos transformou a região no lugar mais controlado pelo governo. Os mineiros se viram presa de vigilância implacável, o Estado se mostrou um grande controlador e arrecadador, mas ainda assim não conseguiu se impor como esfera pública, as iniciativas privadas continuaram a ser o tipo de relação e organização social predominante.

A família continua a ser a instituição mais organizada no Brasil. “O privatismo característico da sociedade portuguesa veio encontrar, no meio colonial brasileiro, condições excepcionais para o fortalecimento da organização familiar, que se constitui a única ordem perfeita e íntegra que essa sociedade conheceu.” (DUARTE, 1966, p. 64). Diante da falta de unidade política e da ausência do Estado, a família se mostra definitivamente como a melhor opção para os brasileiros.

A escravidão foi um fator determinante para que a família pudesse se destacar como organização privada dotada de poder no Brasil. O fato de possuir escravos possibilitava ao chefe da família uma certa independência em relação ao Estado. O trabalho escravo dotava o dono da terra de poderes indispensáveis à unidade e manutenção da família. Possuir escravos para trabalhar a terra era tão imprescindível quanto possuir a própria terra.

[...]a força do latifúndio não reside na extensão da terra mais ou menos de fácil aquisição, mas no número de braços de que possa dispor para atender às exigências das culturas extensas. A pequena propriedade não pode florescer nesse regime porque lhe falte terras para ocupar, mas sim porque é improdutivo todo o esforço dos que só dispõem de poucos braços. As grandes culturas extensivas exigem, além de grande ocupação do solo, grandes exércitos de trabalhadores – daí os grandes domínios e a grande força de quem os possuísse. (DUARTE, 1966, p. 83).

Os proprietários de escravos constituíam uma rede familiar de mando. “O senhor de escravo devia ser antes o senhor ou chefe de uma comunidade doméstica. Na família escravocrata, se o senhor é o centro, o escravo é a sua base. Na família brasileira o escravo não tem função fora dela.” (DUARTE, 1966, p. 84). As relações entre senhores e escravos fortaleceram a posição de mando dos senhores brancos, livres e proprietários de terras. Sem precisarem se preocupar com o Estado em face da descentralização política brasileira, estes senhores criaram redes familiares e privadas de domínio.

O pai de Arduíno Bolivar, Cândido Antônio Malaquias Bolivar, era proprietário de fazendas e dono de escravos em Viçosa, Minas Gerais. Praticamente não há documentos sobre

suas atividades em meio à documentação de Bolívar, mas há um comprovante de pagamento de imposto sobre escravos em seu nome e de compra de materiais para benfeitorias em sua fazenda. Ao que tudo indica, o pai de Bolívar possuía uma fazenda com alguns escravos. A morte de Cândido Bolívar em 1884 fez com que Bolívar saísse desta fazenda para ir morar em Ubá com um tio, antes de ir para o Colégio do Caraça.

Diante de tantos fatores que contribuíram para a formação de uma rede de relações privadas no Brasil, o Estado e conseqüentemente a esfera pública não puderam se desenvolver a ponto de criar no país um circuito que integrasse os cidadãos e o Estado. Como afirma Nestor Duarte:

A ausência do Estado ou a sua imperfeita acomodação no dorso de uma sociedade que pôde subsistir prescindindo de sua presença, tirou ao indivíduo os ensejos de atingir aquela condição de cidadania, de categoria política, ou não lhe deu tempo ainda de alcançá-la pela forma compreensiva e total que marca o nascimento e a construção social do homem público. Dentro de uma ordem política assim imperfeita ou inacabada, a que se contrapôs uma ordem privada tão viva e extensa, a resultante foi o desequilíbrio, antes de mais nada. (1966, p.122).

Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*, também procura demonstrar de que forma os portugueses influenciaram na formação política e cultural brasileira. Segundo o autor “a tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências”. (2000, p.13). O transplante das instituições e das tradições portuguesas para o Brasil gerou instituições e tradições híbridas, pois não puderam ser como em Portugal e não conseguiram se adaptar de forma coerente no Brasil.

As antigas famílias patriarcais brasileiras conseguiram manter seu poder através dos séculos. A organização familiar se fortificou sobremaneira, muitas vezes ultrapassou o poder do Estado, muito embora Estado e família sejam opostos em sua origem, como define Sérgio Buarque de Holanda:

O Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo. Não existe entre o círculo familiar e o Estado uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição. (2000, p.143).

Os serviços públicos formaram-se no Brasil de forma deficitária, já que nossa sociedade não favorecia o desenvolvimento do comércio e nem de formas de trabalho que desenvolvessem as relações sociais, assim como também não favorecia a formação de uma

classe média suficientemente competente e numerosa para ingressar no serviço público. Por não haver essa classe média, o sistema administrativo brasileiro foi formado pelos representantes dos senhores rurais, ou seja, foi formado com a mentalidade do velho sistema senhorial. A vida rural predominou durante muito tempo no Brasil, os centros urbanos foram formados muito tardiamente, o que dificultou a mudança de pensamento, porquanto as velhas oligarquias rurais dominaram o cenário político-cultural da época.

A cidade de Belo Horizonte é um exemplo, já que foi criada para acolher os modernos ideais republicanos e conviveu durante um longo período com as contradições entre a modernidade e a tradição rural. Mas, com todos os problemas, a classe média belorizontina que ocupou a burocracia e os serviços públicos deu à cidade o *status* de cidade administrativa.

Os cursos jurídicos fundados na primeira metade do século XIX foram uma possibilidade para os indivíduos saírem de suas casas e se libertarem da proteção familiar ao irem cursar Direito em Olinda ou São Paulo. Os homens públicos formados desta forma, ou seja, longe dos laços familiares, tiveram maiores chances de se tornarem eficientes. Mas, em alguns casos nem mesmo a distância de casa era capaz de mudar personalidades já moldadas pelos valores patriarcais.

Bolivar saiu de casa muito cedo para estudar, em 1887, aos quatorze anos, foi para o Colégio do Caraça, de onde saiu em 1893. No final da década de 1890 ingressou na Faculdade de Direito em São Paulo, concluindo o curso em 1902. Quando saiu da Faculdade, Bolivar estava quase com trinta anos, já havia trabalhado em muitos lugares, como jornalista e professor e tinha a responsabilidade de ajudar a família. Com seu preparo profissional iniciou sua carreira no interior de Minas.

Os homens públicos no Brasil, formados em faculdades ou não, não tinham uma compreensão ampla sobre a distinção entre o público e o privado, sua formação patriarcal e familística não permitia tal separação. A vida pública para estes funcionários estava atrelada aos interesses particulares e familiares. A concessão de favores e empregos era normal que fosse feita de forma pessoal, ou seja, havia concessão de benefícios a quem fosse ligado particularmente aos funcionários públicos. Muitas vezes o candidato ao emprego não possuía formação condizente com o cargo, mas tinha boas relações com outros funcionários. A impessoalidade exigida pelo Estado burocrático não existe neste tipo de organização. Este tipo de formação rural e patriarcal brasileira gerou o que Sérgio Buarque de Holanda chamou de *homem cordial*, assim definido por ele:

A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (2000, p.150-151).

O apego aos laços de intimidade é tão forte no Brasil que até em situações em que deveria prevalecer a concorrência ele é utilizado. Os comerciantes fazem dos fregueses seus amigos, para depois conquistá-los como clientes. Outro exemplo é a intimidade que os brasileiros têm como os santos, eles são considerados como se fossem íntimos dos fiéis, são castigados ou premiados conforme atendam aos pedidos deles. A sociedade brasileira se opõe diametralmente a sociedades como a japonesa, já que no Japão a tradição dos ritos é respeitada rigorosamente, enquanto no Brasil “foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, [...] um culto que dispensa no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso. (HOLANDA, 2000, p.153). A desobrigação em cumprir os ritos e humanizá-los, muitas vezes faz com que suas intenções originais sejam transformadas para se adequarem às vontades dos brasileiros, e em algumas dessas vezes eles deixam de fazer o sentido a que se propunham.

O culto ao personalismo e ao núcleo familiar, caro ao brasileiro, freqüentemente faz com que os indivíduos se apresentem indiferentes às leis que regem as pessoas em geral e tentem se mostrar diferentes dos outros, principalmente nos aspectos em que se sentem privilegiados. Por isso é tão difícil que os indivíduos se unam em prol de objetivos que beneficiem a todos. A procura pelo título de bacharel exprime esta vontade de se mostrar diferente, e portanto, superior aos outros:

A dignidade e importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, podem libertá-lo da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade. [...] O que importa salientar aqui é que a origem da sedução exercida pelas carreiras liberais vincula-se estreitamente ao nosso apego quase exclusivo aos valores da personalidade. Daí também o fato de essa sedução sobreviver em um ambiente de vida material que já a comporta dificilmente. Não é outro, aliás, o motivo da ânsia pelos meios de vida definitivos, que dão segurança e estabilidade, exigindo, ao mesmo tempo, um mínimo de esforço pessoal, de aplicação e sujeição da personalidade, como sucede tão freqüentemente com certos empregos públicos. (HOLANDA, 2000, p.162).

A passagem de Sérgio Buarque de Holanda define o sentimento provocado pelo fato de se tornar um bacharel no Brasil, pois o título de doutor garante a quem o recebe a diferenciação em relação ao resto da população. Mesmo que esse título já não garanta o

retorno financeiro desejável, a atração que ele exerce ainda é inquestionável. Os empregos públicos são o caminho mais procurado por estes bacharéis que buscam garantir satisfação financeira aliada a um emprego que não exija empenho acentuado. Os intelectuais belorizontinos do início do século XX são um exemplo destes intelectuais, pois se tornaram bacharéis e procuraram o apoio do Estado através de empregos públicos para se sustentarem enquanto exerciam suas atividades intelectuais. O título de bacharel proporcionou-lhes meios para se diferenciarem das outras pessoas e garantirem o sustento através do serviço público.

Como evidenciou Sérgio Miceli (1979), até a década de 1930, ser formado em Direito era um passo importante rumo aos cargos dirigentes no Brasil. A burocracia da época, assim como a magistratura e o magistério absorviam estes profissionais, formados nas poucas Faculdades de Direito existentes até então. Bolívar, assim como políticos e intelectuais que vieram para Belo Horizonte no início do século XX, eram formados em Direito e garantiram bons cargos. Bolívar possuía dois requisitos importantes para ocupar estes cargos: a formação e a rede de relações com nomes importantes do cenário político e intelectual mineiro. Da mesma forma que os escritores mineiros, Bolívar se abrigou sob o Estado para garantir sua sobrevivência e de sua família.

A busca pela diferenciação é mais um aspecto da oposição vivida no Brasil entre o público e o privado, entre a família e o Estado. Roberto DaMatta (1997a) estudou esse dualismo brasileiro tomando como princípio a oposição entre a casa e a rua. A casa seria o local do privado e da família, enquanto a rua seria o local do público e do Estado. Os brasileiros estariam sempre buscando permanecer dentro da casa, mesmo quando estivessem fora dela, ou seja, as relações deveriam passar sempre pelo âmbito do familiar, da amizade e da diferenciação e nunca com base em leis que regem a todos sem distinção.

A casa traz em si laços de parentesco, no seio da família as pessoas recebem um tratamento especial, cada uma tem uma importância diante de seus familiares, a casa protege contra os males da rua e propicia a sensação de ser querido e exclusivo. Na rua o clima é impessoal, os indivíduos são iguais perante a lei, não são pessoas com direito a privilégios como em suas casas.

Metáforas e símbolos onde a casa é contrastada com a rua são, pois, abundantes numa sociedade onde a casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais (como é o caso da família norte-americana) e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira. (DAMATTA, 1997a, p.53).

A distinção que DaMatta faz entre pessoa e indivíduo é outra proposta que representa a oposição entre o público e o privado, a casa e a rua. A casa seria o lugar da pessoa, onde ela se vincula a seus familiares, se complementa neles e deles recebe tratamento diferenciado. A rua seria o local do indivíduo, aquele que é igual aos outros e tem um pensamento individual em meio a eles. A rua representa o lado negativo, perigoso, ameaçador da vida. A casa representa uma metáfora da sociedade brasileira na medida em que se mostra um lugar tranquilo e livre de conflitos, a cordialidade do brasileiro se estende da casa para a rua, a amizade e o afeto estão sempre acima dos direitos legais.

Enquanto a casa está repleta de amor e carinho, a rua oferece ameaças das mais diversas formas. Por pertencer ao Estado e a todos os indivíduos, a rua é vista como perigosa, nela há um movimento demasiado, em contraste com a calma da casa. O fato de ser um lugar em comum aos indivíduos não dota a rua de nenhuma qualidade, nenhuma pessoa vai preferir estar na rua a estar em casa com a família e a salvo das ameaças que a rua oferece. Exatamente por pertencer a todos os indivíduos é que a rua se mostra mais perigosa, pois estando eles livres pelas ruas podem se sentir no direito de ferir o direito de alguém e provocar roubos e outros infortúnios.

O perigo oferecido pela rua é sempre reforçado, seja pelos acontecimentos reais, seja pela fala exagerada daqueles que sofreram algo na rua ou ouviram falar de quem sofreu. Dessa forma a sensação de medo e de negatividade em relação a rua se perpetua. Muitas pessoas sentem pavor ao pensar em situações em que estejam na rua e sejam tratadas como uma pessoa qualquer, que não sejam identificadas por suas qualidades ou que passem mal, adoçam, ou pior, morram, fora da esfera da família.

Tudo isso revela gritantemente como o espaço público é perigoso e como tudo o que o representa é, em princípio, negativo porque tem um ponto de vista autoritário, impositivo, falho, fundado no descaso e na linguagem da lei que, igualando, subordina e explora. O ponto crítico da identidade social no Brasil é, sem dúvida, o isolamento (e a individualização), quando não há nenhuma possibilidade de definir alguém socialmente por meio de sua relação com alguma coisa (seja pessoa, instituição ou até mesmo um objeto ou atividade). Nada pior do que não saber responder à tremenda pergunta: “Afinal de contas, de quem se trata?” (DAMATTA, 1997a, p. 59).

Não obstante sejam tão distintos entre si, em alguns momentos os mundos da rua e da casa se encontram. Isto acontece, por exemplo, quando há ritos públicos, do Estado ou da Igreja. O mundo da rua e da casa se deparam nesses ambientes, o mundo da rua adentra o da casa. Por outro lado o mundo da rua pode se encontrar com o da casa quando há encontros ou

festividades nas casas, pois elas se abrem para o mundo exterior, neste momento até mesmo os estranhos podem adentrar os limites do espaço privado, transformando-o por um momento em espaço público. Festas de rua como o carnaval têm o poder de unificar rua e casa, durante esta festa os dois mundos, sempre tão opostos, se unem, para logo depois da folia voltarem a ser diferentes e intransponíveis.

Os saraus, como os promovido pelos Vivacqua e por Bolivar, representam um momento em que o mundo da rua e o mundo da casa se encontram. Nestas festividades pessoas de fora podem adentrar o círculo íntimo da família. Geralmente fechada ao mundo exterior, principalmente para aqueles que não mantêm laços íntimos com a família, as casas se abrem nestes momentos e permitem que haja interação entre o interior e o exterior. Os convidados passam a integrar o espaço da casa, como se naquele momento pertencessem ao ambiente em que se encontram. Os encontros na casa de Bolivar eram ocasiões em que sua família e seus convidados se uniam para apreciar a beleza da música e da literatura. Segundo Habermas (1984), os salões e os cafés tiveram um papel muito importante para a intelectualidade desde o século XVIII. Os escritores e os músicos discutiam primeiramente nestes locais as suas idéias, e após serem corroboradas eram então lançadas ao público. Os modernistas mineiros faziam a mesma coisa nos cafés de Belo Horizonte e no Salão Vivacqua, enquanto os quatro cavaleiros do apocalipse e outros jovens literatos e músicos o faziam na casa de Bolivar. Nesse sentido, os salões das casas passaram a desempenhar um papel importante como espaço de sociabilidade:

Festas familiares tornam-se noitadas em sociedade, a sala da família torna-se sala de recepção, em que as pessoas privadas se reúnem num público. [...] A linha entre a esfera privada e a esfera pública passa pelo meio da casa. As pessoas privadas saem da intimidade de seus quartos de dormir para a publicidade do salão: mas uma está estreitamente ligada à outra. (HABERMAS, 1984, p. 62).

O público e o privado se misturam nos salões, por um lado a convivência nestes locais proporciona o contato com a música e a literatura, por outro lado, a convivência com pessoas de destaque social proporciona oportunidades de se adentrar o mundo das oportunidades, sejam artísticas, intelectuais, profissionais ou políticas.

As famílias da elite brasileira conseguiram lugares de destaque no governo e no serviço público através de suas relações pessoais com figuras importantes do cenário político. As trocas de favores, o coronelismo e outras práticas políticas que privilegiam os laços de amizade e parentesco foram bastante difundidos no Brasil. Em Minas Gerais estas

práticas foram amplamente utilizadas, as elites mineiras se ligavam ao poder por laços de sangue e de amizade.

Belo Horizonte representa um elo entre o projeto moderno de cidade republicana e o modo de vida das famílias que vieram do interior, pois desde a inauguração da cidade muitas pessoas do interior vieram trabalhar na capital, ou seja, vários cargos públicos ficaram nas mãos das elites interioranas ou de seus filhos, então jovens estudantes que chegava à capital a procura de possibilidades melhores de estudo e emprego. Os jovens modernistas vieram para a capital nestas condições, assim como Arduíno Bolívar, como já foi dito acima.

As relações entre o público e o privado na capital, assim como no interior de Minas e no Brasil em geral, foram se aproximando de um domínio da pessoa sobre o indivíduo, da casa sobre a rua, do privado sobre o público. As festas eram os momentos em que esses mundos se encontravam, mas não se misturavam e logo se separavam novamente. O movimento modernista, assim como outros acontecimentos, foram engendrados em um grupo de amigos, em reuniões particulares. As reuniões de Bolívar eram para os familiares e os amigos, e embora contassem com artistas famosos, os recitais eram apreciados apenas por aqueles que se relacionavam com a família. Por mais que pudessem se tornar públicos de algumas forma, estes encontros evidenciam que aqueles que tomavam parte neles pertenciam ao pequeno mundo de uma elite.



Figura 7: Lucia Machado de Almeida, Thereza Christina Bolivar, Monteiro Lobato, Godofredo Rangel e Arduíno Bolivar.

Fonte: PUC – Minas, Centro de Memória
Fundo Arduíno Bolivar



Figura 8: Guignard, Portinari, Arduíno Bolivar, Santa Rosa e Jose Portinari.

Fonte: PUC – Minas, Centro de Memória
Fundo Arduíno Bolivar



Figura 9: Arduíno Bolivar e sua filha Thereza Christina na casa da Rua Paraíba.

Fonte: PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar.



Figura 10: Angelina Bolivar, Arduíno Bolivar Filho e Arduíno Bolivar.

Fonte: PUC – Minas, Centro de Memória

Fundo Arduíno Bolivar



Figuras 11 e 12: Maria Tereza Fontes Bolivar, Mãe de Arduíno Bolivar.
Cândido Malaquias Bolivar, Pai de Arduíno Bolivar.

Fonte: PUC – Minas, Centro de Memória, Fundo Arduíno Bolivar.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do perfil biográfico de Arduíno Bolivar, pode-se retratar um momento da vida social e intelectual de Belo Horizonte. Este fato é possível porque a documentação sobre Bolivar permite que sejam reconstituídos alguns episódios de sua vida, assim como de algumas pessoas que estavam à sua volta e até mesmo determinados eventos ocorridos na capital mineira. A pequena elite belorizontina, freqüentada por Bolivar, nos é apresentada através de sua história. A amizade de Bolivar com os membros dessa elite, sejam de sua geração, sejam da geração dos modernistas ou ainda da geração de 1945, nos mostra como a convivência entre eles se dava de forma amigável e afetuosa. Os encontros na cidade e, principalmente, na casa de Bolivar, são retratados de forma a nos transportar para o ambiente das noites de festas e saraus. A presença dos amigos de Bolivar em sua casa, quase diariamente, nos revela seu gosto em receber e em trocar experiências com estas pessoas.

A formação de Bolivar nos remete ao Colégio do Caraça e à importância deste local para as gerações que ali estudaram. Assim como Bolivar, muitos dos alunos do Caraça ficaram conhecidos por suas qualidades humanistas. O magistério foi exercido durante muitos anos por Bolivar, mas ao que tudo indica ele não tinha vocação para ensinar, preferia se dedicar às traduções, estas sim feitas com gosto e dedicação. Como as eventuais publicações das traduções não rendiam o suficiente para sustentar a numerosa família, Bolivar precisava de outros empregos, como o de professor. As traduções de Bolivar ficaram famosas pelo esmero com que ele as fazia. Muito exigente, Bolivar costumava refazê-las inúmeras vezes, até que ficassem a seu gosto.

As relações de Bolivar com os amigos renderam-lhe também colocações no serviço público. A burocracia é outro tema da vida de Bolivar que nos mostra como foi constituída a máquina administrativa em Belo Horizonte e como os cargos foram preenchidos na cidade. Sede da administração mineira, Belo Horizonte foi ponto de referência em assuntos burocráticos. Muitos dos mineiros do interior que vieram para a capital em busca de melhores condições de vida conseguiram se colocar em alguns dos diversos cargos oferecidos na capital.

O acesso aos cargos se dava pela via das relações pessoais, pois praticamente inexistiam concursos para o preenchimento de vagas, fossem nas escolas, nos tribunais ou nas secretarias municipais e estaduais. Ainda hoje as relações de sangue ou amizade podem

prevalecer para que se consigam empregos, mesmo em órgãos públicos, pois apesar de serem obrigatórios os concursos, muitas pessoas são contratadas à velha maneira.

Cidade administrativa, como ficou conhecida, Belo Horizonte foi, no início do século XX, uma cidade que se pretendia moderna. Em alguns aspectos o era mesmo, mas em outros estava muito próxima da tradição. Essa oposição entre o tradicional e o moderno marcou, e ainda marca a vida da capital mineira. Os jovens modernistas belorizontinos também experimentaram esta oposição, assim como Arduíno Bolívar. Os modernistas estavam ávidos por mudanças, mas suas raízes não foram esquecidas, o modernismo bebeu na fonte da tradição. Bolívar, legítimo representante das velhas idéias, de formação tipicamente tradicional, conviveu e interagiu com os modernistas e com as gerações mais novas de maneira amistosa. Neste momento se encontram o tradicional e o moderno, como não poderia deixar de ser, pois não há purismos, as novas e as velhas idéias convivem por longos períodos, não há rupturas abruptas.

Assim como a oposição entre o tradicional e o moderno perpassa a história de Belo Horizonte e seus personagens, a esfera pública e a privada se confundem, não só em Belo Horizonte, mas no Brasil de forma geral. A esfera pública brasileira, bloqueada em sua formação, não permitiu que se alcançassem níveis elevados de impessoalidade na administração pública. O personalismo dominou as relações em Belo Horizonte, assim como no resto do Brasil.

Na sua vida pública Bolívar trabalhou para a burocracia ou diretamente com alguns políticos, como Arthur Bernardes. Em sua vida privada Bolívar foi o homem caseiro que a todos convidava para sua casa, gostava de freqüentar as livrarias, mas os cafés nem tanto. Os amigos de Bolívar partilhavam da intimidade de sua casa, eles a freqüentavam com assiduidade, por sua sala passaram diversos intelectuais e artistas.

Bolívar pode ser visto como um elo de ligação entre o novo e o velho, o tradicional e o moderno, ou ainda, entre o homem público e o homem privado. Assim como a cidade de Belo Horizonte estava carregada de ambigüidades, estava Bolívar, senão ambíguo, ao menos marcado pelas tensões entre estes pólos. Não há ortodoxia quando se fala em moderno / tradicional ou público / privado, estas relação estão sempre em convivência, ou mesmo em conflito entre si, e destes conflitos surgem novas formas de viver e pensar a cidade e seus habitantes.

Este trabalho foi uma tentativa de traçar o perfil biográfico de Bolívar em relação com a cidade de Belo Horizonte e com seus moradores, mais especificamente a pequena elite intelectual da primeira metade do século XX. A trajetória de Bolívar revelou traços da vida da

cidade e das relações de poder que nela imperavam. Mapear as instituições em que Bolívar trabalhou na capital, assim como as pessoas com as quais conviveu permitiu que se conhecesse algo além de sua intimidade. A amizade de Bolívar com alguns escritores e com os políticos mineiros, a convivência no *Diário de Minas*, nas faculdades e nos cargos públicos que ocupou, revelaram não só o seu perfil biográfico, mas também parte importante da vida cultural e institucional de Belo Horizonte.

Delinear a trajetória de Bolívar só foi possível graças a pesquisa em documentos doados por sua família à PUC-Minas. Muito pouco havia sido escrito sobre ele, os documentos foram oferecendo pistas sobre a atuação de um homem que nasceu no final do século XIX e viveu na cidade até 1952. Cada carta, cada fotografia, cada documento pessoal trazia uma informação. Juntar estas informações e produzir uma história inteligível não foi tarefa fácil, mas ao final, compensadora. Os depoimentos orais de familiares e daqueles que conviveram com Bolívar contribuíram sobremaneira para a construção deste trabalho, pois em cada declaração havia um aspecto novo, um ângulo diferente da personalidade de Bolívar.

A história de vida de Bolívar contribuiu para se pensar questões sobre a cidade e os homens de seu tempo. A diversidade cultural em que este homem estava inserido foi campo fértil para se pensar a sociedade em que viveu. O perigo que um trabalho com este oferece é que ele pode se transformar num elogio da pessoa retratada, se não forem tomados alguns cuidados na condução das investigações. Neste caso houve grande esforço para que isto não acontecesse.

Aliando a sociologia e a história para construir o perfil biográfico de Bolívar, o que se tentou foi relacionar o homem, seus feitos, suas relações sociais e seu tempo. De um lado a sociologia ofereceu o suporte necessário para se pensar os conceitos centrais surgidos das questões apresentadas na trajetória de Bolívar, do outro a história supriu as necessidades de uma contextualização do momento em que estavam inseridos Bolívar e a cidade de Belo Horizonte.

FONTES:

Entrevistas orais:

Amaryllis Bolivar Drumond – única filha viva de Arduíno Bolivar

Francisco Carlos Ferreira da Silva – sobrinho-neto de Bolivar

José Bento Teixeira de Salles – Ex-aluno

Adauto Rebouças – Ex-aluno

Manoel Hygino – Jornalista, escritor e amigo da família Bolivar

Fontes pertencentes ao Centro de Memória da PUC Minas:

Fontes digitais:

CD Room contendo grande parte do acervo documental de Arduíno Bolivar. Produzido por equipe da PUC Minas em projeto financiado pela FAPEMIG.

Vídeo documentário sobre Arduíno Bolivar. Produzido por equipe da PUC Minas em projeto financiado pela FAPEMIG.

Fundo Arquivístico Arduíno Bolivar, contém documentação textual de Bolivar, uma parte organizada e outra em organização. A parte organizada, datada de 1844 a 2001, está dividida nas seguintes séries:

Correspondência

Fotografia

Diversos

Periódico / Recorte de Jornal

Tradução

Documentos pessoais

Bibliografia

Fontes pertencentes à Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro:

17 cartas de Bolivar a Carlos Drummond de Andrade, pertencentes ao acervo do poeta mineiro que está organizado na Fundação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.15, n.8, p. 303-330, jun-dez, 2000.

ALAMBERT, Francisco. A irresistível presença de Macunaíma. **Nossa História**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 58 - 61, nov. 2003.

ALONSO, Ângela. A experiência inglesa de Joaquim Nabuco. In: 29º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambu, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Boa noite, querido Arduíno. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 22 ago 1952.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. **A Belo Horizonte dos modernistas**: representações ambivalentes da cidade moderna. Belo Horizonte: PUC Minas / C/Arte, 2004.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. Belo Horizonte: imagens da cidade, vida social e intelectual: 1897-1930. **Cadernos de Ciências Sociais**, Belo Horizonte, v.5, n.8, p. 66-80, dez. 1997.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. Modernismo e ambivalência na representação literária de Belo Horizonte. **Revista de Ciências Sociais**, v.32, n.1/2, p.30-40, 2001.

ANDRADE, Mariza Guerra de. **A educação exilada**: Colégio do Caraça. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ANDRADE, Rodrigo Ferreira, MAGALHÃES, Beatriz de Almeida. **Belo Horizonte**: um espaço para a república. Belo Horizonte: UFMG, 1989.

ANJOS, Cyro dos. **A menina do sobrado**. 2.ed. rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

ANJOS, Cyro dos. **O amanuense Belmiro**. 16.ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2001.

ANTIPOFF, Helena. Mestre Arduíno Bolivar. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, dez. 1973. Suplemento Pedagógico.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARON, Raymond. Max Weber. In: ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 461-540.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade**: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. A modernidade possível: cientistas e ciências sociais em Minas Gerais. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Sumaré, 2001.v.1.

ÁVILA, Affonso. Nas vertentes da semana de 22: o grupo mineiro de A Revista. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, ano 66, v. LXVI, jan./fev 1972.

AZEVEDO, Jorge. Arduíno Bolívar. In: VILELLA, Mauro Mendes (org.). **Grandes mestres do passado em Minas**. Belo Horizonte: Academia Municipalista de Letras de Minas Geris, 1983. p. 39-44.

AZEVEDO, Jorge. **Eles deixaram saudade**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966. p. 81-90: Arduíno Bolívar.

BARROS, José Márcio. Cidade e identidade: a avenida do Contorno em Belo Horizonte. In: MEDEIROS, Regina (org.). **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Autêntica, Puc Minas, 2001.

BELLAVANCE, Guy. Proximidade e distância da cidade: a experiência da cidade e suas representações. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, UERJ, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, 1999.

BOLIVAR, Arduíno. Introdução. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo horizonte, v.1, ano 25, jul. 1937.

BOMENY, Helena. **Guardiões da razão**: modernistas mineiros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Edições Tempo Brasileiro, 1994.

BUENO, Antônio Sérgio. **O modernismo em Belo Horizonte**: década de vinte. Belo Horizonte: UFMG / PROED, 1982.

CANÇADO, José Maria. **Os sapatos de Orfeu**: biografia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Scritta, 1993.

CARVALHO, José Murilo de. **A escola de minas de Ouro Preto**: o peso da glória. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

CARVALHO, Maria Alice de. **Quatro vezes cidade**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

CASASSANTA, Mário. **As razões de Minas**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1932.

CASASSANTA, Mário. Imagens de Arduíno Bolívar. **Kriterion** – Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 21/22, p. 283-301, jul./dez. 1952.

CORRÊA, Oscar Dias. FALABELLA, Nicola. **De beca, borla e carpelo**. Belo Horizonte: Editora Comunicação, S/D. p.22: Arduíno Bolívar.

CUNHA, Alécio. Fragmentos bolivarianos. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 27 abril 1997. Cultura, p.1-3.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Horizontes modernistas**: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

DIAS, Fernando Correia. **A imagem de Minas**: ensaios de sociologia regional. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.

DIAS, Fernando Correia. Gênese e expressão grupal do modernismo em Minas. In: ÁVILA, Affonso (org.). **O modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

DIAS, Fernando Correia. **O movimento modernista em Minas**: uma interpretação sociológica. 1968.113f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

DOMINGUES, José Maurício. A cidade: racionalização e liberdade em Max Weber. In: SOUZA, Jessé (org.). **A atualidade de Max Weber**. Brasília: UnB, 2000a. p.209-233.

DUARTE, Nestor. **A ordem privada e a organização política nacional**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

DULCI, Otávio Soares. As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia. **Ciências Sociais hoje**, São Paulo, p.7-29, 1984.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESTEVES, Paulo Luiz Moreaux Lavigne. Cordialidade e familismo amoral: os dilemas da modernização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.13, n.36, fev. 1998.

FALCON, Francisco. História das idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo, MAUAD (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 10.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

FILHO, Camponizzi. O magistrado Arduíno Bolívar. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, dez. 1973. Suplemento Pedagógico.

FILHO, Evaristo de Moraes (org.). **Georg Simmel**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

FRADE, Wilson. **Poemas de um livro só**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p.69: Belo Horizonte.

FRADE, Wilson. O velho mestre. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 set. 1973. p.3.

GIDDENS, Anthony. Max Weber. In: GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2000. p.175-251.

GIL, Gilson. Utopia ou pluralidade: o dilema da metrópole moderna. **Cadernos de Ciências Sociais**, Belo Horizonte, v. 5, n.8, p.9-18, dez.1997.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Lisboa: Gradiva, 2000.

IGLESIAS, Francisco. Modernismo: uma reavaliação da inteligência nacional. In: ÁVILA, Affonso (org.). **O modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas, Mercado de Letras, 2001.

KRAMER, Paulo. Alexis de Tocqueville e Max Weber: respostas políticas ao individualismo e ao desencantamento na sociedade moderna. In: SOUZA, Jessé (org.). **A atualidade de Max Weber**. Brasília: UnB, 2000b. p. 163-196.

LEÃO, Múcio. Arduíno Bolívar como tradutor. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, dez. 1973. Suplemento Pedagógico.

LOPES, Carlos Herculano. Passeio lendário. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 mai. 2004. Cultura, p.1.

MARTINS, José de Souza. As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil. In: **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

MELLO, Ciro Flávio Bandeira de. A noiva do trabalho – uma capital para a República. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: DIFEL, 1979.

NAVA, Pedro. **Beira-mar**: memórias 4. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

NEVES, Lucília de Almeida. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo horizonte: Autêntica, 2006.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória e história: potencialidades da história oral. **Art Cultura**, Uberlândia, vol. 5, n.6, p. 27-38, jan/jun/2003.

NISBET, Robert. Conservantismo. In: BOTTOMORE, Tom, NISBET, Robert (orgs.). **História da análise sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

PARREIRAS, Elizabeth, XAVIER, Herbe. Imagens da Belo Horizonte de Pedro Nava. **Revista do Departamento de História**, Belo Horizonte, n.3, p. 86-100, 1997.

PARREIRAS, Elizabeth. Cidades da América Latina: modernas ou modernizadas? **Revista do Departamento de História**, Belo Horizonte, n.7, p.49-56, 2001.

PAULA, João Antônio de. **Raízes da modernidade em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros**: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PONTES, Heloísa. **Os críticos do grupo clima em são Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RINGER, Fritz. **O declínio dos mandarins alemães**. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: EDUSP, 2000.

ROCHA, Gilmar, OLIVEIRA, Silvana Seabra. Cidade à deriva. **Cadernos de Ciências Sociais**, Belo Horizonte, v.5, n.8, p. 36-65, dez. 1997.

SALLES, Joaquim de. **Se não me falha a memória**. São Paulo: Instituto Moreira Salle: Ed. Giordano, 1993.

SCHORSKE, Carl. A cidade segundo o pensamento europeu: de Voltaire a Spengler. **Espaço e Debates**, ano IX, 1989, p. 47-57.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Margaret Abdulmassih Wood da. **A Revista**: contribuição para o estudo do modernismo em Minas Gerais. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1984. (Dissertação, Mestrado em Letras).

SIMMEL, Georg. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. In: OËLZE, Berthold, SOUZA, Jessé (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998a. p.41-77.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O.G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 11-25.

SIMMEL, Georg. Da psicologia da moda: um estudo sociológico. In: OËLZE, Berthold, SOUZA, Jessé (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998b. p. 161-170.

SIMMEL, Jorge. El secreto y la sociedad secreta. In: SIMMEL, Jorge. **Sociología**: estudios sobre las formas de socialización. Buenos Aires: Espasa-calpe, 1927. v.1, p. 331-392.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: OËLZE, Berthold, SOUZA, Jessé (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998c. p. 23-40.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. In: OËLZE, Berthold, SOUZA, Jessé (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998d. p. 109-117.

SOUZA, Jessé. A crítica do mundo moderno em Georg Simmel. In: OËLZE, Berthold, SOUZA, Jessé (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998e. p. 9-20.

TEORIA E SOCIEDADE (Revista dos departamentos de Ciência Política e de Sociologia e Antropologia – UFMG). Belo Horizonte, Número especial: Imagens de Minas – Homenagem a Fernando Correia Dias. 2004. Vera Alice Cardoso Silva (org.).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELLOS, Salomão de. **Elogio de Arduíno Bolívar**. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 1953.

VIVACQUA, Eunice. **Salão Vivacqua**: lembrar para lembrar. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**: jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WIRTH, John. Minas e a nação: um estudo de poder e dependência regional 1888-1937. In: **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1975. t. 3, v.1, p. 76-99.

ANEXOS:

Anexo A – Boletim do Colégio do Caraça – 1891/92

COLLEGIO DO CARAÇA
(MINAS)

NOTAS DO 1.^o TRIMESTRE DE 1891-92.

VALOR DOS NUMEROS:

6 — Optimo. 5 — Quasi optimo. 4 — Bom. 3 — Soffrivel
2 — Quasi ruim. 1 — Ruim. 0 — Nullo. Pessim.

Alumno Adriano Fontes Polver

mereceu neste trimestre as seguintes notas gerais.

	No Salão	Nos Aulas
	Procedimento 4 4 4	Procedimento 6 6 6
	Applicação 6 6 6	Aproveitamento em

OBSERVAÇÕES

Arithmetica 6

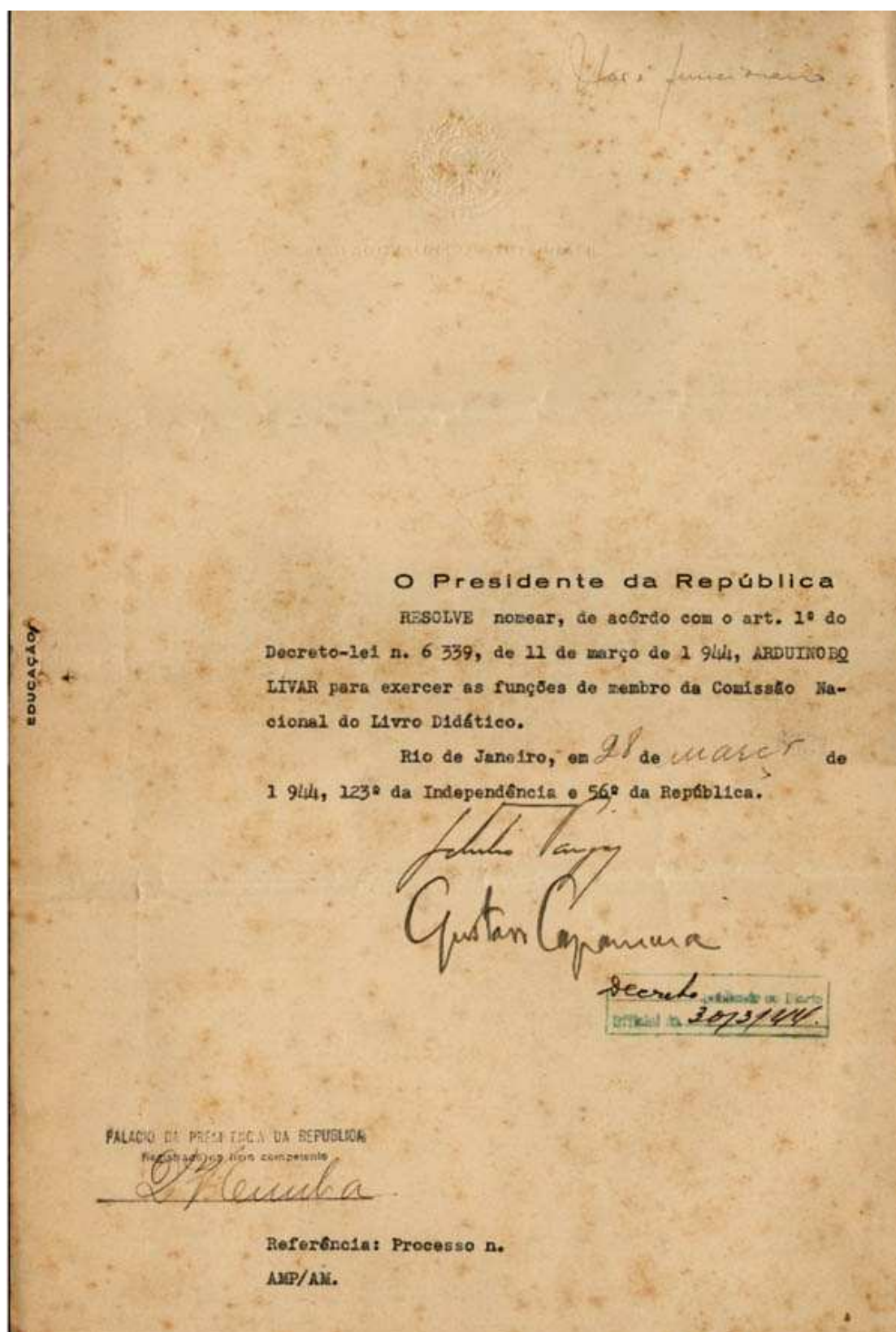
Philosophia 5

Historia 6

O SUPERIOR

Pae *Luiz G. Brandão*

Anexo B – Nomeação para membro da Comissão Nacional do Livro Didático – 1944



Anexo C – Atestado de Óbito – 1952


REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
ESTADO DE MINAS GERAIS
Terceiro Subdistrito de Belo Horizonte

Cartório Registro Civil
3.º SUBDISTRITO
ALBERTO GOMES DA FONSECA
Rua Guaraní, 600 - Fone 22.0958
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

ALBERTO GOMES DA FONSECA, Oficial do
Registro Civil das Pessoas Naturais, por serventia vitalícia,

LIVRO DE ÓBITOS N.º 280
 Fls. 65
 N. DO TERMO 20.418

CERTIFICA, que, do livro de Registro
 de Óbitos do Cartório a seu cargo, termo e folhas citados, consta que o Senhor
Dr. Carlos Bolívar Moreira xxxxx, com atestado
 firmado pelo Doutor Nello Campos xxxxx,
 que deu como causa da morte Sufocação, Aneurisma da aorta torácica
xxxxxxxxxxxxxx,
 declarou que no dia 15 de agosto de 1952 xxxxxx, às 4 horas,
 nesta Capital na Avenida Augusto de Lima 279 xxxxx
 faleceu o Professor ARQUIVO FONTES BOLIVAR XXXXX,
 do sexo masculino xx, de cor, branco xxxxx com a profissão
 de advogado xxxxx, com a idade de setenta e oito
(78) anos xxxxx, estado civil casado,
 natural de Vigosa neste Estado xxxxx, filho de
Cândido Malaguães Bolívar e de dona Maria Teresa Fontes Bolívar
xxxxxxxxxxxxxxxxxx
 O sepultamento foi feito no cemitério dessa capital xxxxxx
OBSERVAÇÕES Era casado com dona Angelina Murer Bolívar, que lhe
sobrevive e de cuja extinta união deixa sete filhos maiores: 1
Arquino, 2 Teresa Cristina, 3 Maria Teresa, 4 Aluísio, 5 Maria Inês
6 Angelina e 7 Anaylia. Deixou bens. Residia no local onde faleceu
xxxxxxxxxx
xxxxxxxxxx
xxxxxxxxxx
xxxxxxxxxx
xxxxxxxxxx
 O referido é verdade, do que dá fé.
 Belo Horizonte, 21 de maio de 1969 xxx
Helena Soares E. Juramentada

ricamente mobilhado com lavatorio de marmore com espelho,
 guarda-casaca bellissimo com espelho de crystal, commoda, ora-
 do mudo e um leito de ferro nichelado, com colgar de mola,
 e frisos dourados, como nunca vi equal em parte alguma.
 Até tive vontade de tirar uma photographia de tudo para
 mandar-lhe... Estou no Commercio e arranjer mais duas
 aulas, com que espero viver sem sobresaltos, e até com certo
 conforto, até o fim do anno. As cousas por aqui vão mal,
 esperando-se, entretanto, algum fim a essa crise insupportavel
 que de ha muito nos infelicita. Por estes dias, como
 escrevi ao Paul Plota, tenciono entrar como sollicitador no
 escriptorio de algum dos bons advogados daqui, para pra-
 ticar em advocacia, e assim de não fazer feio quando ter-
 nha de trabalhar no fóro dahi. ~~Até lá~~ Vm. é recebu
 a carta que lhe escrevi de viagem, na Barra de Piraty?
 entregou ao Plota a outra carta que lhe escrevi e metteu
 dentro do envelope em que ~~fahei~~ a que escrevi, pe-
 todora Vm. que lh'a entregasse em mãos pro-
 pria? ... Poco-lhe entregar, quanto antes, a elle pro-
 prio a carta, que é importante e reservada. Li a Com-
 pre vier ahi por esses dias, Vm. é lhe diga qui qual
 quer destes dias ella receberá carta minha. Desejo
 que Vm. me responda ou faça responder esta, quan-
 to antes. Mando-me noticias minuciosas de tudo e
 de todos: para esse fim, Vm. pode consultar alguma
 das moças de Uba (qualquer dellas), pois, francamente,
 eu nunca vi gente mais curiosa e alvixareira... Por
 falar nellas, que têm dito de mim? Li heu, Vm. pode
 dizer-lhes, de minha parte, as mais cordiaes amboras; eu
 mal, Vm. é pode dizer-lhes que... que eu estou gordo,
 forte, espirituoso e, sobretudo, ancioso para lá ir
 novamente hir-me beatificamente das parvoices
 dellas... Até lá! Depois ajustaremos as contas.
 Vintas a Urica e ao Henri, ao Carlos e familia, bençãos a
 Carlos Bolivar e peço-lhe responder com a agencia ao
 filho amante e amigo.

Arduina

Anexo E – Carta de Bolivar para sua esposa Angelina – Rio de Janeiro, 1925

COLLEGIO PEDRO II
INTERNATO
BIBLIOTHECA

Rio, 18 maio 1925.

Angelina:

Aqui cheguei hoje, tendo feito
vôa viagem. Encontrei o Arduini-
nho bem de saúde e estou me esfor-
çando a vê-lo consigo fazê-lo fi-
car. Vim aqui p.^a o Collegio às
9 da manhã com o Baydovinos e
aqui almoçamos. O Collegio é m^{to}
bom, ^{cheio de} professores e demais pessoal
muito amáveis.

Vou sair com elle a passeio e
fazer algumas compras. Depois,
irei à casa de Mello, ao Callado
e à casa da Carmen Braga.

Esquaci-me de repórter licença ao
Sr. Salvador p.^a me ausentar. Ali
vai esse repórter², é v. entra-

gará ao Sr. Edgardo em um sr. Des.
rancha. Si eu resolver bem tudo
até amanhã, regressarei pela
nocturna de 3^h.

Minha mala no Blumen-
nense Hotel, q' é próximo à Est.
É a menos longe do Collegio.

Para alli eu ~~depois~~ poderei
poderei mandar alguma cor-
respondencia, si houver urgen-
cia.

Bom. Adeus, fidei e exerecerem
amada. Este e o regularm^{te} vai
em carta expressa.

Bençãos ao menino e abra-
ços a todos.

Arduim.

Anexo F – Correspondência de Bolívar para Carlos Drummond de Andrade – 1947

R. 23. XII. 47 16 Dezembro 1947
 Carlos: Av. Aug. de Lima, 523.
 Depois de uma viagem imper-
 nal num rápido atulhado de
 romeiros de Urucânia, eis-me
 reintegrado nos meus penates.
 Com a devida vênua volto
 a paralisar a V. com a
 renova. de mais uma tentati-
 va de tradução pt. o suplemen-
 to dominical da "A Manhã".
 Não me tendo mais encon-
 trado com V., pedi ao Sr.
 Melo que avisasse
 ao homem do jornal que
 o pagamento poderia ser

-16-
 CDA-CP-02315

feito à Teresinha (Teresa
 Cristina Bolívar) residente
 à rua Princesa Isabel, 31,
 e q. ^{me} voce escrever hoje
 mesmo incumbindo-a de
 ir buscar o dinheiro.
 Não encaregará V. dessa
 grave missão, porque V. me
 disse q. não tinha entendimen-
 to directo com o gerente
 de "A Manhã", tanto que recor-
 reu ao Ciro p. a entrega dos primeiros versos.
 Lembranças de todos
 a quem de casa a V. e a todos
 os meus.
 Na próxima ida aí irei
 "bater papo" sua sua casa.
 Adeus!
 Arduina

Anexo G – Correspondência de Raul Soares para Bolivar – 1903

RAUL SOARES DE MOURA
 1888
 ADVOGADO
 Santa Luzia do Carangola
 MINAS

Santa Luzia, 1.º de Junho de 1903

Illm. Int.

Arduo...

Recebi hoje o teu bello postal e
 fiquei muito satisfeito com a tua amabili-
 dade. Espero-te por toda esta se-
 mana. Telegrapha-me.

Poderias vir mesmo sem dinheiro, pagar
 aqui ou te arranjar o que precisares.
 Na minha casa dar-te-ei hospedagem.
 Que condição, certamente ficarás mor-
 tando comigo, não?

Estou muito feliz para apertar-te
 na tua casa.

Tua homenagem depois hoje.
 Um abraço

Do Raul

Anexo H – Correspondência de Afrânio de Mello Franco para Bolívar – 1905

AFRÂNIO DE MELLO FRANCO
 ADVOGADO

Reservada.

Meu charo Ardino,
 Um abraço affectuoso.
 O João Burogo está muito ansioso a sair de Ilhé.
 Conhecendo o teu antigo desejo, folia as de folia em
 tua remoção; elle, porém, acredita que já não que-
 reria mais sair de Carayola - ao menos por agora.
 por motivo do contracto que firmaste para as cobran-
 ças dos impostos municipais, transferidos ao Estado.
 Se pretendes ainda a remoção, exerce-me logo e
 também ao Carlos Páez. Não te esqueças, po-
 rém, que esta carta é reservada.
 Recebe mais outro abraço do teu
 Afrânio
 16-abril-1905.

Anexo I – Correspondência de Arthur Bernardes para Bolivar – Viçosa, 1915

ARTHUR DA SILVA BERNARDES

Viçosa, 18-6-1915.

Amigo,

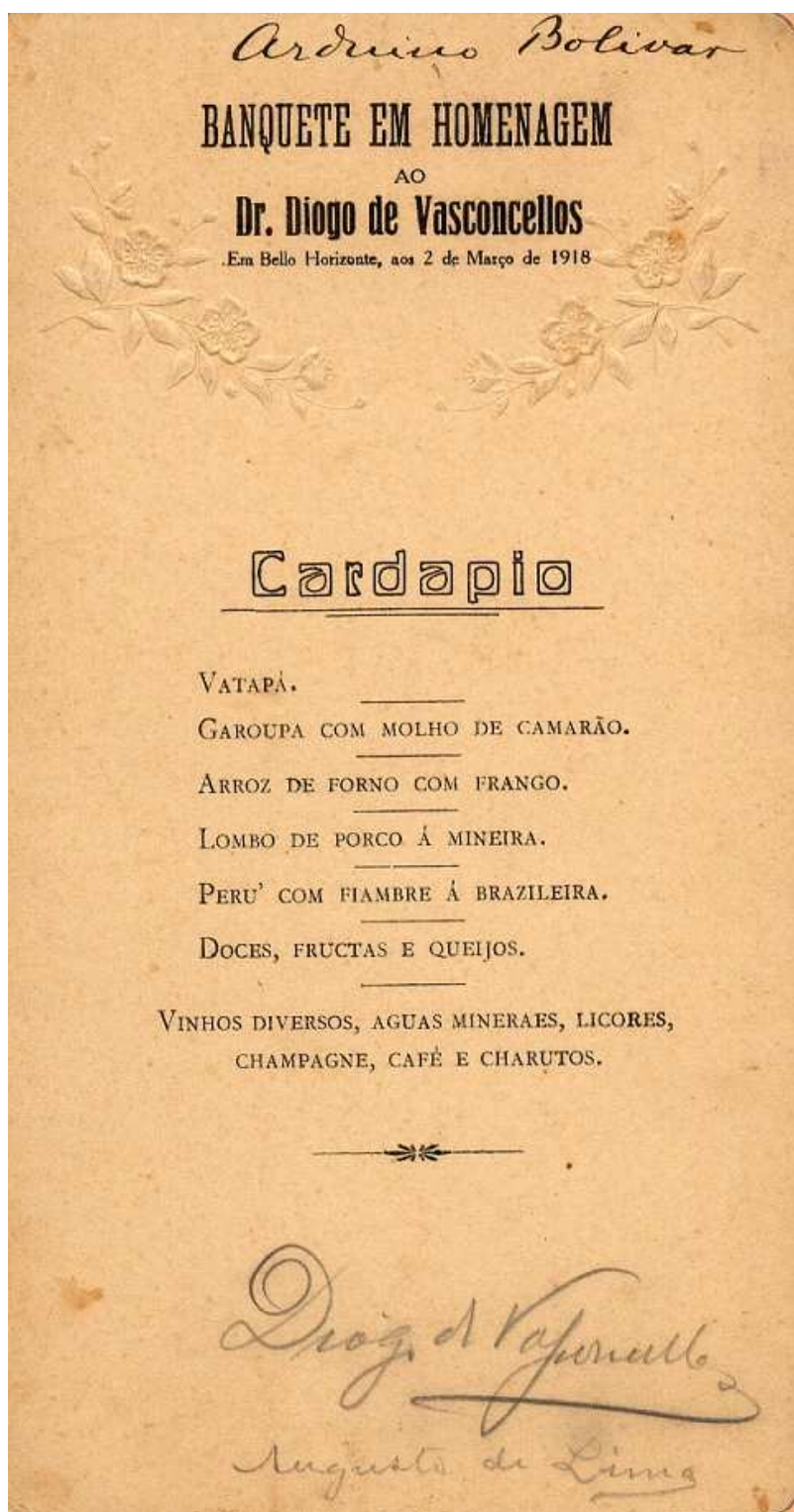
Muito saúdo cordial
e votos pela felicidade de todos p.
te dejem respeito.

Vou agradecer-te a carta de
11 e interesse tomado pelo pagam.
das pontes aqui feitas por ^o do Es.
tado. Minha insistencia se justifica
na pela abertura da Cam.^a em ma-
teria de pagamentos de taes construc-
ções. Os operarios vivem, como salies,
do salario diuturno.

acompanhei as noticias de vida e
volta a L. Paulo, onde devereis ter por
poucos dias agradaveis, posto que sau-
doso. Não me demore a regressar
ao Rio. Vireis nosso aos teus e alunos
do ann.^o de sempre

Arthur.

Anexo J – Convite a Bolivar para banquete em homenagem a Diogo de Vasconcellos – 1918



Anexo L – Correspondência de Carlos Drummond de Andrade para Bolivar – Rio de Janeiro, 1943



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
GABINETE DO MINISTRO

Meu caro Medeiros:

Hoje me é dado mandar-lhe
uma palavra sobre a pretensão
do Medeiros, que merece do Ca-
peneira toda a simpatia - mas
simpatia de cidade, miúda
e não apenas formal.

A falta de qualquer boa
colocação disponível fez com
que oferecêssemos ao rapaz o
lugar de escriturário auxiliar

(600 angostos - perspectiva de concursos próximos). O oferecimento não o seduzia. Insisti, mas ele preferia outras oportunidades, que talvez existissem na Condessa ou na Sociedade Amiga da América, onde o curso prático não teria aplicação. Diante do pouco de vista do Adalberto, nada podemos fazer. De fato, o lugar de que dispúnhamos não era grande coisa - seja como simplesmente seja como entidade.

Mande suas notícias, sempre sabendo que seu amigo, discípulo e fan afetuoso, que o abraça, (Caly Amaro)

Rio, 3. 8. 43

Anexo M – Correspondência de Carlos Drummond de Andrade para Bolívar – Rio de Janeiro, 1951

Rio, 30 setembro 1951.

Meu caro Arduíno:

Isolado e eu ficamos muito relembrados à bondade de suas palavras por motivo do falecimento de Lenauir, e aqui me faço o nosso melhor agradecimento.

Amado com saudade de V., e desejo de que não venha nenhum trabalho o haja por aqui ou me leve até aí, para me retemperar ao sabor de sua bela conversa.

O abraço afetuoso e gratidão de sempre.

Carlos

Anexo N – Correspondência de Carlos Drummond de Andrade para Angelina Bolivar – Rio de Janeiro, 1979

Rio, 7 de fevereiro, 1979.

Cara D. Angelina:

O Aracatinho esteve em nossa casa, em companhia de dois brotos lindíssimos, trazendo uma lata da melhor goiabada do mundo, presente da Lila.

Foram momentos curtos mas agradáveis de papo, em que naturalmente falamos sobre a senhora e lembramos a figura muito querida do Dr. Arquino.

Como esqueci de pedir o endereço da Lila, a senhora se fará o obséquio de transmitir-lhe nossos agradecimentos pelo delicioso presente e pela idéia gentil que teve.

O s abraços, meus e de Dolores, vão com muito carinho para a senhora, a quem desejamos saúde e paz.

Seu grato amigo de sempre

Carlos Drummond

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)